

@verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR



www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 26 de Setembro de 2014 • Venda Proibida • Edição Nº 306 • Ano 7 • Fundador: Erik Charas



Celebramos o jubileu do início da Luta Armada de Libertação de Moçambique

Destaque PÁGINAS 14-17

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441
averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



JA diz que o Estado “ignora” a sociedade civil



Liderança do Moçambola joga-se em Nampula



“Os músicos são maltrapilhos”

Sociedade PÁGINA 04

Desporto PÁGINA 22

Desporto PÁGINA 27

Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no

 [@verdademz](https://twitter.com/verdademz)

 @LGasolina #PRM apreende uma grande quantidade de #marfim enterrada numa residência em #Nampula. [pic.twitter.com/3PXvC6b1H5](http://verdademz.pic.twitter.com/3PXvC6b1H5)



 @TheRealWizzy Esse merece prisão perpetua. RT @verdademz: Cidadão está preso por posse órgãos humanos em Mocuba bit.ly/XRPptv

 @verdademz Segue #Moçambola2014 no Twitter @DesportoMZ: Jornada 22 resultado final Liga Muculmana 0-1 Desportivo de Maputo (Jojo 67') @DemocraciaMZ: Muito interessante @adelsonmz: Se #Moçambique tivesse 100 pessoas #Mozambique <http://t.co/9jNZDS3qea>

 @didiotekitemo “@ DesportoMZ: MT @ FIBAAFRICA: #Egipto #Mali #Argélia #Moçambique as 4 seleções qualificadas para #FIBAAfricaU18W #finalfour” #Carrega_Moz

 @cristovaobolach duas viaturas embatem-se na #EN1 em #Mocuba, sem criar vítimas mortais, mas danos avultados nas viaturas. [pic.twitter.com/fbCS8VG9U1](http://verdademz.pic.twitter.com/fbCS8VG9U1)



 @ValdoEstevao93 “@ DemocraciaMZ: #Escócia rejeitou a independência em plebiscito realizado na quinta, com mais de 80% de participação” #Democracy

 @TheRealWizzy “@ verdademz: Menores vivem desamparados na Maganja da Costa #Moçambique verdademz.nacional/49041 pic.twitter.com/JNH9zvqMwl” Muito mau!

 @CMelotte RT @ verdademz: #Maputo está infestada de lixo por causa da falta de consciência em ... m.tmi. [@DemocraciaMZ: Saúde #Moçambique tem défice anual 200 milhões USD mas Governo gastou 300 milhões USD em barcos](http://me.1eKtQV) <http://t.co/SCfueG388v>



Editorial
averdademz@gmail.com

Que país pretendemos construir?

Moçambique é, de acordo com a Constituição da República, um Estado de Direito, baseado no pluralismo de expressão, na organização política democrática, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais do homem. Nesse sentido, sem a preocupação rigorosa com a definição do termo, entende-se que a Democracia não pressupõe apenas a liberdade de os indivíduos escolherem os seus representantes, mas também ela assenta na cultura cívica, uma vez que se trata de um aspecto importante na consolidação democrática. A cultura cívica deve ser demonstrada por via da tolerância, da liberdade política e, também, através da união, não obstante as nossas diferenças ou cores partidárias.

Porém, nos últimos dias, sobretudo desde o arranque da campanha eleitoral, a realidade tem provado o contrário, levantando, assim, algumas questões relativamente ao modelo de país que pretendemos construir para as gerações vindouras. Especificamente, nesta semana, assistimos, inquietos e perplexos, à reiteração de uma atitude que, impetuosamente, mancha a nossa jovem Democracia, protagonizada por um grupo de membros e simpatizantes do partido Frelimo na província de Gaza, frustrando as melhores expectativas criadas pelas declarações de cessar-fogo assinadas recentemente, e não só.

No seu generalizado subdesenvolvimento político e na sua cegueira partidária, aquele grupo de indivíduos usou a violência para impedir que o candidato a Presidente da República pelo Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e os seus seguidores fizessem o seu trabalho de caça ao voto naquela circunscrição geográfica. A província é tida como bastião da Frelimo, mas isso não constitui motivo para justificar actos de má conduta eleitoral.

Esse facto vergonhoso vem provar que, ao contrário do que se pensava, algumas pessoas ainda não atingiram a maturidade política ao ponto de entenderem que todo o moçambicano tem o direito a filiar-se em qualquer partido e a demonstrar, livremente, as suas simpatias políticas no território nacional.

Face àquela situação brutal cuja finalidade era impedir o MDM de levar a cabo a sua campanha naquela região, o que a Polícia, a Procuradoria da República e a Comissão Nacional de Eleições fazem? Nada, infelizmente. Na verdade, eles fazem o pior: continuam a fingir que o problema não lhes diz respeito. Se tivesse sido um partido da oposição a promover aqueles actos de vandalismo, certamente que o tratamento seria outro. É só olharmos para os casos que a nossa Polícia apresenta todas as semanas relacionados com a campanha eleitoral para se perceber a intenção deliberada por parte daqueles organismos que têm a obrigação de salvaguardar a integridade de todos os moçambicanos, independentemente das suas cores partidárias.

É, portanto, deveras deprimente essa atitude vil e devia corar-nos de vergonha a todos nós como um país que pretende construir uma nação baseada nos princípios de justiça, integridade, liberdade de expressão, unidade nacional e humanismo.



Boqueirão da Verdade

“(...) Perdeu-se a política enquanto arte de fazer as pessoas pensar no futuro, ansiar pelo futuro e construí-lo. Por isso o populismo tem hoje tantas possibilidades de sucesso. Ele é, na verdade, uma anti-política: se a política está bloqueada entre os que acham que temos de ficar pior e os que acham que não conseguimos ficar melhor, o populismo dá vazão à frustração, à zanga e à raiva de todos os que se sentem entalados no meio. A frustração, a zanga e a raiva são sentimentos poderosos e historicamente têm conseguido mover mundos. Conseguem levar-nos longe. O problema é que não nos levam a nenhum lugar que seja bom”, **Rui Tavares**

“Afonso Dhlakama é uma pessoa muito simples. O que ele quer não é taxativamente o poder. O que Dhlakama quer é respeito, reconhecimento e consideração. Dhlakama quer ouvir dizer que: tal como a Frelimo trouxe a independência, a Renamo trouxe a democracia. Dhlakama é acarinhado porque muitas vezes exprime sentimentos de moçambicanos. Exprime as necessidades das pessoas, das classes mais marginalizadas. Quando Dhlakama fala, muitas vezes, diz coisas que penso eu também, mas que não tenho coragem para falar. Ele é porta-voz do povo, incluindo de pessoas da própria Frelimo”, **Padre Filipe Couto**

“Sonho com um parlamento equilibrado porque só assim há debate. Um Parlamento sem maioria qualificadas. A Frelimo deverá ter a maioria, mas para tomar certas decisões deverá depender de outras bancadas, deverá negociar com outros partidos. Isso é que é democracia. Um Parlamento equilibrado abre espaço para o diálogo e evita arrogância. Moçambique não precisa de uma Frelimo que fala de maioria retumbante, Moçambique precisa de uma Frelimo humilde que trabalha como os outros”, **íd**

“A Renamo não vai sair do segundo lugar, pelo menos nestas eleições, porque os eleitores vão votar para resolver o problema (cumprimento do acordo de cessão das hostilidades) e não para provocar conflitos. Nem a Frelimo, nem a Renamo será punida por causa da crise político-militar. O MDM não sairá do terceiro lugar. O que vai acontecer é que o MDM vai aumentar o número de deputados no Parlamento. (...) Afonso Dhlakama está a passar por um mártir. Ele vai atrair muitos votos, quer da Renamo, da Frelimo, do MDM e até dos indecisos. Ele é porta-voz do povo, incluindo de pessoas da própria Frelimo. Aliás, há gente da Frelimo que tem simpatias com a própria Renamo e com Dhlakama”, **íd**

“Fico muito triste quando alguém diz que não gosta da Frelimo. Fico muito triste, sabe. Isso significa que essa pessoa não conhece a história. É preciso ler a história que está nos livros”, **Filipe Paúnde**

“O burocrata moçambicano faz lembrar um líquido que se ajusta à forma do seu recipiente. O seu primeiro sonho é ter estatuto – a oportunidade de ser tratado por ‘chefe’ – mesmo não o sendo, pois deseja ser respeitado pelo poder de autorizar ou inde-

ferir pedidos. No lugar de trabalhar com base nos princípios e regras pré-estabelecidas, muito cedo descobre maneiras de os sequestrar e passa a subjugar as linhas mestras de organização e desempenho institucional aos seus interesses particulares. A pretexto de rigor na aplicação de normas e procedimentos, assistimos a práticas de ‘rigor’ inúteis e desnecessários que abrem as portas para a corrupção e o nepotismo desenfreado que grassa em muitos sectores da gestão pública.”, **Alberto da Barca**

“Os erros por negligência, o incumprimento dos prazos de forma crónica, a falta de coordenação inter-setorial reflectem bem o problema da falta de interesse, incúria, o famoso ‘deixa andar’ e, acima de tudo, de monitoria por quem de direito. Quando os cargos de responsabilidade são ocupados por funcionários que garantem acima de tudo confiança política, o maior sacrificado é o público que deixa de usufruir dos seus direitos constitucionais, de ser bem servido pelas instituições do Estado com eficiência, transparência e respeito”, **íd**

“Contra todas as previsões, o desapacho é negativo; a sentença é desfavorável; a vaga é ocupada por alguém que não reúne os requisitos básicos para o efeito; quem ganhou o concurso não é quem apresentou a melhor proposta técnica e financeira; a informação chave sobre as oportunidades de negócio circula num meio restrito; o burocrata municipal atende a chamadas particulares na presença do município; o responsável não está disponível porque foi participar numa reunião com o chefe. Mas... tudo isto não passa de ficção! Não existe! É difamação pura!”, **íd**

“Todo o barulho que rodeia os moçambicanos nos dias que correm, todas as crises, greves e manifestações, escaramuças armadas, crime organizado, fome, miséria, crimes de colarinho branco, raptos, carências crónicas nos serviços de saúde, qualidade de ensino questionável, salários gravemente deturpados e longe de conferir dignidade aos trabalhadores, está tudo relacionado com o voto do cidadão. O Governo é escolhido pelo voto”, **Noé Nphantumbo**

“O que separa os moçambicanos tem sido a capacidade de agir com coerência quando se chega ao Governo. Tem sido a capacidade de fazer as melhores escolhas quanto à alocação dos fundos disponíveis aos projectos governamentais. Tem sido a capacidade de fiscalizar o Governo escolhido. Tem sido a capacidade de promover uma cultura democrática nas comunidades, no Governo e nos partidos políticos. O que separa os moçambicanos é uma concepção arraigada de que o país e os seus recursos pertencem aos ‘libertadores’, de que estes têm a primazia em tudo e de tudo”, **íd**

“A responsabilidade pública por parte dos detentores dos cargos públicos deve ser exigida a cada dia, a cada passo, de modo que os governados não sofram surpresas e não tenham que aceitar ‘aberrações’ legislativas como se assiste nos dias que correm...”, **íd**

OBITUÁRIO:

Elsa Mangue
1963 – 2014
51 anos



Elsa Mangue, a primeira cantora moçambicana a conquistar um prémio internacional de música, em 1987, faleceu, na segunda-feira, 22 de Setembro, vítima de doença prolongada, no Hospital Central de Maputo. Há anos que a intérprete se queixava de problemas de saúde que determinaram o seu afastamento do mundo artístico-cultural, sobretudo dos palcos.

Nascida a 15 de Setembro de 1963 na província de Inhambane, distrito de Zavala, onde foram depositados os seus restos mortais, Elsa recebeu o nome de Elisa Filipe Mudumane, por baptismo. A artista foi a primeira filha de Dorotea Carlos Muthombene, seguida de quatro irmãos da mesma mãe totalizando um número de 162 filhos do seu pai, Felipe Mudumane Mangue, frutos de relações conjugais mantidas com 36 mulheres.

Partilhando o mesmo lar e marido com as 36 mulheres, Dorotea, a mãe de Elsa, passou por grandes dificuldades para alimentar os seus filhos. Dentro as mulheres do seu pai, a uma foi outorgado o direito de gerir a numerosa família. Por isso, esta era considerada a rainha, Marta de seu nome, que se casou com o seu pai oficialmente.

Em resultado de desavenças que, originadas pela rainha Marta, inundaram o lar, em Fevereiro de 1970, Dorotea abandona a família voltando para a casa dos pais, no distrito de Chibuto, levando consigo os cinco filhos. Aos sete anos de idade, Elsa foi tirada da sua progenitora pelo seu pai a par dos seus quatro irmãos. Os miúdos cresceram sob os cuidados da madrasta Florinda.

Em 1980, a cantora inicia a sua carreira artístico-musical interpretando músicas inspiradas no quotidiano moçambicano. Ela tinha como referência o falecido músico Fany Mpumo de quem interpretou o tema “Tindjombo”.

Um dos últimos grandes momentos desta artista foi a participação na final de uma das edições do “Top Fennino”, parada que a Rádio Moçambique aboliu, em 2006, para introduzir o “Top Ngoma”. Da referida vez, Elsa Mangue participou com a canção “Xindzekwana”. Foi a primeira cantora moçambicana a ser distinguida pela RFI, Radio France Internacional.

Em 1987, Elsa Mangue recebe o prémio reservado à “Cantora Revelação”, em Paris, mercê da interpretação do tema “Wa Gwira”. No seu repertório constam vários temas como, por exemplo, “Ma Original” e “Xindzekwana”. A sua última aparição em público, num grande espetáculo, foi em 2004. Desde aquele ano para cá as suas apresentações eram esporádicas devido ao seu estado de saúde.

À família enlutada, as nossas sentidas condolências. Paz à sua alma!

Ficha Técnica

NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telenovél+258 84 39 98 635

MAPUTO-Av. Paulo Samuel Kamkhomba 83
Telenovél+258 84 39 98 629

E-mail:averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.
Diretor: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Assessor de Redacção: Mussagy Mussagy; Redacção: Inocêncio Albino, Coutinho Macanandze, Duarte Sitoé, Reinaldo Nhalivilo, Intasse Sitoé; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino; Redacção: Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Cristovão Bolacha; Leonardo Gasolina; Luís Rodrigues; Luís Lutxeque; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Fotógrafo: Eliseu Patife, Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sania Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 120 Nelspruit 1200.

Xiconhoca



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Falta de água em Nampula

O Fundo de Investimento e Património de Abastecimento de Água (FIPAG) e a edilidade de Nampula deviam procurar estratégias viáveis para fazer face à problemática de água que já tem barbas brancas nesta região do país. A água é um recurso natural, extremamente, vital. Quando este precioso líquido escasseia, as pessoas são sujeitas a percorrer longas distâncias.

Nos casos mais graves, elas são obrigadas a consumir água imprópria, encontrada em locais frequentados pelo gado bovino, tal como acontece na zona do Vieira, bairro de Natikiri, onde a situação afecta mais de uma centena de famílias que lá residem. Para contornar a situação, alguns moradores percorrem longas distâncias para obter pelo menos 20 litros de água potável. O Conselho Municipal da Cidade de Nampula, como sempre, reconhece o problema e assegura que decorrem estudos para a abertura de alguns furos de água. O projecto para o efeito será concretizado ainda este ano. Enquanto isso não acontece, a edilidade e algumas instituições públicas e privadas dizem que procuram alternativas para atenuar o sofrimento da população, tais como a instalação de tanques de água.

Polícia que só encontra ilícitos eleitorais nos partidos da oposição

Em condições normais, a Polícia é considerada a guardiã da segurança e tranquilidade pública. Mas os agentes da corporação, no exercício das suas funções, não podem demonstrar simpatia ou afinidade por algum partido político. Mas o que se verifica durante a campanha eleitoral é que a Polícia da República de Moçambique (PRM) mostra um carinho incondicional em relação ao partido no poder. Ora vejamos: os agentes da PRM só encontram ilícitos eleitorais por parte dos partidos da oposição e, quando se trata da Frelimo, eles fazem vista grossa. Para mostrar que estão a trabalhar, os porta-vozes da PRM fazem questão de sublinhar os nomes desses partidos da oposição nos seus habituais briefings. Este mau exemplo não é só da Polícia de Protecção, mas também dos agentes da Polícia de Trânsito que, quando se trata de campanha eleitoral da Frelimo, eles esmeram-se no seu trabalho, escoltando a caravana e criando condições para que se embarace a circulação de veículos na via pública.

Polícia desempenha mau trabalho em Nampula

Mais uma vez, a Polícia da República de Moçambique (PRM) volta a sujar o uniforme, prestando maus

serviços aos cidadãos. Na verdade, a Polícia é, sem dúvidas, o pilar mais inoperacional no nosso Estado. Ao invés de combater o crime, ela instala-se nas barracas espalhadas pela cidade de Nampula para extorquir os cidadãos. Na semana finda, a população das Unidades Comunais de Teacane, no bairro de Natikiri, Cavalaria, no bairro de Carrupeia, e Coto-cuane, em Namutequeliua, acusaram as autoridades policiais de nada fazerem para estancar a criminalidade que supostamente está a recrudescer naque-las zonas.

Segundo os moradores de Namutequelia e Carrupeia, pessoas desconhecidas protagonizam desmandos mas os casos denunciados não são averiguados em resultado da alegada indiferença por parte da Polícia. Reclamações similares registam-se um pouco por todos os bairros suburbanos da cidade de Nampula. Na zona da Cavalaria, no bairro de Carrupeia, uma senhora queixou-se de ter sido vítima de agressão física. Ela denunciou o caso às autoridades policiais, mas no dia da audição foi obrigada a declarar que perdoava o presumível infractor. Há Xiconhoquice maior que esta!? Obviamente que não. Como sempre, Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, disse que os mesmos não constituem verdade, mas reconheceu que de há um tempo a esta parte os cidadãos queixam-se muito da criminalidade. Ele instou a população a ser cada vez mais vigilante e a denunciar pontualmente os casos relacionados com a transgressão das normas de harmonia social.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.

@Verdade traça em breves linhas as motivações.

Analistas da TVM

Dizia um leitor assíduo do @Verdade que os Xiconhocos não são só as pessoas cujas ações atentam contra a paz e tranquilidade de uma nação. Na verdade, este estatuto é extensivo aos cidadãos cujas teorias de análise beneficiam os seus interesses, tal como os analistas da Televisão de Moçambique (TVM). Alexandre Chivale, Calton Cadeado e Filimão Suaze são alguns dos exemplos de analistas cuja ignorância roça a mediocridade. "Eles são a pior espécie de Xiconhocos", disse um outro leitor.

Simpatizantes da Frelimo que sabotam campanha eleitoral de outros partidos

A campanha eleitoral está ao rubro e os simpatizantes do partido do "batuque e da maçaroca" não perdem a oportunidade de mostrar que são Xiconhocos por excelência até à espinha dorsal. Não é que aqueles indivíduos desfilam a sua ignorância, comportando-se qual símios quando se esbarram com um cacho de bananas. Ao invés de fazerem a sua campanha, eles preferem sabotar o trabalho de outros partidos. Enfim, há com cada Xiconhoca!

Abílio Machado

Foi triste ver dezenas de bancas construídas pelos cidadãos que lutam, diariamente, para garantir o sustento das suas respectivas famílias a serem consumidas pelo fogo. No passado dia 22 de Setembro, a impotência de Abílio Machado, presidente do Município de Vilanculos, marcou pela negativa aquela data. Enquanto as chamas iam devorando as precárias bancas, uma por uma, o edil limitou-se a assistir àquela cena triste e não se mostrou preocupado em resolver o problema. Ele não moveu sequer uma palha.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

JA diz que o Estado “ignora” a sociedade civil

A Justiça Ambiental (JA) fez 10 anos de existência a 24 de Agosto passado. Anabela Lemos, directora desta organização não-governamental moçambicana, diz que ao longo de uma década de luta pela justiça social e ambiental, pelo direitos humanos, pela conservação e gestão sustentável dos recursos naturais, apercebeu-se de que as decisões relativamente a projectos em curso no país têm sido tomadas sem a auscultação das comunidades e a sua implementação é imposta à sociedade civil. Ela alerta o Governo para que não crie ilusões em relação aos mega-projectos.

Texto & Foto: Emílio Sambo

Anabela Lemos é ambientalista desde a fundação da Lavingo (1998), a primeira organização de defesa do meio ambiente em Moçambique. Segundo ela, não tem sido tarefa fácil “dar voz àqueles que não têm voz e proteger o ambiente”, porque o Estado julga que as organizações da sociedade civil são “radicais”, contra o desenvolvimento e defendem agendas obscuras. Por isso, relação entre as partes não é saudável.

Ela defende que o Estado não se deve “enganar” no que diz respeito aos programas de mineração porque as empresas investem no país para obter lucro e não para “nos ajudarem” a combater a miséria. “O Governo que se preocupe com as comunidades porque esta é sua responsabilidade e não com as multinacionais. Deve garantir que as pessoas deslocadas das suas terras nativas tenham melhores condições de vida”.

A nossa entrevistada considera que, actualmente, há muitas organizações a denunciarem os problemas de que a população se queixa em diferentes partes do território moçambicano, sobretudo os relacionados com os reassentamentos em resultado da implementação de mega-projectos.

Todavia, a colectividade que dirige o Estado ignora as denúncias que têm sido feitas em relação às injustiças a que as comunidades estão sujeitas. Muitas gente foi deslocada das suas propriedades, através das quais obtinha meios de sobrevivência, com promessas de uma vida melhor, o que não aconteceu.

Anabela Lemos cita como exemplo o caso de centenas de oleiros, em Tete, que há anos travam um braço-de-ferro com o Governo em resultado da falta de entendimento entre as partes no que diz respeito às indemnizações a que o grupo diz ter direito.

De acordo com a nossa interlocutora, as pessoas em causa, que criavam e vendiam objectos de cerâmica – mas neste momento, deixadas à sua sorte – “são um exemplo de coragem”. O assunto foi remetido ao tribunal, mas “não sabemos o que vai dar. O que o Governo fez com eles é desonesto”.

Sobre o facto de alguns casos, como o dos oleiros, haver processos que são tratados à revelia da população, em particular quando se trata de reassentamentos, e determinar-se valores de compensações sem se auscultar os beneficiários, a directora da JA considera que “mesmo nas reuniões públicas deve haver minutias, mas nós nunca as vimos. Isto não é desenvolvimento porque as populações afectadas pelos projectos de exploração minera continua pobres”.



Na sua opinião, se em Moçambique o sistema jurídico funcionasse os casos “malparados” seriam resolvidos no tribunal. “Com a mineração do carvão, daqui a 15 anos, em Tete vamos ter a terra e os rios poluídos. Daqui a 30 anos, quando acabar o carvão elas (as firmas) vão-nos deixar buracos na terra e comunidades pobres. O MICOA não tem condições nem quadros para monitorar situações como estas e casos como o derrame de uma composição química de lama na bacia do Rovuma pela Anadarko.

Medo e intimidações

No terreno onde a empresa JSPL Mozambique Minerals (JINDAL-Africa) desenvolve o seu projecto de extração de carvão mineral, no distrito de Songo, na província Tete, vivem, de acordo com a JA, cerca de 1.200 famílias expostas à poeira e a consumir água poluída por falta de alternativa, “o que é um crime para a saúde”.

Neste contexto, uma certa vez, uma equipa da JA visitou as pessoas em alusão com vista a encontrar formas de ajudá-las, mas, nesse dia, dois activistas, um de Maputo e outra de Tete, foram fechados num escritório e restituídos à liberdade decorridas duas horas e advertidos de que se insistissem em manter contacto com as comunidades deviam estar preparados para arcar com as consequências.

Anabela entende que situações como estas são constantes nas províncias, em particular nas zonas onde estão em curso programas como o da Vale Moçambique, do ProSAVANA e Wanbao Agriculture. As pessoas denunciam problemas e “pedem-nos para não divulgar porque têm medo. Há secretários dos bairros que proíbem as comunidades de se reunirem com as organizações da sociedade civil. Já fomos intimidados e proibidos de entrar em determinados sítios.”

A directora da JA diz que não consegue compreender “como é que o nosso Estado ou Governo não vê o perigo para o qual estamos a caminhar. Se tiras a terras a um camponês, que é o seu meio de subsistência, tiras ao pescador o acesso ao rio ou lhes coloca numa casa precária eles refilam”.

Voltados 10 anos, ela diz que nota que há falta de comprometimento em relação à defesa do ambiente, que está a ser destruído sem a noção dos efeitos nefastos que se farão sentir no futuro.

A população é incapaz e está “abandonada”

O grosso da sociedade, mormente na área rural, não está capacitada para se defender de certas injustiças. “Existe o medo”, pese embora as organizações da sociedade civil estejam a desenvolver um trabalho com vista a munir as comunidades de meios para se protegerem e saberem exigir a observância dos seus direitos. “Mas as populações estão sozinhas, sem ninguém que lhes apoie nem um Governo ou Estado para denunciarem os problemas que lhes inquietam e serem atendidos satisfatoriamente”.

O Estado não dá ouvidos à sociedade civil

Relativamente à acusação de que as organizações da sociedade civil moçambicana são fracas, por isso, não conseguem mobilizar as massas para participarem em diversos assuntos relacionados com a vida da Nação e não têm capacidade de influenciar o Executivo para resolver determinados problemas, Anabela Lemos assume a fragilidade e defende que o Estado também cria obstáculos.

“Parece que cada vez mais a nossa voz não é ouvida. (...) A sociedade civil só tem poder de levantar assuntos e fazer denúncias mas a solução cabe ao Estado. Mas aqui está o problema: nada muda. A usurpação de terras das comunidades, por exemplo, prevalece. Os problemas denunciados pela União Nacional dos Camponeses continuam (...)”, defendeu-se Anabela.

A nossa interlocutora explicou ainda que sociedade civil é fraca na decisão e na solução de problemas levantados porque o Estado também é débil. “Este é forte quando a sociedade civil é forte. Esta só poder ser forte quando o Estado lhe ouve e as decisões são tomadas de acordo com os anseios do povo. (...) Trazemos melhores soluções para o povo mas somos ignorados”.

O ProSAVANA, segundo Anabela, é um exemplo típico de que o Estado faz ouvidos de mercador em relação às “queixas” da sociedade civil. “Como é que um projecto de agricultura igual a este pode ter sido desenhado sem o envolvimento do agricultor, seja este pequeno ou grande e soubemos do programa internacionalmente e ficámos chocados. Escrevemos uma carta assinada por 25 organizações ao Presidente da República a pedir esclarecimento, mas não tivemos resposta nenhuma até que lançámos uma campanha para mostrarmos que estamos contra. Realmente, não há hipótese de aquele programa trazer benefícios para os camponeses”.

VERDADE
todos os dias

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

Enfermeiras acusadas de cobranças ilícitas em Nampula

As enfermeiras, afectas ao Centro de Saúde 1º de Maio, na cidade de Nampula, são acusadas por algumas pacientes de estarem envolvidas na venda de substâncias contraceptivas, designadamente de implante, algo que é oferecido, gratuitamente, pelo Governo, através do Sistema Nacional de Saúde, no sentido de evitar nascimentos massivos de crianças nas famílias moçambicanas. Os valores rondam entre os 500 e os mil meticais.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

O implante é um método contraceptivo, segundo informações médicas, adequado por ser de longa duração e com alguma eficácia. Ele dispõe de inúmeras vantagens, destacando-se o facto de não constituir um obstáculo durante as relações sexuais, o aleitamento e não requer que a mulher faça o seu uso diariamente por via oral.

Porém, o implante não protege contra as infecções de transmissão sexual, o que faz com que a segurança não seja completa. Apesar disso, várias mulheres optam por esse método, mas encontram barreiras de ordem financeira, porque algumas profissionais da Saúde vendem-no, ao invés de oferecer o implante gratuitamente, como recomenda o Sistema Nacional de Saúde (SNS).

Uma mulher, que não quis ser identificada, disse ao @Verdade ter comprado aquele dispositivo através de uma profissional da Saúde, cujo nome não revelou. Segundo a utente, essa situação tem sido frequente naquela unidade sanitária.

O @Verdade interpelou Aida Ernesto, de 32 anos de idade, no Centro de Saúde 1º de Maio. A nossa interlocutora está a levar a cabo o Planeamento Familiar, e usa o método de toma de comprimidos. Sem revelar a identidade da enfermeira, ela afirmou que uma médica pediu-lhe 500 meticais, quando ela manifestou o desejo de aderir ao implante.

Mas, por indisponibilidade financeira, ainda teve de escohar (mesmo contra a sua vontade) as pílulas como

única forma de evitar uma gravidez indesejada.

Os fármacos que Aida toma não lhe criam efeitos colaterais, mas ela não se sente confortável pelo facto de ser obrigada a ingerir os comprimidos diariamente.

Outra utente que pediu para falar na condição de anonimato, residente na Unidade Comunal Samora Machel, bairro de Namicopo, deu a conhecer que há duas semanas que decidiu utilizar injecções para evitar outra gravidez, antes de o seu filho, com apenas seis meses de vida, completar os dois anos de idade.

As nossas interlocutoras não apontam os nomes das enfermeiras que estão envolvidas no processo de venda do implante. A directora do Centro de Saúde 1º de Maio, Marisa Isabel, considera ser difícil combater os actos relacionados com cobranças ilícitas, uma vez que desconhece os seus praticantes.

Aquela responsável não desmentiu, nem confirmou a existência de tais práticas na unidade sanitária sob sua direcção, uma vez as denunciantes não apresentam nenhuma prova. "O que nós, como instituição, queremos é a aproximação dos doentes, indicando as pessoas que vendem o implante para efeitos de Planeamento Familiar, o que irá ajudar a desencorajar essas práticas", anotou.

Segundo a directora do Centro 1º de Maio, não se pode acusar alguém ou instaurar um processo disciplinar contra um funcionário sem, para o efeito, apresentar as bases que o sustentam. Marisa Isabel entende que, sobre o aumento de casos que mancham o trabalho dos profissionais da Saúde, o culpado é o próprio utente, pois, sabendo que o serviço é gratuito, opta por pagar para, supostamente, beneficiar de alguma prioridade.

Por exemplo, ela referiu-se ao alegado mau atendimento de que os pacientes se queixam todos os dias. O que tem acontecido, segundo aquela responsável, é que as pessoas dirigem-se ao hospital e vão logo falar com os enfermeiros, oferecendo-lhes "refresco" para serem atendidos em primeiro lugar, ao invés de ficarem na fila.

"Essas pessoas é que estão a estragar o nosso trabalho, porque os próprios profissionais são humanos por isso, alguns colegas não são capazes de recusar as ofertas dos pacientes", disse, acrescentando que as únicas prioridades a nível das triagens são reservadas às crianças e pessoas idosas ou aos doentes muito graves.

Não há medicamentos para doentes com ITS

O @Verdade apurou que o Centro de Saúde 1º de Maio não recebe, desde o ano passado, medicamentos como Benzatínica, Canamicina, entre outros, que servem para o tratamento de infecções de transmissão sexual (ITS).

Os pacientes com ITS que se apresentaram naquela unidade sanitária não têm registado melhorias. A situação por que passou o jovem identificado simplesmente pelo nome de Sérgio, de 24 anos de idade, é exemplo disso. Ele sofre de gonorreia, uma doença que contraiu numa relação ocasional no distrito costeiro de Moma.

Quando se apercebeu de que tinha uma infecção tratou de se dirigir ao hospital rural local, onde não registou melhorias, devido à falta de medicamentos apropriados, o que fez com que voltasse para a cidade de Nampula.

No Centro de Saúde 1º de Maio, o nosso interlocutor foi atendido por uma enfermeira, cujo nome desconhece, mas soubemos que a referida técnica de Saúde

estava a trabalhar no Banco de Socorros daquela unidade hospitalar. "Foi no domingo, dia 14 de Setembro, pelas 9 horas e 30 minutos", disse Sérgio.

Segundo o jovem, depois da consulta, ele foi levado até à sala de tratamento, tendo-lhe sido aplicada uma injecção e, posteriormente, foram-lhe prescritos alguns fármacos. Volvidos três dias, o pénis de Sérgio continuou a expelir um líquido amarelo, facto que o deixou preocupado. "Regressei na sexta-feira, dia 17 de Setembro, ao mesmo banco de socorros. Eram 14 horas. Encontrei um enfermeiro de que não me lembro do seu nome", precisou, acrescentando que pagou 100 meticais pela consulta.

A situação continuou a mesma. Na terceira tentativa de tratamento, o jovem decidiu comprar os medicamentos numa farmácia privada e levá-los, em mão, a um técnico de Saúde. Só assim é que ele conseguiu flirrar-se da infecção que o apontava.

Sobre este assunto, a directora daquela unidade sanitária reiterou a necessidade de os utentes apresentarem as suas queixas, apontando os culpados para efeitos de repreensão, porque "dessa forma será difícil solucionar os problemas da má prestação dos serviços por parte dos colegas".

Segundo Marisa Isabel, este ano nunca houve registo de um caso que está relacionado com cobranças ilícitas e outras situações. Mas a nossa interlocutora referiu que em 2013 um técnico de Saúde recebeu uma nota de advertência por ter vendido um atestado médico.

"Na verdade, esse cidadão denunciou o caso, apresentando o atestado médico, o que nos ajudou a reconhecer a assinatura do emissor que foi, imediatamente, repreendido", disse.

Falta rigor na divulgação das leis em Moçambique

O Governo moçambicano omite e/ou não tem capacidade suficiente para a divulgação das diversas leis aprovadas no país. Como consequência da alegada inérvia das entidades competentes, a maior parte da população não conhece os seus direitos e deveres. Esse facto foi constatado pela Kuwuka, uma organização da sociedade civil, sediada em Maputo e com representação em algumas províncias do país.

Numa entrevista concedida ao @Verdade, Camilo Nhancale, presidente do Conselho de Direcção da Kuwuka/JDA (Juventude, Desenvolvimento e Advocacia Ambiental), acusou o Governo do dia de falta de vontade para que o povo moçambicano esteja a par de alguns instrumentos legais vigentes no país.

Segundo o nosso entrevistado, em Moçambique existe vontade política para a aprovação das leis, sendo o maior problema a forma como esses instrumentos são disseminados e implementados no seio das comunidades. A fonte afirma que, devido ao elevado desconhecimento das leis em vigor no país, as populações perdem os seus direitos, facto que resulta em conflitos que prejudicam não só os populares, como também o próprio Estado.

Nhancale teceu estas considerações à margem de um seminário sobre a Iniciativa de Transparência Extractiva que juntou, na cidade de Nampula, alguns representantes do Governo e da sociedade civil dos distritos de Moma, Angoche, Malema,

Mogovolas, da província de Nampula, e Pebane, da Zambézia.

O evento foi organizado pela Associação Nacional de Extensão Rural (AENA), KUWUKA JDA em parceria com a Plataforma Provincial das Organizações da Sociedade Civil de Nampula.

Moçambique faz parte dos países da ITIE, facto que, para o KUWUKA, constitui uma mais-valia para os moçambicanos. Entretanto, o maior desafio prende-se ao facto de a maioria dos moçambicanos continuar ainda sem o conhecimento dos seus objectivos, o que exige da sociedade civil a intensificação de acções de advocacia a vários níveis.

De acordo com a fonte, a ITIE procura promover a boa governação, transparência e prestação de contas no sector extractivo de forma que as receitas advindas desta área contribuam para um desenvolvimento económico efectivo dos países ricos em recursos minerais e petrolíferos, através

da publicação dos pagamentos das empresas do sector aos governos dos países onde operam.

O relatório da ITIE permite que os cidadãos dos países em causa possam informar-se dos ganhos e da contribuição da indústria extractiva para o orçamento do Estado e para a economia. Serve também para aferir até que ponto são efectivas as políticas fiscais a nível da preparação do país para a colecta fiscal resultante da exploração dos recursos extractivos, a sua contribuição para o desenvolvimento económico e a sua gestão/allocação.

A ITIE também providencia uma plataforma de diálogo entre o Governo, as empresas do sector extractivo e a sociedade civil. Trata-se de uma oportunidade única para o engajamento e a participação efectiva e activa da sociedade civil no debate nacional sobre a transparência na gestão, incluindo a prestação de contas das receitas públicas provenientes da exploração dos recursos extractivos.

Elefantes e rinocerontes extinguem-se perante a passividade das autoridades

Celebrou-se, na passada segunda-feira, 22 de Setembro, o Dia Mundial do Rinoceronte, numa altura em que esta espécie e o elefante estão ameaçados de extinção devido ao abate impiedoso protagonizado pelos caçadores ilegais. Estes e os seus mandantes enriquecem fraudulentamente, lesando o Estado e a biodiversidade. Anualmente, jovens morrem à procura do dinheiro fácil e ilícito. Por conseguinte, segundo estatísticas, cinco elefantes morrem por dia, o que significa que entre 1.500 e 1.800 paquidermes são abatidos anualmente.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

No primeiro semestre do ano passado, segundo António Abacar, administrador do Parque Nacional de Limpopo, pelo menos 461 rinocerontes foram mortos, dos quais 288 no Kruger Park (África do Sul) e os restantes no Parque Nacional de Limpopo (Moçambique), no Gonarezhou (Zimbabué), e 26 chifres apreendidos. Estes dados foram avançados num seminário sobre “Caça furtiva em Moçambique”, promovido pela Procuradoria-Geral da República de Moçambique (PGR). António Abacar afirmou que 75 porcento da caça ilegal que ocorre no Kruger Park é protagonizada por moçambicanos.

De 2008 a esta parte, explicou o administrador, 280 indivíduos oriundos dos distritos de Magude e Massingir, nas províncias de Maputo e Gaza, foram presos no Kruger Park em conexão com a caça ilegal do rinoceronte. Trata-se de um prática ilegal organizada e transnacional, através da qual redes criminosas geram para si bilhões de dólares a cada ano.

De acordo com Abacar, apesar de o abate do rinoceronte ser bastante crítico na África do Sul, em Moçambique a situação é também inquietante. Este país tornou-se um corredor de caçadores furtivos deste grande mamífero de contrabandistas de chifres e pontas de marfim. Consequentemente, para além de constituir uma ameaça para a biodiversidade, arrastou as autoridades locais e gente poderosa para os esquemas de corrupção, o que torna difícil travar o mal.

O país tem 19 mil rinoceronte nas províncias de Tete, de Cabo Delgado e do Niassa. No passado, havia o dobro desta espécie. Na década de 70, Moçambique tinha 50 mil elefantes, contra os 16.700 existentes actualmente.

O administrador explicou ainda que a procura do marfim do elefante, do corno do rinoceronte, de animais exóticos, de alimentos, de madeiras especiais e de plantas para a medicina tradicional está a ameaçar muitas espécies de animais selvagens e culturas protegidas de extinção, facto que preocupa o Governo.

Segundo aquele quadro do Estado, caçadores ilegais não só abatem paquidermes e rinocerontes, como também matam fiscais por constituírem um obstáculo para os seus planos. “Os nossos fiscais têm sofrido constantes ameaças de morte, muitas vezes por meio de mensagens anónimas. No ano passado perdemos um colega que foi morto pelos caçadores ilegais que queriam arrombar o cofre onde estavam depositadas armas e outras peças de animais apreendidas. Ao todo já morreram sete colegas vítimas dos criminosos”.

Para Abacar, a caça furtiva é uma realidade cujas causas e manifestações desafiam o Ministério Público e outras entidades a tomarem medidas arrojadas para evitar a extinção dos animais em causa.

Segundo a World Conservation Society, os caçadores ilegais ganham entre oito e 10 milhões de dólares pelo trá-



fico dos animais a que nos referimos. Nos próximos 30 anos, o elefante poder ser dado como extinto se faltarem meios para se conter o seu abate. Urge tomar medida arrojadas porque Moçambique faz parte dos nove países que ainda não conseguiram combater a caça furtiva.

Caçadores supostamente a monte

Por seu turno, Douglas Griffiths, embaixador dos Estados Unidos da América (EUA), contou que, recentemente, visitou o distrito de Massingir e o Parque Nacional do Limpopo, tendo constatado que Moçambique está a envidar esforços para a preservação do ecossistema do Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo.

Todavia, ele ficou estupefacto ao notar que a área é também o epicentro de assaltos por parte de redes criminosas transfronteiriças. “Muitas pessoas na comunidade falaram-me das suas preocupações com o dinheiro e as armas vindas do exterior para aquela área”.

O embaixador disse ter ficado a saber igualmente de que um fiscal daquela zona protegida foi abatido no ano passado num ataque frustrado à sede do par-

que, onde o marfim confiscado é armazenado.

Os supostos assassinos, narrou Douglas Griffiths, ainda estão a monte, “embora muitos na comunidade saibam quem são. Da mesma forma, mandantes das redes de caça furtiva constroem casas palacianas e conduzem carros luxuosos. Os jovens que eles mandam morrem frequentemente nessa procura de dinheiro ilícito”.

Segundo o embaixador, “o tráfico ilegal de partes de animais, da madeira, de drogas e de seres humanos rasga o tecido da sociedade. Leva frequentemente à violência e a convulsões sociais. E uma vez implantado, é muito difícil de erradicar”.

A caça furtiva, disse o diplomata, coloca em causa a soberania nacional e o Estado de Direito dos países afectados. Também roubam das comunidades as suas riquezas naturais, o património cultural, bem como potenciais ganhos do turismo.

Destes modo, ele apelou para que se juntem forças para estancar “a criminalidade crescente em Massingir e outras vilas de Moçambique”, e anunciou que o Governo dos EUA vai investir, a nível mundial, mais de 60 milhões de dólares para estancar estes crimes.

Urge proteger a fauna

Beatriz Buchili, Procuradora Geral da República, reiterou que a caça furtiva constitui uma preocupação para o Estado moçambicano. É preciso formar os magistrados do Ministério Público e judiciais, as forças policiais e outros intervenientes da sociedade em matérias de prevenção e combate à caça furtiva. Urge uma reflexão “com vista a encontrar melhores soluções para protegermos a fauna...”.

Apreendidas 26 pontas de marfim numa residência em Nampula

Dois cidadãos de nacionalidade moçambicana, identificados pelos nomes de Cristiano Ambrósio e Remígio Estevão, de 26 e 34 anos de idade, encontram-se, desde a manhã de terça-feira (23/09), a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, por terem sido encontrados na posse de 26 pontas de marfim. Três pessoas, das quais duas de origem vietnamita, indiciados do mesmo caso, puseram-se ao fresco.

Os supostos caçadores ilegais de elefantes vivem na Rua das Flores, arredores da cidade de Nampula, numa casa arrendada. A sua descoberta e detenção foi possível graças a uma denúncia dos vizinhos do dono da habitação em causa, os quais ao aperceberem-se da presença de uma viatura com a matrícula ADT-109 MP, transportando um produto que exalava um cheiro asqueroso, não se fizeram de rogados e solicitaram a presença da Polícia.

É que se tratava de marfim roubado algures e que estava para ser descarregado na referida casa. O proprietário da residência foi alertado pelos contíguos de que os seus inquilinos estavam a descarregar tal produto cuja posse é deveras inibida em

Moçambique devido ao abate desenfreado de elefantes e rinocerontes.

Dois integrantes da quadrilha foram presos e estão a ver o sol aos quadradinhos. Um deles disse ao @Verdade que ele e o seu companheiro foram convidados pelo grupo ora foragido para descarregar a “mercadoria”; por isso, negam qualquer envolvimento com a rede de criminosos que se dedica à caça ilegal de paquidermes ou à venda de marfim.

Por sua vez, o proprietário da casa, que não quis ser identificado, disse que ficou surpreendido ao receber a notícia de que os seus inquilinos transportavam cadáveres numa viatura. Assustado com tal situação, ele chamou a Polícia, tendo ficado claro que não se tratava de corpos, mas, sim, de marfim.

Por seu turno, Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da PRM em Nampula, disse que diligências estão a ser levadas a cabo para se neutralizar os traficantes que se encontram em parte incerta.

Nove indivíduos morrem por afogamento no país

Quatro pessoas perderam a vida vítimas de afogamento, queda e homicídio nas províncias de Maputo, Gaza, Sofala e da Zambézia. Um dos casos deu-se na província de Sofala, onde um corpo de uma menor de quatro anos de idade foi encontrado a flutuar num poço, no bairro da Praia Nova, na cidade da Beira.

No rio Bembane, na província de Gaza, uma canoa naufragou tendo morrido duas pessoas. No distrito de Gurué, na província da Zambézia, o Corpo de Salvação Pública resgatou do rio Licungo um corpo supondo-se que a vítima perdeu a vida por afogamento.

Um cidadão cujo nome não foi apurado pelas autoridades policiais tentou perpetrar um suicídio na baía de Inhambane. O pior não aconteceu devido à pronta intervenção de uma equipa do Serviço Nacional de Salvação Pública (SENSAP). Cumbane apelou às pessoas que não sabem nadar para que evitem fazer-se ao mar ou rio.

No Hospital Geral da Machava, no município da Matola, um corpo sem vida foi encontrada no 1º andar daquela unidade sanitária. Segundo David Cumbane, porta-voz do SENSAP, supõe-se que se trata um enfermo que, por razões ainda desconhecidas, se atirou do 3º andar. "Nenhum ser humano tem o direito de se suicidar, independentemente do seu estado (crítico) de saúde, financeiro, laboral, entre outros factores".

Na província de Nampula, dois cidadãos que em vida

respondiam pelos nomes de Jaime Mutemba e Lemos Quia, de 30 e 18 anos de idade, respectivamente, morreram por afogamento nos distritos de Larde e Nacala-Porto.

Sobre esta desgraça, a Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula explicou que Jaime Mutemba era funcionário da Kenmare, um consórcio irlandês que se dedica à extração de areias pesadas em Topuito, distrito de Moma. Ele encontrou a morte na praia de Tibane, quando se encontrava a tomar banho.

Segundo a corporação, Lemos de Quia afogou-se na praia de Sousa, em Nacala-Porto. Os dois corpos foram resgatados e entregues aos familiares. Em Nacala-Porto, três pessoas perderam a vida por afogamento, este ano, nas praias de Fernão Veloso e Naherenque.

Paulik Ucacha, comandante distrital da PRM em Nacala-Porto, disse que as mortes resultaram da falta de conhecimento das regras de natação por parte dos banhistas e o mau tempo que se fez sentir no dia dos incidentes.

Além disso, houve falta de meios para lhes prestar socorro. Com vista a inverter este cenário, o Conselho Municipal da Cidade de Nacala-Porto, em parceria com a PRM, alocou uma embarcação ao Corpo de Salvação Pública para fiscalizar a região costeira daquele ponto da província.

Caros leitores

Pergunta à Tina... A minha parceira tem uma filha, mas não é minha. Serei infértil?

Queridos leitores adolescentes e jovens, Li recentemente nalgum sítio a seguinte pergunta: Há uma idade certa para a primeira relação sexual? O que vocês acham? Eu teria múltiplas respostas para esta pergunta. A primeira seria lembrar que as crianças NÃO PODEM ser obrigadas a fazer sexo, principalmente com pessoas mais velhas. Não só é nocivo para a sua saúde, mas é também um crime e a pessoa que obriga a criança pode ser presa. A segunda resposta seria lembrar que enquanto houver vida há tempo, e por essa razão os adolescentes não precisam de fazer sexo para provar que são "modernos" aos seus amigos/amigas. Durante a puberdade, a ansiedade e as necessidades sexuais começam a evoluir, e passamos a sentir atração sexual por outras pessoas. Isso não significa que estas necessidades devem ser supridas através de relações sexuais, principalmente por obrigação e sem proteção. Cuidem-se e, se quiserem saber mais sobre isto,

envia mensagem através de um sms para **90441**

E-mail: averdademz@gmail.com

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá Tina. Chamo me Artur e sou um jovem de 28 anos. Eu acho que tenho um problema. Mantive uma relação com uma moça durante dois anos, mas não gerámos nenhum filho. Separámo-nos e hoje ela tem uma filha. Agora também estou numa relação há precisamente dois anos e seis meses. A minha namorada não engravidou e ela tem uma filha! Como sair deste constrangimento?

Caro Artur, existe na nossa sociedade o mito de que só as mulheres é que são inférteis ou incapazes de conceber. Muitos casamentos e relações se destoem por esse motivo. A forma como tu descreves o assunto faz-me crer que colocas a possibilidade de tu seres a pessoa que é infértil. A infertilidade masculina é tão comum como a feminina e tem várias causas. Algumas das causas podem ser por obstrução ou ausência congénita dos canais genitais excretores, o que significa que o homem já nasce com esse impedimento ou bloqueio no ducto ejaculatório que impede que os espermatozoides alcancem o fluido seminal (esperma) e, consequentemente, o óvulo das parceiras. Outros motivos podem estar associados à incapacidade de produzir espermatozoides em número suficiente, daí não conseguir fertilizar os óvulos da sua parceira. Como disse, são diversas as causas. Para que saibas melhor sobre o teu caso, eu recomendo que procures um médico urologista, converses com ele e este poderá recomendar que realize um exame da bolsa testicular para que possa diagnosticar se existe algum impedimento no teu sistema reprodutor e poder analisar melhor a tua situação.

Oi. Chamo-me Bruno, de 21 anos de idade. Faço sexo com a minha namorada sem preservativo já há alguns meses e nada de estranho acontecia. Mas ontem fizemos sexo e estou com algumas irritações no pénis (pequenas comichões). Por favor, peço que me esclareça. Nelton.

Querido leitor, a comichão que sentes pode ser derivada de vários factores, que podem incluir a deficiente higiene masculina. É comum passar-se mais tempo a ensinar as raparigas a serem higiênicas, mas poucos pais e mães ensinam os seus rapazes a saberem cuidar da sua higiene. A higiene masculina passa pela limpeza do pénis, da zona pélvica e do anus após a excreção e relações sexuais com água e sabão. Isto não significa que terás eliminado alguma infecção, mas simplesmente mantém-te asseado, evitando a reprodução de bactérias ou outro tipo de organismos nocivos ao teu aparelho reprodutivo. Acrescento que as lesões/comichão/ o corrimento no pénis e em toda zona pélvica pode ter a ver com algum tipo de infecção de transmissão sexual. As ITS são contraídas quando fazemos sexo sem o uso do preservativo. Assim sendo, a minha sugestão é que, com a tua namorada, procurem uma unidade sanitária (Hospital/Centro de Saúde) e apresentem o vosso problema a um profissional de Aconselhamento e Testagem de Saúde, ou a um médico e peçam para que se faça um diagnóstico claro, através de exames que eles possam sugerir. Por favor, não tenham receio de fazer perguntas para evitarem os mesmos problemas no futuro. Enquanto isso, usem o preservativo para evitarem as ITS.

Quarenta funcionários do Hospital Provincial de Quelimane exigem salários em atraso

Pelo menos 40 funcionários afectos a diversos sectores do Hospital Provincial de Quelimane, em Julho do ano passado, na província da Zambézia, estão de costas voltadas com a direcção daquela unidade sanitária devido à falta de pagamento dos seus ordenados referentes a Agosto, Setembro, Outubro e Novembro daquele ano.

Os trabalhadores em causa mostram-se preocupados com a situação por causa do suposto silêncio dos seus dirigentes, que são acusados de fazer ouvidos de mercador em relação ao assunto.

Segundo informações colhidas pelo @Verdade, alguns funcionários são ameaçados de expulsão quando exigem a observância dos seus direitos ora infringidos. "Em Janeiro deste ano solicitámos um encontro com a directora do Hospital Provincial de Quelimane para que nos explicasse o que se passava em torno deste caso, mas ela ameaçou-nos dizendo que ia nos expulsar. Ficámos calados porque precisamos deste emprego".

Os nossos interlocutores queixaram-se ainda do desconhecimento da tabela salarial em vigor nos sectores a que estão afectos. De acordo com eles, nos contratos que eles assinaram este ano não constam os vencimentos a que têm direito, o que faz com que suspeitem de que haja um esquema com vista a roubar os seus honorários. Aliás, consta que certos funcionários da mesma categoria auferem salários diferentes que variam de 2.500 a 3.500 meticais.

Por seu turno, a directora do Hospital Provincial de Quelimane, Virgínia Saldanha, exaltou-se quando foi confrontada com este assunto e ameaçou mover um processo judicial contra o nosso jornalista, caso esta informação fosse publicada.

Depois de tanto nervosismo, à toa, Virgínia Saldanha acalmou-se e admitiu que o problema de que os seus colegas se queixam é do seu conhecimento. Sem avançar datas, ela disse que os visados serão remunerados.

Diarreias agudas provocam dois óbitos no Búzi

Dois pessoas morreram no distrito de Búzi, na noite do último domingo (14), devido a diarreias agudas que assolam aquele ponto do país desde a semana antepassada. A situação agravou-se no sábado (13/09), dia em que 10 pessoas, na sua maioria idas do bairro de Macurongo, deram entrada no Hospital Rural do Búzi, sito na vila sede.

O facto fez com que uma equipa de profissionais da Saúde afectos à Direcção Provincial de Saúde de Sofala se deslocasse ao distrito do Búzi para apurar as causas do repentino surto da doença. Para o efeito, foi emitido um alerta pelo Serviço Distrital de Saúde, Mulher e Ação Social.

Segundo o médico chefe da Direcção Provincial de Saúde de Sofala, Francisco Guilengue, dados preliminares indicam que a Praia Nova, na cidade da Beira, é o foco das diarreias. Estas assolam o distrito do Búzi devido ao facto de o bairro de Macurongo ter recebido alguns visitantes idos daquele ponto, dos quais alguns padecem da referida enfermidade. Neste momento, 22 doentes estão internados numa enfermaria isolada que funciona no Hospital Rural do Búzi.

Francisco Guilengue explicou que os dois óbitos são de indivíduos adultos devido à chegada tardia à unidade sanitária, onde os mesmos já apresentavam sinais de uma desidratação grave, o que dificultou a localização das veias para efeitos de administração dos medicamentos. Presume-se que antes de serem evacuados para o hospital, as vítimas receberam tratamento dos médicos tradicionais.

De acordo com o terapeuta, várias equipas de saúde estão no Búzi para apurarem se a causa da doença são os alimentos ou a água, pois é estranha a eclosão de diarreias neste período seco. Já foram montadas tendas no Hospital Rural do Búzi para servirem de enfermarias em caso de a situação atingir contornos alarmantes.

Num outro desenvolvimento, o médico chefe provincial de Sofala desmentiu as informações segundo as quais um grupo de mulheres grávidas abandonou a "Casa Mãe Espera" no Hospital Rural do Búzi, supostamente em virtude de temer ser contaminado pelas diarreias.

Curandeiro em estado de coma após tentar expulsar maus espíritos

Um médico tradicional identificado pelo nome de Hilário Estêvão, de 30 anos de idade, natural de Mecubúri, tentou, no passado dia 07 de Setembro do ano em curso, expulsar os maus espíritos que assombravam uma família em Namiepe, arredores da cidade de Nampula. Na altura em que procedia ao tratamento, ele caiu de costas e, de seguida, começou a expelir sangue pela boca, pelo nariz, pelos olhos e pelos ouvidos. Neste momento, o referido curandeiro está entre a vida e a morte.

Texto: Sérgio Fernando

Segundo apurámos, o médico tradicional foi solicitado no distrito de Mecubúri, na província de Nampula, para livrar o agregado familiar de um cidadão de nome Francisco José do sofrimento que já perdura há vários anos. Trata-se de uma situação que se traduz em maus sonhos e doenças não diagnosticadas pela medicina convencional.

Ninguém da família consegue explicar o que, de facto, está a acontecer, mas a verdade é que é um caso muito frequente no lar. Os parentes mais próximos já apelaram para a necessidade de se realizar uma cerimónia tradicional para invocar os antepassados, o que, segundo José, já foi feito várias vezes, porém, sem sucesso.

De acordo com aquele indivíduo, a sua esposa que estava grávida, recentemente, teve um nado-morto, e o seu filho mais novo, de apenas dois anos de idade, sofre, com alguma frequência, de delírios, dores de cabeça constantes e febres. Os exames médicos não avançam nenhuma patologia. José conta ainda que a sua mulher tem sonhado com um marido espiritual, facto que o deixa inquieto.

Devido a essa situação, o casal andou de distrito em distrito a nível da região norte do país à procura de um médico tradicional que resolvesse o problema. Certo dia, a família de Francisco José recebeu informações segundo as quais existia um curandeiro em Mecubúri cujos préstimos eram excelentes, tendo sido enviado esforços no sentido de o trazer para a cidade de Nampula.

Feitiço virou contra o feiticeiro

Foi na tarde de domingo, dia 07 de Setembro do corrente ano, que o esperado médico tradicional chegou a Nampula. Ele iria realizar o trabalho na calada da noite. "Nesse dia, o jantar foi preparado muito cedo para permitir que todas as pessoas pudessem comer e serem submetidas ao tratamento, incluindo as crianças", disse José.

Após analisar a situação daquela família, Hilário Estêvão concluiu que se tratava de maus espíritos e afirmou que havia uma maldição que era necessário quebrar. "Mas isso não é nada, eu vou resolver", tranquilizou.

Ele começou por tratar o chefe da família e seguiu-se a sua esposa. Depois, foram os filhos do casal. Quando já estava na quarta criança, o médico tradicional gritou, por repetidas três vezes, que estava a perder a visão.

Volvidos alguns segundos, o curandeiro caiu de costas, estrebuchou e, ao mesmo tempo, expelia sangue pelas narinas, pela boca, pelos ouvidos e pelos olhos. Instalou-se um clima de tensão caracterizado por medo naquela família. O maior receio era de que o médico tradicional pudesse perder a vida naquela local. Ninguém conseguia explicar o que se estava a passar.

Desesperados, José e a sua família comunicaram o facto aos seus vizinhos e aos parentes mais próximos no sentido de estarem a par do que estava a acontecer. Refira-se que o médico tradicional permaneceu cerca de 10 horas a sangrar pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos, além de gemer intensamente, facto que deixou as pessoas em alvoroço.

Interpretações do caso

Dante da situação, houve várias interpretações que não permitiram à família hospedeira encontrar uma solução para fazer voltar ao normal o seu médico, e concluiu-se que não se tratava de uma doença que devia ser levada ao hospital. "As pessoas não sabiam por onde começar para ultrapassar o problema", recordou José.

Alguns indivíduos diziam que o médico tradicional decidiu "desactivar" o suposto feitiço sem, antes de tudo, fazer uma pesquisa para avaliar o problema instalado naquela residência. Por exemplo, a liderança comunitária da Unidade Comunal de Namiepe afirmou que os espíritos de Hilário Estêvão estavam zangados, alegadamente porque não são venerados.

Fernando Veloso, residente de Namiepe, suspeita tratar-se de uma vingança por parte do seu ajudante, o qual não foi convidado na viagem para a cidade de Nampula.

O médico tradicional foi enviado à sua terra natal na segunda-feira (08), depois de começar a registar melhorias no que diz respeito às alucinações. Chegados ao distrito de Mecubúri, os familiares do curandeiro decidiram procurar um outro médico tradicional, o qual informou que o problema que Hilário Estêvão enfrentava foi causado por um descontentamento por parte dos seus espíritos.

Segundo as explicações, além de ter ficado muitos anos a realizar as suas actividades sem fazer cerimónias para imortalizar os seus ancestrais, o doente decidiu contrair matrimónio sem ter respeitado os ritos locais.

O que mais irritou os seus antepassados, de acordo com os líderes comunitários locais, é o facto de Hilário e a sua esposa estarem empreender viagens para diferentes regiões da província de Nampula e do país para tratar doentes, deixando de lado o ajudante, por sinal seu sobrinho.



Previsão do Tempo

Sexta-feira 26 de Setembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu pouco nublado, localmente nublado. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Sábado 27 de Setembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado a limpo. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu pouco nublado a limpo. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu pouco nublado, localmente nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Domingo 28 de Setembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado, localmente nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na província de Cabo Delgado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Diga-nos quem é o XICONHOCA
Envie-nos um SMS para 90440 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Mau desempenho da Polícia agasta população em Nampula

A população das unidades comunais de Teacane, no bairro de Natikiri, Cavalaria, no bairro de Carrupeia, e Cotocuane, em Namutequelua, na cidade de Nampula, acusam as autoridades policiais de nada fazerem para estancar a criminalidade que supostamente está a recrudescer naquelas zonas.

Segundo os moradores, pessoas desconhecidas protagonizam desmandos mas os casos denunciados não são averiguados em resultado da alegada indiferença por parte da Polícia.

Uma cidadã cujo nome não nos revelou, residente no bairro suburbano de Natikiri, assegurou que na última terça-feira (16/09) foi vítima de tentativa de assalto na sua residência, que foi abor-tada pelos vizinhos.

A Polícia foi mantida ao corrente do problema, mas nada fez. "Pediram-me apenas para trocarmos os contactos telefónicos, alegadamente para eu efectuar uma ligação à Polícia em caso de os meliantes voltarem a atacar-me".

Volvidos dois dias, os malfeiteiros tentaram perpetrar outro as-salto na mesma residência, tendo os donos da casa telefonado para a Polícia conforme as instruções das autoridades da Lei e Ordem. Nada foi feito, mas, felizmente, os supostos bandidos não concretizaram os seus planos.

Reclamações similares registam-se um pouco por todos os bairros suburbanos da cidade de Nampula. Na zona da Cavalaria, no bairro de Carrupeia, uma senhora queixou-se de ter sido vítima



de agressão física. Ela denunciou o caso às autoridades policiais mas no dia da audição foi obrigada a declarar que perdoava o presumível infractor.

Sobre estes e outros casos, Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, disse que os mesmos não constituem verdade, mas reconheceu que de há um tempo a esta parte os cidadãos queixam-se muito da criminalidade. Ele instou a popula-ção a ser cada vez mais vigilante e a denunciar pontualmente casos relacionados com a transgressão das normas de harmonia social.

Num outro desenvolvimento, Miguel Bartolomeu admitiu que a corporação não actua como deve ser por causa da falta de meios e de efectivos, sobretudo nesta altura em que um núme-ro considerável de agentes da Lei e Ordem foi destacado para garantir a segurança durante o decurso da campanha eleitoral.

Prevalece a incapacidade da EDM no fornecimento de energia eléctrica em Nampula

Os moradores das unidades comunais Piloto e Muthita, no bairro de Mutuanha, na cidade de Nampula, estão outra vez de costas voltas com a empresa pública Electricidade de Moçambique (EDM) devido a cortes constantes no fornecimento de energia eléctrica, no período nocturno. A situação, que parecia estar minimizada, regista-se desde finais do mês passado.

Os clientes queixam-se do facto de a EDM não "tugir nem mugir" em relação a este problema. Alguns estudantes do curso nocturno na Escola Secundária de Muatala, sita na unidade comunal Muthita asseguram-nos que desde o início do terceiro trimestre as aulas são ministradas apenas entre as 17h15 e as 18h00.

Em resultado das sistemáticas interrupções no abastecimento de corrente eléctrica, a direcção daquele estabelecimento de ensino anunciou que não dispõe de meios alternativos para

contornar a situação; por isso, vai continuar a apelar à EDM para que resolva o problema o mais rápido possível.

Sobre este caso, o @Verdade contactou Hermínio Lucas, direc-tor da EDM, Área de Distribuição de Nampula, que não explicou a que se devem os cortes de energia, alegadamente por estar a gozar de licença disciplinar. Ele disse que devíamos falar com o seu substituto, que também se manteve calado porque não tem ordens emanadas a partir de Maputo para se pronunciar sobre o assunto.

Edilidade quer acabar com a prática de urinar na via pública em Nampula

Numa operação designada "Cidade limpa e sem doenças", o Conselho Municipal da Cidade de Nampula, através do seu departamento de Higiene, Salubridade e Gestão Funerária, está a levar a cabo um trabalho com vista a interditar a prática de urinar na via pública. A acção consiste na colocação de sinais que proíbem a deposição de lixo e a prática de satisfação de necessidades biológicas nos locais com maiores focos de defecação a céu aberto.

Na cidade de Nampula, os muros de vedação e plantas que se localizam em locais de maior concentração po-pulacional constituem o principal foco de deposição de excrementos humanos, devido à falta de sanitários pú-blicos na urbe.

O Conselho Municipal diz ter esboçado um projecto ten-dente ao alargamento da rede de infra-estruturas no ramo de saúde, que contempla a construção de um nú-mero considerável de sanitários públicos naquela autarquia, nos próximos tempos.

De acordo com Miguel Jorge Arineque, morador do bairro de Muhala e vendedor do Mercado Central, a iniciativa poderá contribuir para a promoção do saneamento naquela cidade, actualmente, com mais de 500 mil habitan tes. Ancho Miguel, vendendeira, considera salutar a ideia de proibição do fenómeno de urinar e de depositar resíduos sólidos em locais impróprios e apela às autoridades municipais para a tomada de medidas visando aos seus praticantes.

Entretanto, enquanto este projecto não se materializa,

indivíduos, aparentemente sem postura urbanística, vão poluindo a cidade, com fezes e urina, num autêntico atentado à saúde pública.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

Os mamparras desta semana são os membros do Conselho Superior da Comunicação Social (CSCS) que, perante uma série de eventos, em que pontificam os assassinatos de carácter por parte de alguns órgãos de comunicação social, têm assistido a tais actos, impávidos e serenos, como se estivessem entretidos no planeamento de uma expedição à lua!

Ao sensacionalismo e 'pornográficos' títulos e conteúdos que pululam em identificados órgãos, o CNCS tem mantido um silêncio aterrador.

No dia-a-dia, os moçambicanos e outras gentes que habitam e visitam este país têm sido violentados, na sua busca de informação, por um jornalismo em que pontifica a mediocridade, a heresia que os cérebros do colégio do CSCS não conseguem descontar nas suas miopias!

Em jeito de levamento da letargia em que se encontra, o CSCS emitiu um comunicado de repúdio ao solícito jornal Público.

Este jornal publicou um alegado "escândalo sexual" de um tal Pastor Magaia, cujas imagens fizeram a manchete daquele semanário e, no referido comunicado, os membros do CSCS, sem sancionarem ninguém, apenas instam "as direcções dos órgãos de informação e os profissionais da comunicação social a absterem-se de usar e divulgar imagens que podem constituir conteúdo pornográfico na Imprensa audiovisual e escrita de circulação não restrita".

O CSCS, como órgão do regulador dos media do Estado, tem o dever de respeitar o princípio segundo o qual "ninguém deve ser condenado antes de ser ouvido", posto que condenações são susceptíveis de transformar os supostos ofensores em vítimas, com a aparência de heróis.

No caso em apreço que tirou do longo sono os membros do CSCS, seria interessante se todos sou-béssemos que eles teriam ido ouvir o autor do texto, os editores e a direcção do jornal em que o alegado "escândalo sexual" foi publicado.

É que o referido jornal, desde que, em 2012, foi chamado à atenção pelos mamparras, continua a passear a sua classe como disso agora lembramos e deixamos ibpís verbis as parte mais importan-tes dessa defesa: "O meu jornal tem sido conota-do como sensacionalista porque aborda assuntos candentes e ao estilo da nossa linhagem. Ainda que se pense dessa forma, nós sempre privilegiamos o contraditório em torno dos assuntos que abordamos, salvo raras exceções em que a contraparte não se pronuncia, mas isso tem o seu devido tratamento", disse Rui de Carvalho na época.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparras.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Casamentos prematuros ganham terreno na Maganja da Costa

O número de raparigas que, precocemente, abandonam escolas para passarem a ser donas de casa no distrito da Maganja da Costa, na província da Zambézia tende a aumentar. No primeiro semestre deste ano, cerca de 1401 raparigas de 13 a 20 anos de idade desistiram dos estudos, por terem contraído o matrimónio precocemente.

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Apesar da implementação de políticas visando promover e manter a rapariga na escola, o quadro de desistência escolar de raparigas é sombrio no distrito da Maganja da Costa, sendo uma das principais razões os casamentos prematuros.

Para compreender e encontrar formas de estancar este fenómeno, a Liga dos Direitos da Crianças (LDC), uma organização não-governamental que trabalha na área de promoção dos direitos e proteção da criança realizou, recentemente, naquela parcela do país, a Conferência Distrital das Raparigas que reuniu o Comando Distrital da Polícia Republica de Moçambique, o Serviço Distrital de Saúde, Mulher e Ação Social, Educação e a Procuradoria Distrital.

O encontro, que decorreu sob o lema "Chega aos casamentos prematuros, sim à educação da rapariga", tinha como objectivo adoptar uma estratégia para a proteção da menina dentro e fora da escola, bem como conscientizar as adolescentes, os professores e os líderes comunitários com vista a difundirem acções de combate a este mal que assola um pouco por todo o país.

Os estudos efectuados pela LDC concluem que as raparigas são retiradas das escolas pelos seus pais e encarregados de educação e são forçadas a casar-se com professores e comerciantes em troca de valores monetários e alguns bens.

A pobreza e as razões socioculturais são apontadas como o motor que influencia os pais e encarregados de educação a praticar este acto. Para combater este fenómeno que está a destruir o futuro de milhares de raparigas na Maganja da Costa, o governo e as ONG's têm vindo a envidar esforços no sentido de sensibilizar as comunidades para combater e denunciar os casos de casamentos prematuros.

Segundo a Constituição da República, no número 1 do artigo 121, os casamentos prematuros violam os direitos da criança, na medida em que retiram ao menor e a todo o indivíduo com menos de 18 anos de idade a proteção que lhe permite desenvolver integralmente.

De acordo com as estimativas do sector da Educação a nível do distrito, os números referentes à desistência da



rapariga devido a casamentos prematuros tendem a aumentar proporcionalmente aos níveis de ensino, isto é, no Ensino Secundário Geral registam-se mais desistências por casamentos prematuros, relativamente aos níveis inferiores (3º 2º e 1º ciclos do ensino primário).

As desistências das raparigas, segundo dados dos Serviços Distritais de Educação Juventude e Tecnologia, acontecem com muita frequência nos postos administrativos e localidades onde os índices da pobreza continuam elevados.

Maria Claudina Mijojo, chefe de departamento do género na repartição do ensino básico nos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia (SDEJT), avançou que, só no primeiro semestre, 1.401 raparigas dos 36.387 alunos matriculados no presente ano lectivo abandonaram a escola devido à gravidez precoce e aos casamentos forçados. Este número obriga o sector de Educação e o governo local a envidarem esforços de modo a combaterem a desistências nas escolas.

O governo está a trabalhar em coordenação com algumas ONG's que estão a implementar programas de retenção da rapariga nas escolas. A partir do próximo ano estas organizações vão subsidiar as despesas de meninas desfavorecidas que pretendam estudar.

Dados da Secção de Atendimento da Mulher e Criança vítima de violência doméstica, do Comando Distrital da PRM na Maganja da Costa, indicam que no período em alusão deram entrada naquele gabinete 77 casos de casamentos prematuros. Segundo a chefe do gabinete, Ilda Viegas, nos casos que foram registados, as queixosas não reclamam por se terem casado precocemente, mas sim por falta de assistência por parte do marido.

"Não podemos prender os infractores porque antes de se casarem chegam a consenso com os pais da menina", referiu.

Na Maganja da Costa, a comunidade considera, por razões socioculturais, que uma menina que atingiu 14 anos de idade já é uma mulher madura, pronta para se casar e assumir a responsabilidade de dona de casa, bem como para cuidar dos filhos.

"Quando a menina atinge uma certa idade e desenvolve os seios, tal torna-se motivo para a família se reunir a fim sensibilizá-la, dizendo que ela já está crescida e chegou o momento de fazer o seu lar para trazer algo que sustente a família", acrescentou Viegas.

O @Verdade conversou com uma adolescente, de 13 anos de idade, que tem uma filha. A rapariga, que não quis ser identificada, contou que antes de o seu pai ter perdido a vida apareceu na sua casa um senhor que lhe pediu em casamento e o progenitor acabou por aceitar. Na altura, ela frequentava a 6ª classe e teve que abandonar os estudos para cuidar da sua nova casa e do marido.

Não obstante a diferença de idade, (aproximadamente 20 anos), a união foi consumada. Porém, o relacionamento não durou muito tempo. Quando nasceu o primeiro filho do casal, o marido deixou de gostar dela e mandou-a de volta para a casa dos seus progenitores. Sem alternativa, ela teve de regressar ao lar de origem e, presentemente, vive com a sua mãe. Para sustentar o seu filho, a adolescente dedica-se à venda de hortaliças.

Refira-se que Moçambique é subscritor de vários dispositivos internacionais e regionais que visam promover o acesso da rapariga à educação escolar e previnam o abandono, entre os quais o Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento que recomenda os Estados a promulgarem leis até 2015 que defendem o acesso igual ao ensino. O Governo moçambicano aprovou a Política Nacional da Educação que também se refere ao acesso da rapariga.

Na lista dos países que apresentam um maior número de casamentos forçados, Moçambique encontra-se posicionado em 10º lugar, depois de Níger, Chade, Mali, Malawi, Burquina Faso, Bangladesh, Guiné e República Centro Africana, contabilizando mais de metade de mulheres que se casam antes dos 18 anos.

A coordenadora da LDC, Maria Chapamba, disse ser necessária a implementação da lei que criminaliza as uniões forçadas, e os seus perpetradores devem ser punidos severamente nos termos da lei. "Todo o pai que submeter a sua filha a este tipo de acção deveria ser punido", afirmou.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

NEGLOGENCIA

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Desmilitarização e reintegração dos homens da Renamo têm início a 30 de Setembro

Semanas após a assinatura do acordo de cessação das hostilidades militares em Moçambique, ainda não teve início o processo de desmilitarização, imobilização e reintegração das forças residuais do partido Renamo. Para o efeito, os membros da Equipa Militar de Observadores Internacionais da Cessação das Hostilidades Militares (EMOCHM) já começaram a chegar à capital moçambicana mas só deverão iniciar a fiscalização e monitoria, prevista para durar 135 dias, a 30 de Setembro em curso

Texto: Redacção • Foto: Gettyimages

José Pacheco, o chefe da delegação do Governo, afirmou, após a 78ª ronda de diálogo político com a Renamo, que dos nove países que se deverão fazer parte da EMOCHM só os peritos militares da África do Sul, do Botswana, da Itália e do Zimbabwe é que se encontram no nosso país.

Espera-se que nos próximos dias cheguem os peritos vindos do Quénia, do Cabo Verde, de Portugal, do Reino Unido e dos Estados Unidos da América (EUA) para completarem o grupo de trabalho.

Neste contexto, Pacheco disse que se registam avanços no processo de integração dos homens da Renamo nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), na Polícia da República de Moçambique (PRM) e nas acções



com vista à inserção social e económica das pessoas que não possuírem aptidões físicas ou psíquicas para continuarem a viver sem dependerem de terceiros, e a garantia de que nenhum partido político moçambicano esteja armado.

Da parte do Governo, todos os peritos já trabalharam para o feito. "Da parte da Renamo também estão a trabalhar para a obtenção das listas que vão permitir o processo de reintegração dos homens".

Estatuto da EMOCHM

Na ronda de diálogo da passada segunda-feira (22/09), as delegações do Governo e do partido Renamo chegaram a consenso sobre o Estatuto dos Observadores Militares, cujo Comando Central funcionará na cidade de Maputo e será encabeçado por um brigadeiro do Botswana. A EMOCHM estará também posicionada nas províncias de Sofala, Inhambane, Nampula e Tete para monitorar e fiscalizar a implementação do Acordo de Paz II.

O estatuto dos observadores militares internacionais surge como uma das exigências feitas pelos amigos dos países convidados para a observação e monitoria, segundo os quais se deve observar a Convenção de Viena de 1961 com vista à participação dos seus peritos militares no processo. A Convenção regula a relação diplomática entre os Estados.

José Pacheco explicou que basicamente o estatuto refere-se aos direitos e deveres dos peritos militares internacionais na sua actuação. Disse que os observadores terão de obedecer à legislação fiscal moçambicana, mecanismos aduaneiros e de migração, bem como à legislação laboral do país. O instrumento

também se refere às garantias de segurança e logística para a missão de observação internacional, cuja actividade deverá durar 135 dias prorrogáveis.

Os 23 observadores internacionais vão juntar-se a 70 oficiais moçambicanos (do Governo e da Renamo) para se ocuparem do processo de desmilitarização do maior partido da oposição em Moçambique, da integração dos seus homens residuais nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique e na Polícia da República de Moçambique, bem como da inserção social e económica daqueles que não possuírem aptidões físicas ou psíquicas para o efeito e da garantia de que no fim do processo nenhum partido político esteja armado no país, como manda a lei.

Brevemente deverá chegar a Maputo a equipa dos oficiais da Renamo que integrará a missão, anunciou Saimone Macuiana, chefe da delegação do partido Renamo.

Recorde-se que mesmo após a assinatura do acordo de cessação das hostilidades militares, pelo Presidente Armando Guebuza e por Afonso Dhlakama, delegações do Governo e do partido Renamo continuam sentadas à mesa de diálogo político onde procuram consenso sobre a despartidarização do Estado, que só deverá discutida depois das Eleições Gerais de 15 de Outubro, e também em torno do processo de reintegração económica.

Anciã assassinada à catanada na Maganja da Costa

Uma idosa, que em vida respondia pelo nome Atubai Basião, de 74 anos de idade, foi encontrada sem vida na manhã da última terça-feira, 19 de Setembro em curso, próximo da sua residência, na localidade de Namacuma, no distrito da Maganja da Costa, na província da Zambézia. Os protagonistas deste acto macabro encontram-se em parte incerta.

A localidade de Namacuma dista aproximadamente 17 quilómetros da vila daquele distrito. O corpo da vítima apresentava sinais de golpes com recurso a catana na cabeça e nos membros superiores. A anciã vivia sozinha e há tempo que ela era acusada de prática de feitiçaria. Pessoas próximas da vítima suspeitam de que a sua morte seja um ajuste de conta entre familiares.

Para alcançarem os seus intentos, os malfeiteiros arrastaram a anciã para um lugar que dista 100 metros da sua residência, onde consumaram o acto. Saide Lopes, filho de Atubai Basião, disse que de madrugada ouviu gritos na estrada, mas não desconfiava de que se tratava da sua mãe a ser violentada. "Acompanhei os gritos de socorro e ignorei pensando que era uma outra pessoa". Ele também acredita que algum parente esteja envolvido no caso.

Um oficial da Polícia da República de Moçambique (PRM) na Maganja da Costa confirmou a ocorrência e explicou que não se fez presente ao local do crime devido à falta de meios. Nesta parcela do país, este é o terceiro caso de assassinato de uma anciã acusada de bruxaria em menos de dois meses.

Enquanto isso, um cidadão, de 32 anos de idade, que em vida respondia pelo nome de Jorge Joaquim Afonso, suicidou-se na noite da última quinta-feira (18/09), na cidade de Nampula. O caso ocorreu no quarteirão Eduardo Mondlane, Unidade Comunal de Mutava Rex, nos arredores da capital provincial de Nampula.

Segundo Miguel Juma Bartolomeu, porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM), a nível daquela província, não se sabe ao certo as motivações que o levaram a tomar tal decisão, mas informações obtidas junto das autoridades locais indicam que o malogrado vinha disputando um campo de produção agrícola com a vizinhança.

Cidadão está preso por posse de órgãos humanos em Mocuba

Um cidadão identificado pelo nome de Assane José, de 22 anos de idade, está, desde a tarde do último sábado, 20 de Setembro corrente, a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) na cidade de Mocuba, na província da Zambézia, por ter sido encontrado na posse de dois pulmões, dois rins, um coração, um baço e um fígado em estado de putrefacção.

Segundo Filipe Gulete, comandante distrital da PRM em Mocuba, o suposto assassino e traficante de órgãos humanos foi detido graças a uma denúncia de populares. Estes estranharam o comportamento do indivíduo quando transportava os órgãos em causa, que exalavam um cheiro nauseabundo, para um estabelecimento comercial pertencente ao suposto comprador identificado pelo nome de Vasco José, de 24 anos de idade, que está também encarcerado.

A Polícia contou que, na altura em que se fez ao local onde decorria o negócio, Assane José tentou pôr-se em fuga, tendo sido baleado na perna direita. Ele está internado no Hospital Rural de Mocuba. A corporação disse que a sua suspeita é de que os órgãos humanos em alusão seriam usados em actos de superstição.

Os exames médicos indicaram que decorreram entre quatro e sete dias após a retirada dos referidos órgãos da vítima que ainda não foi identificada, por sinal um adolescente cuja identidade também não foi apurada.

Por seu turno, o Assane José confessou o crime e avançou que os pulmões, os rins, o coração, o baço e o fígado estavam destinados à venda por 25 mil meticais.

Dois jovem morrem por consumo excessivo do álcool em Nampula

Um cidadão identificado apenas pelo nome de Lucas, de aproximadamente 20 anos de idade, morreu por alegada intoxicação alcoólica. O seu corpo foi achado na terça-feira passada, 22 de Setembro corrente, no bairro de Carrupeia, arredores da cidade de Nampula.

Segundo testemunhas, a vítima era natural do distrito de Angoche e consumia excessivamente bebidas alcoólicas sem antes se alimentar, o que o deixava debilitado.

Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, confirmou o caso mas escusou-se fornecer detalhes à Imprensa. Ele defendeu haver necessidade de os jovens serem alertados sobre o risco do consumo abusivo de bebidas alcoólicas.

Este é o segundo caso em menos de uma semana. O primeiro deu-se na quinta-feira (18) passada, na zona de Terene, no bairro suburbano de Murrapaniua, na cidade Nampula, onde um jovem identificado apenas pelo nome de Maurício, de aproximadamente 29 anos de idade, foi encontrado sem vida, supostamente por consumo exagerado de bebidas alcoólicas de fabrico caseiro.

De acordo com testemunhas, o corpo da vítima foi descoberto por volta das 05h00 por um grupo de mulheres que procuravam água naquela área em expansão. Presume-se que Maurício não se tenha alimentado devidamente antes de se embalar. Em relação a este caso, Miguel Bartolomeu disse que não tinha ainda dados esclarecedores.

Destaque

“A guerra”

Na última quinta-feira (25) comemorámos o 50º aniversário do início da Luta de Libertação Nacional. Para recordar a efeméride, publicamos na íntegra o sétimo capítulo do livro “Lutar por Moçambique”, escrito por Eduardo Mondlane, em 1969.

Texto: Eduardo Mondlane • Foto: Centro de formação fotográfica
• Foto: A mulher moçambicana na luta de libertação nacional

A luta armada foi lançada a 25 de Setembro de 1964.

O exército português esperava um ataque, mas tinha subestimado a nossa capacidade, bem como os nossos objectivos. Supunham eles que a nossa estratégia seria baseada em contínuas flagelações das forças portuguesas na fronteira, a fim de pressionar as autoridades portuguesas no sentido de se alcançar um acordo. Por outras palavras, a FRELIMO, protegida pelo «Santuário» da Tanzânia, contentar-se-ia com uma série de incursões de bate e foge através da fronteira. Para se defender dessa acção, o exército português desdobrou uma larga força ao longo da margem do Rovuma e evacuou as populações que viviam nas fronteiras.

Porém, a FRELIMO tinha-se preparado não para uma acção de flagelações, mas para uma guerra do povo contra as forças armadas portuguesas, guerra que a seu tempo levaria à derrota ou rendição dos Portugueses. Esta subestimação das nossas intenções era certamente benéfica para nós nas primeiras fases da guerra.

O Comité Central tinha dado instruções às forças da FRELIMO para montar operações simultâneas em vários pontos do país, todas no interior. Não iam «invadir» o país, como os Portugueses esperavam, mas já lá estavam dentro, fazendo reconhecimentos das posições portuguesas e ganhando novos recrutas.

Em 25 de Setembro a FRELIMO lançou um grande número de acções de ataque a postos militares e administrativos na província de Cabo Delgado. Em Novembro já a luta se estendia às províncias do Niassa, Zambézia e Tete, forçando os Portugueses a dispersar os soldados e impedindo-os de realizar um contra-ataque eficaz. Confrontado com acções de combate em quatro províncias ao mesmo tempo, o exército português não estava à altura de preparar expedições ofensivas sem deixar outras posições vitais a descoberto. O resultado foi que a FRELIMO conseguiu consolidar as suas posições estratégicas no Niassa e em Cabo Delgado, que tinham sido os objectivos desta primeira fase da guerra. As unidades que operavam na Zambézia e em Tete foram então retiradas e provisoriamente reagrupadas no Niassa e em Cabo Delgado, para reforçar a capacidade ofensiva da FRELIMO e assegurar que os avanços feitos nestas províncias fossem mantidos e que fosse estabelecida no interior uma base firme de acção militar e política. Os Portugueses, por outro lado, não podiam retirar as suas tropas de Tete e da Zambézia, visto que assim correriam o risco de encontrar nova ofensiva nestas áreas. Deste modo, o inimigo era obrigado a manter grandes forças immobilizadas, enquanto todas as forças da FRELIMO estavam aptas para a acção.

O sucesso destas primeiras operações abriu-nos o caminho para intensificar o recrutamento e aperfeiçoar a nossa organização. Em 25 de Setembro de 1964, a FRELIMO tinha só 250 homens treinados e equipados, que operavam em pequenas unidades de 10 a 15 homens cada uma. Pelos meados de 1965, já as forças da FRELIMO operavam com unidades a nível de companhia, e em 1966 as companhias foram organizadas em batalhões. Em 1967 o exército da FRELIMO tinha atingido efectivos de 8000 homens treinados e equipados, sem contar as milícias populares ou os recrutas treinados mas ainda não armados. Por outras palavras, a FRELIMO aumentou os seus efectivos de combate trinta e duas vezes, em três anos.

Pelo lado português, os constantes aumentos dos efectivos do exército e do orçamento militar são a prova do



impacte já obtido pela guerra. Em 1964 havia cerca de 35 000 soldados portugueses em Moçambique; pelos fins de 1967 havia entre 65 000 e 70 000. Nos meados de 1967, a Assembleia Nacional de Lisboa aprovou uma lei que baixava o limite de idade de inscrição no Exército para 18 anos e aumentava o período de serviço militar para três anos, ou mesmo quatro, em casos especiais. Nos princípios de 1968, foi anunciado que mesmo os que eram anteriormente considerados inaptos para o serviço militar, como os surdos, mudos, coxos, seriam mobilizados para serviços auxiliares, e que mesmo as mulheres também seriam admitidas a estes serviços.

gueses mortos, apenas o pode fazer por aqueles que caem, sem poder depois verificar os corpos, e assim podem os feridos contar como mortos.

* O jornalista americano Stanley Meisler foi testemunha dum desses casos de falsificação.



Em 1963, o orçamento militar para Portugal e as colónias era de 193 milhões de dólares. Em 1967, só para a defesa das colónias, o orçamento foi de 180 milhões, e em Abril de 1968 esta verba foi oficialmente aumentada em 37 milhões, totalizando 217 milhões de dólares para as guerras coloniais. Estes dados são oficiais, fornecidos por Lisboa, e, visto que Portugal tem boas razões para rebaixar as suas verbas militares por causa da opinião pública interna e mundial, não será precipitação supor que Portugal esteja agora a gastar alguma coisa como 1 milhão de libras por dia para «defender o povo das províncias ultramarinas» contra... o povo das províncias ultra-marinhas.

Esta «escalada» da agressão portuguesa corresponde a um aumento das perdas portuguesas. Comparem-se, por exemplo, as perdas sofridas por eles nos primeiros dois meses, Janeiro e Fevereiro, dos anos de 1965, 1966 e 1967:

Ano	1965	1966	1967
Soldados mortos	258	360	626

Os Portugueses naturalmente anunciam perdas muito menores do que as avaliadas pela FRELIMO, e a comparação entre ambas poderia levar-nos a muitas

considerações. Primeiro, ao mencionar as próprias perdas, os Portugueses atribuem surpreendente número de mortes a «acidentes»*; anunciam as baixas por um período de tempo muito mais longo do que aquele em que ocorreram; omitem mortes de soldados africanos fantoches. Ao declarar as perdas da FRELIMO, porém, contam todos os africanos mortos, e portanto abrangem sempre muitos civis «suspeitos». Isto sem contar com qualquer falsificação directa que possa surgir. Por outro lado, quando a FRELIMO calcula o número de portu-

Muitos factores têm contribuído para o avanço das forças da FRELIMO contra o exército português, mais numeroso e bem equipado.

Nas frentes de combate, os Portugueses encontram-se com todos os problemas dum exército regular em combate com uma força de guerrilha, e dum exército estrangeiro de ocupação com batendo em território hostil. Primeiro, só uma pequena fracção das forças armadas pode ser utilizada na acção militar. O governo colonial tem que empregar grande número de militares na protecção de cidades, interesses económicos e linhas de comunicação e para guardar a população confinada nas «aldeias protegidas». Assim, dos 65 000 soldados portugueses em Moçambique, só cerca de 30 000 estão em combate contra as nossas forças no Niassa e em

Cabo Delgado; e mesmo de entre estes, nem todos estão livres para entrarem em combate, visto que muitos estão a defender pontos estratégicos e centros populacionais da área. Segundo, os Portugueses estão a combater em terreno que não lhes é familiar, contra um inimigo que é dessa terra e a conhece bem. Muita dessa terra das províncias do Norte é densamente arborizada, dando boa cobertura aos guerrilheiros e suas bases. Muitas vezes, o único meio de penetrar na mata é por atalhos estreitos, onde um grupo de homens tem que andar em fila indiana, constituindo um alvo ideal para emboscadas. Em tais condições, de pouco serve equipamento pesado como aviões e carros blindados.

O aspecto político é ainda de maior importância, porque a luta é essencialmente política, e o aspecto militar é apenas parcial. Para justificar a sua presença, os Portugueses afirmam que o seu exército está a defender Moçambique da agressão externa. Todavia, esta posição não consegue persuadir ninguém, porque as forças da FRELIMO são, sem exceção, compostas por moçambicanos, enquanto o exército português é quase totalmente composto por soldados portugueses, tendo pouco mais de um milhar de soldados africanos fantoches entre as suas fileiras. E quando assim acontece, os soldados africanos estão rodeados de soldados portugueses para evitar as deserções.

O próprio povo é, na esmagadora maioria, hostil aos Portugueses. Para impedir a sua cooperação com a FRELIMO, o exército português organiza-o em «aldeias protegidas», rodeadas por arame farpado e guardadas por soldados portugueses, imitação dos centros de repovoamento montados pelos Franceses durante a guerra da Argélia, ou das aldeias estratégicas dos Americanos no Vietname. Tudo isto pode separar temporariamente os aldeões da FRELIMO; mas não contribui em nada para reduzir a hostilidade contra os Portugueses, e logo que surge a oportunidade a população dessas tais «aldeias protegidas» revolta-se.

A guerra está também criando problemas internos ao Governo Português, que enfrenta não só a guerra em Moçambique, mas também a luta em mais duas frentes, Angola e Guiné-Bissau. Ao mesmo tempo, tem que manter forças de repressão em S. Tomé, Cabo Verde, Macau, Timor, assim como no próprio Portugal, onde a oposição ao fascismo, embora enfraquecida por quarenta anos de repressão, nunca foi completamente esmagada. Os recursos do Governo, em homens e em dinheiro, estão esticados quase ao ponto de rebentar, por causa das guerras a milhares de milhas da metrópole, guerras pelas quais a população está pagando, mas das quais a maioria não pode esperar ganhar nada. Isto atiça a oposição interna e ao mesmo tempo enfraquece as defesas do Governo contra ela. Para preencher as vagas militares deixadas na mãe-pátria pela partida de grande número de soldados para o ultramar, o Governo convidou a Alemanha Ocidental a ir estabelecer bases militares em Portugal, uma das quais foi já construída em Beja e aloja 1 500 soldados alemães. Esta medida pode fortalecer a posição militar do Governo, mas politicamente enfraquece-o, pois introduz uma força militar estrangeira para o ajudar a manter-se contra o seu próprio povo.

O Governo Português não tem popularidade alguma; foi estabelecido e tem sido mantido pela força e pela polícia secreta. Mas, ainda assim, exige do povo sacrifícios crescentes. É verdade que alguns portugueses aproveitam imensamente da guerra, e as famílias dos soldados em comissão de serviço nas colónias recebem um pequeno subsídio financeiro. Mas o preço, em sangue, está a aumentar constantemente. Em 1961, foram mortos em Angola 500 soldados portugueses. Nos três primeiros anos da guerra de Moçambique, os Portugueses admitem o total de perto de 4 000 mortos e feridos, enquanto a FRELIMO avalia as perdas portuguesas em mais de 9 000. Em 1967, nas três frentes foram mortos ou feridos cerca de 10 000.

O efeito de tudo isto na população pode ser avaliado pelo facto de o Governo ter julgado necessário promulgar uma lei que proíbe a todos os portugueses do sexo masculino de idade superior a 16 anos a saída do país sem licença militar. Dentro do próprio Exército, tudo indica estar o moral bastante em baixo. Em 1966 calculava-se que em Portugal, desde o início das guerras coloniais, se tinham dado 7000 casos de deserção e insubordinação no Exército. Em Moçambique, grande número de soldados portugueses desertaram directamente para as forças da FRELIMO. Muitos deles eram impelidos pelo medo e desconforto sofridos no exército colonial e pelo tratamento que recebiam dos superiores, mas alguns

desertavam por oposição fundamental ao regime de Salazar e à guerra. Um deles, Afonso Henriques Sacramento do Rio, deu as suas razões:

«Por um lado, discordo do regime do ditador Salazar; por outro lado, porque não obedeci a ordens de incendiar casas, massacrar a população moçambicana e destruir colheitas.»

Outro, José Inácio Bispo Catarino, deu um expressivo relato das condições do exército português ao jornal Mozambique Revolution, revelando não só por que alguns soldados desertam, mas também por que não desertam mais: pela sua ignorância acerca da guerra, acerca da FRELIMO, e por causa da severa vigilância dos oficiais:

«Os nossos oficiais nunca nos dizem nada acerca da guerra. Eu nunca soube directamente que estávamos a combater soldados da FRELIMO. Eu tinha uma ideia do que era a FRELIMO, porque costumava ouvir, às escondidas, a Rádio Moscovo. Eu sabia que os guerrilheiros tinham matado muitos soldados portugueses e sabia que era verdade porque via muitos dos meus camaradas serem mortos... Eu desertei porque nós, os Portugueses, tomámos à força a terra que pertence aos Africanos. Agora os donos da terra querem a sua terra. Por que havíamos de os combater? Eu não posso combater ao lado dos Portugueses porque sei que o que eles estão a fazer é errado. Vi cair muitos dos meus camaradas; o meu sargento morreu na minha frente e muitos outros; todos eles morreram por uma causa que não era a deles. Eu falava muitas vezes aos meus soldados, dizendo-lhes que fingissem estar doentes a fim de serem evacuados para Nampula. Organizava reuniões com alguns daqueles em que eu tinha mais confiança e explicava-lhes que estávamos a sofrer por uma causa que não era a nossa. Dei-lhes o exemplo do nosso sargento que tinha morrido por nada. Encontrávamo-nos em qualquer sítio onde tivéssemos a certeza de não sermos ouvidos e mesmo nas casas de banho.» (Entrevista no jornal Mozambique Revolution).

Se relativamente poucos desertam do serviço activo - é preciso um certo grau de consciência política e de decisão para desertar nessas condições -, muitos fazem o que podem para evitar o combate. Contaram-nos alguns desertores que, muitas vezes, quando os soldados saem em busca da FRELIMO, escondem-se sim-

enviando tropas para combater em África ao lado de Portugal.

A África do Sul, por outro lado, é relativamente impermeável à opinião pública mundial e não mostra qualquer tendência para permitir uma oposição democrática no seu território. Contudo, a sua capacidade de auxílio a Portugal está limitada pelos seus próprios problemas. Já tem um grande exército e força de polícia ocupados em manter o regime branco contra o movimento de libertação indígena. Além disso, está abertamente a enviar soldados e armas para a Rodesia e é provável que estes compromissos aumentem. Os laços tradicionais entre a África do Sul e os Portugueses são menos apertados do que os que existem entre os Sul-Africanos brancos e os Rodesianos brancos, e uma participação grande nas guerras portuguesas só acrescentaria as tensões no exército, sem despertar entusiasmo na população branca.

As próprias condições que a Portugal dificultam a guerra actuam em favor da FRELIMO.

Porque as tropas portuguesas estão aquarteladas em defesa de várias posições estratégicas, as forças de guerrilha têm sempre a iniciativa de escolha do tempo



plesmente na mata durante algum tempo e depois regressam ao acampamento contando aos oficiais uma história suficientemente bem arquitectada. Também houve casos de recusa franca de companhias inteiras à ordem de patrulhar regiões onde se sabia que a FRELIMO estava forte. As observações da população e dos nossos soldados confirmam estas histórias.

Portugal procura ajuda dos seus aliados para vencer os seus muitos problemas, mas mesmo neste esforço encontra dificuldades provenientes das condições e da natureza da guerra. A assistência vem especialmente dos países da NATO e da África do Sul. Porém, as Nações Unidas condenaram a política de Portugal e criticaram a NATO e outros países por lhe darem apoio; é de notar ainda que uma parte substancial da opinião pública doutros países da NATO se opõe às guerras de repressão feitas por Portugal. Como resultado, os Estados Unidos e a Europa Ocidental vêm-se forçados a manter uma certa distância. Portugal recebe auxílio da NATO, financeiramente, em armamento e treino, e não menos em experiência, de países como a França, a Grã-Bretanha e Estados Unidos em processos de guerrilha. A assistência militar, contudo, deve revestir a aparência de que se ajuda Portugal a cumprir os seus deveres de membro da NATO, e oficialmente não devia ser utilizada na África, que está fora da área da NATO. Embora algum armamento da NATO esteja certamente a ser utilizado nas colónias, o principal benefício que Portugal recebe da NATO é ser-lhe assegurado o equipamento militar da metrópole, deixando-lhe livres os seus próprios recursos para actuar nas colónias. Sendo estes ainda insuficientes, seria politicamente difícil para qualquer dos aliados da NATO entrar directamente na luta colonial

e lugar de ataque. As forças da FRELIMO combatem no seu próprio terreno, que bem conhecem, no meio duma população que os conhece e lhes dá apoio. Cada derrota portuguesa significa que a luta entra numa nova área, e que os Portugueses têm que movimentar mais tropas para o novo local, enfraquecendo um pouco mais a sua posição geral. Uma derrota da FRELIMO é mais facilmente recuperável, porque implica somente uma redução temporária de força numa área.

Qualquer progresso na guerra significa muito mais para a FRELIMO do que uma simples conquista de território. A guerra alterou toda a estrutura interna das áreas profundamente afetadas por ela: nas zonas liberta

Destaque

das, foram abolidos os vários sistemas de exploração humana, desapareceram os impostos pesados, foi destruída a administração repressiva; as populações podem cultivar livremente as terras conforme necessitam, foram iniciadas campanhas de alfabetização, estabeleceram-se escolas e serviços de saúde e o povo entra em debates políticos para tomar as suas próprias decisões. Conquanto todos estes progressos sejam embrionários, a mudança foi sentida algum modo por quase todos os habitantes da zona, estimulando-os ainda mais à luta. Cada zona libertada, deste modo, é meio de recrutamento de novos elementos para as forças de combate. Nas aldeias constituem-se milícias populares que logo confirmam o poder do povo e aliviam as forças regulares da FRELIMO de muitas tarefas de defesa; e, em cooperação com o exército, também essas milícias alargam a capacidade ofensiva geral da FRELIMO.

O exército da FRELIMO e a população estão intimamente ligados; o povo é uma fonte constante de informação e abastecimento para a FRELIMO, enquanto constitui para os Portugueses mais uma fonte de perigo. As forças da FRELIMO vivem, na maioria, do que produzem nas áreas de combate, e os artigos de consumo são transportados a pé através da mata, entre os pequenos centros por elas estabelecidos. Assim, a FRELIMO não tem linhas de abastecimento vulneráveis, nem nenhuma posição estratégica, militares ou económicas, que necessitem de defesa. Não é, pois, muito grave a perda duma base ou área de colheitas; não tem grande significado para além duma perda imediata de recursos.

Quanto mais se prolonga a luta, mais evidente se torna a sua base popular, mais apoio aflui à FRELIMO, mais confiança há na capacidade de êxito da FRELIMO, enquanto diminui a confiança dos aliados de Portugal nos seus projectos. A medida que se desenvolve a luta, aumenta o auxílio material à FRELIMO, enquanto a própria FRELIMO se torna mais forte. Assim, cada vitória aumenta as nossas possibilidades de conseguir mais vitórias e reduz a capacidade portuguesa de conter as nossas actividades.

O carácter das forças da FRELIMO

Para compreender a verdadeira natureza da guerra, não é suficiente ter em conta estes factores gerais, comuns a todas as lutas populares de guerrilha. É importante considerar pontos mais pormenorizados acerca da composição, organização e comando do exército.

O exército é representativo de grande parte da população, na medida em que a grande maioria dos guerrilheiros são camponeses, inicialmente ignorantes, analfabetos e muitas vezes incapazes de falar português; mas há também, espalhados, elementos que receberam alguma educação dentro do sistema português. A maioria provém naturalmente das áreas actualmente afectadas pela luta, porque é nessas áreas que é possível fazer vastas campanhas de politização e treino. Há, porém, uma corrente continua de povo que vem do Sul, de todo o Moçambique,



Não é este o único ponto em que o exército está na vanguarda da transformação social. Recebendo mulheres nas suas fileiras, revolucionou a posição social feminina. Elas desempenham agora parte muito activa na direcção de milícias populares e há também muitas unidades de guerrilha compostas por mulheres. Por meio do exército, as mulheres começaram a tomar responsabilidades em muitas áreas; aprenderam a comportar-se e a falar em reuniões públicas, a tomar parte activa na política. De facto, realizam trabalho importante na mobilização da população. Quando uma unidade de mulheres chega pela primeira vez a uma aldeia ainda pouco integrada na luta, a vista das mulheres armadas que se levantam e falam em frente dum vasto auditório causa grande espanto, mesmo incredulidade; quando os aldeões se convencem de que os soldados em frente deles são de facto mulheres, o efeito nos homens é tão grande que acorrem recrutas em muito maior número do que o exército pode rapidamente integrar ou que a região pode dispensar.

O exército está promovendo a melhoria do nível de educação, assim como da consciência política geral. Os recrutas são ensinados a ler, escrever e falar português, onde quer que seja possível, e mesmo, onde seja impossível organizar programas de ensino, são estimulados a ajudar-se mutuamente na aprendizagem de conhecimentos básicos. De facto, as autoridades portuguesas desconfiam cada vez mais dos camponeses que falam português, porque sabem que é mais provável que o tenham aprendido no exército da FRELIMO do que nas escolas portuguesas. A exército organiza também vários programas específicos, como treino de operadores de rádio, contabilidade, dactilografia e ainda matérias mais directamente relacionadas com a guerra. Finalmente, o exército cultiva e produz, onde seja possível, os artigos alimentares de que necessita, aliviando assim a população do encargo de lhe fornecer mantimentos e ao mesmo tempo dando exemplos que ensinam.

Nestes aspectos, o exército conduz o povo; mas ainda mais importante é o facto de que o exército é o povo e é o povo que forma o exército. Há membros civis da FRELIMO empenhados em toda a espécie de trabalho no meio da população; mas a cooperação estende-se para além, para toda a massa de camponeses que não são membros da FRELIMO mas que apoiam a luta, procurando a protecção do exército e a ajuda do partido para várias das suas necessidades. E, por sua vez, dão aos militantes todo o apoio que lhes é possível.

Tudo isto é ilustrado pelas palavras dos próprios militantes.

Joaquim Maquival, da Zambézia:

«Venho da Zambézia, sou chuabo, e combati no Niassa, onde a população é composta de nyanjas, que me recebiam como um filho. Trabalhei no meio de ajuas, macuas, que me receberam como se fosse o seu próprio filho.»

Miguel Ambrósio, comandante de companhia em Cabo Delgado:

«Combati na Zambézia e no Niassa, longe da minha própria região e da minha tribo. Combati na terra dos Chuabos e dos Lomes. [...] Os chuabos, nyanjas e lomes receberam-me ainda mais calorosamente do que se eu fosse da sua própria região. No Niassa Ocidental, por exemplo, encontrei-me com o camarada Pangue e, embora ele seja do Sul, ninguém o podia distinguir do povo da região; é como um filho da terra. O povo percebe que somos todos moçambicanos. [...] O povo está unido e ajuda-nos. Doutro modo, por exemplo, não poderíamos entrar em zonas inimigas; é o povo que nos dá toda a informação acerca dos movimentos do inimigo, sua força e sua posição. Também, quando começamos a trabalhar numa área onde não há mantimentos, porque não tivemos oportunidade de os cultivar, o povo dá-nos de comer. Também nós ajudamos o povo. Até que as milícias se formem numa região, protegemos as populações rurais nos seus campos, contra a acção e represálias dos colonialistas; organizamos novas aldeias quando temos que; evacuar a população duma zona por causa



bique, que foge para se juntar à luta; e, ao princípio, muitos vieram dos campos de refugiados, fugidos de todos os distritos de Moçambique para escaparem à repressão, e integraram-se na luta logo que se formaram as estruturas para os receber. No exército, há povos de diferentes áreas, de modo que cada unidade contém representantes de diferentes tribos e regiões combatendo juntos. Deste modo, o tribalismo é eficazmente combatido adentro das forças de combate, estabelecendo-se assim um exemplo para o resto da população.

da guerra; protegemo-las contra o inimigo.»

Rita Mulumbua, mulher militante do Niassa:

«Nas nossas unidades há gente de todas as regiões; estou com ajuas, nyanjas, macondes e gente da Zambézia. Creio que isto é bom; antigamente não nos julgávamos uma só nação; a FRELIMO mostrou-nos que somos um só povo. Unimo-nos para destruir o colonialismo e imperialismo português.»

A luta transformou-nos. A FRELIMO deu-me a possibilidade de estudar. Os colonialistas não queriam que estudássemos, ao passo que agora que estou neste destacamento onde nos treinamos de manhã, de tarde vou para a escola aprender a ler e escrever. Os Portugueses não queriam que estudássemos porque se o fizéssemos compreenderíamos, saberíamos coisas. Por esta razão a FRELIMO quer que estudemos para sabermos e sabendo compreendermos melhor, combatermos melhor e servirmos melhor o nosso país.»

Natasha Deolinda, mulher militante de Manica e Sofala: «Quando entrei para o exército, a FRELIMO mandou-me para um curso sobre organização de juventude e também me deu treino militar. Depois fui trabalhar para a província de Cabo Delgado. O nosso destacamento fazia reuniões em toda a parte explicando a política do nosso partido, as razões da luta e também o papel da mulher moçambicana na revolução.»

A mulher moçambicana participa em todas as actividades revolucionárias; ajuda os combatentes, tem um importante papel na produção, cultiva os campos, tem treino militar e toma parte nos combates e faz parte das milícias que protegem o povo e os campos.»

Destes comentários se depreende claramente que o papel do exército vai muito mais longe do que simplesmente combater os Portugueses. Como o partido, é uma força construtora da nação. Prepara não somente soldados, mas futuros cidadãos que transmitem o que aprendem ao povo no meio do qual trabalham.

A chefia não se baseia em postos, mas no conceito de responsabilidade; o chefe de determinado grupo é chamado o homem «responsável» por ele. Muitos destes agora «responsáveis» nunca tinham ido à escola antes de entrarem para o exército; eram analfabetos sem instrução formal quando se incorporaram perto do início da guerra. Tornaram-se aptos para a chefia através da sua experiência prática de trabalho combatente e político e através dos programas de educação do exército. Alguns tinham um pouco de frequência da escola; mas muito poucos, mesmo entre os que hoje estão em posições importantes, tinham passado além da escola primária.

Destaque

A nossa experiência, a dos militantes e chefes, desenvolvia-se com a luta. Em 1964, o exército compreendia pequenos grupos de homens, frequentemente mal armados e mal abastecidos, somente capazes de montar emboscadas e incursões de pequena escala. O exército lutava contra tremendas dificuldades. O relato seguinte, dum homem que é hoje comissário político nacional e membro do Comité Central, dá indicação do que era a guerra, no princípio, da população que nela estava empenhada e de como desenvolviam as suas actividades. Algumas das primeiras lutas deste homem contra as estruturas educacionais e económicas portuguesas foram relatadas em capítulos anteriores. O presente relato começa imediatamente após a sua fuga forçada de Moçambique.

Raul Casal Ribeiro:

«Alguns camaradas da FRELIMO encontraram-me e educaram-me. [...] Três meses mais tarde pedi para entrar para a FRELIMO. A partir desse momento comecei a trabalhar como membro da FRELIMO. Fui para uma das bases de treino do nosso partido para me preparar, e desde então tenho estado a combater. Tínhamos que enfrentar muitas dificuldades. Ao princípio, havia ocasiões em que nem tínhamos que comer. Havia momentos de hesitação, mas o trabalho de educação política tinha-me ensinado como aceitar os sacrifícios e continuar a lutar.

O partido tinha confiança em mim e deu-me responsabilidade. Estudei muito. Fui encarregado da educação doutrinária das unidades. Depois entregaram-me a sabotagem dos caminhos-de-ferro de Tete-Maturara e outras operações. O nosso destacamento era pequeno e tínhamos pouco equipamento; o inimigo mandou um batalhão inteiro para nos destruir, mas não o conseguiu. Atacavam-nos, mas sofriam sempre grandes baixas. Uma vez cercaram-nos e nós só tínhamos cinco balas entre nós todos. Dispararam sobre nós, mas tínhamo-nos abrigado. Pensando que nos tinham matado, uma vez que não respondímos ao fogo, avançaram. Quando chegaram a três ou quatro metros de nós, os camaradas que tinham as balas abriram fogo e mataram um deles. Os portugueses assustaram-se e retiraram, dando-nos a oportunidade de escapar sem eles saberem. De longe, continuaram a disparar durante uma hora e por vezes atiravam uns aos outros. Mais tarde encontrámos o corpo de um boer sul-africano que tinha estado com os portugueses e tinha sido morto por eles.

É assim que o inimigo semeia ventos e colhe tempestades. Nesta batalha apanhámos uma MG 3, seis carregadores cheios, uma granada ofensiva e duas defensivas e uma faca.»

Foi nestas pequenas operações, com coragem e iniciativa em face de condições difíceis, que a presente dimensão e força do exército se tornou possível. Como indicação do rápido crescimento da ação de guerrilha, eis um comunicado relativo a uma ação realizada em 2 de Agosto de 1967, subsequentemente confirmada pela rádio portuguesa:

«Três aviões e um depósito de munições completamente destruídos; depósito de combustível incendiado; quase todas as casas perto do aeródromo, destruídas; dúzias de soldados portugueses mortos ou feridos. Isto aconteceu em Mueda num ataque com morteiros lançado pelas tropas da FRELIMO em 2 de Agosto. O fogo continuou intenso durante dois dias.» (Comunicado da FRELIMO.)

Organização do exército

Depois de começarem os combates, o exército foi muitíssimo reforçado com novos recrutas das áreas de ação; e, a fim de utilizar eficazmente esta força crescente, tinha de se aperfeiçoar rapidamente a organização. O próprio exército era organizado em batalhões, subdivididos em destacamentos, companhias e unidades. Isto significa que, enquanto se podem levar a cabo operações de pequena escala numa vasta área, temos também forças disponíveis muito mais consideráveis para ações mais importantes, tais como ataques a postos portugueses ou à base aérea de Mueda.

O sistema de chefia tem também que ser ajustado às condições variáveis da guerra. Ao princípio, as áreas de combate eram divididas em regiões militares, cada uma com um comando regional; mas, durante os primeiros dois anos de guerra, não havia comando central além do Departamento de Defesa e Segurança, chefiado por um secretário, tal como qualquer outro departamento da

organização. O secretário tratava de todos os pormenores do trabalho militar, e, embora de vez em quando delegasse a sua autoridade num ou noutro dos seus camaradas do exército, não existia rigorosa divisão de responsabilidade. O sistema funcionava bem enquanto as forças de guerrilha eram ainda poucas e numerosas, e a sua ação fraca e limitada; mas logo que aumentou o número de guerrilheiros em ação, e se alargaram as áreas de combate, foi necessário aperfeiçoar o sistema. Foi preciso montar um comando central efectivo, porque, nos primeiros anos de luta, descobrimos que, sem autoridade central, é impossível coordenar e abastecer as diferentes forças que operam em lugares distantes do país.

Em reunião do Comité Central em 1966, foi decidido que o exército fosse reorganizado, com um alto comando que operasse a partir dum quartel-general fixo. Esta decisão conduziu à formação do Conselho Nacional de Comando, actualmente encabeçado pelo secretário do Departamento da Defesa (DD), pelo seu assistente, que é comissário político do exército, e outros doze chefes responsáveis pelas diferentes secções do exército. O exército foi dividido em doze secções:

1.	Operações;
2.	Recrutamento, treino e formação de quadros;
3.	Logística (abastecimentos);
4.	Reconhecimento;
5.	Transmissão e comunicação;
6.	Informação e publicações militares (que também edita o jornal policopiado «25 de Setembro», redigido por militares da FRELIMO);
7.	Administração;
8.	Finanças;
9.	Saúde;
10.	Comissariado político;
11.	Pessoal;
12.	Segurança militar.

Assim, o exército tem o seu próprio sistema de administração nacional, nas mesmas linhas da administração civil e em paralelo com esta. No plano local, o exército tem também uma estrutura claramente definida. Em cada província há:

1.	Um chefe provincial, que também é subsecretário da província;
2.	Um chefe provincial-adjunto;
3.	Um comissário político;
4.	Um chefe operacional.



Por este novo método de organização, cada responsável tem uma área de responsabilidade definida, na qual tem que exercer a sua iniciativa, mas tem também um canal de contacto estabelecido com o alto comando. Entrou em vigor nos princípios de 1967 e quase imediatamente as coisas começaram a funcionar com maior eficiência; comunicações entre as províncias e os quartéis-generais estabeleceram-se com maior regularidade; armas e equipamento começaram a chegar mais rapidamente às áreas de combate; o recrutamento intensificou-se; e os planos de novas e mais extensas campanhas contra o inimigo entraram em fase operacional.

Numa situação como esta, em que um país está em estado de guerra e o exército tem inevitavelmente poderes muito extensos, há a possibilidade de perigo de conflito entre as organizações civis e militares. Todavia, no nosso sistema, isto é reduzido ao mínimo pelo facto de que ambos estão enquadrados no corpo político da FRELIMO, que é constituído por elementos militares e civis. A relação entre os corpos políticos, militares e civis não se pode descrever como

uma hierarquia em que um poder está subordinado ao outro. As decisões políticas têm que ser tomadas pelo corpo político, cujo órgão supremo é o Comité Central. O exército, como os vários departamentos, funciona em conformidade com as decisões do Comité Central; mas os dirigentes do exército, como membros do Comité Central, também ajudam a elaborar estas decisões políticas. As reuniões dos comandos militares, que se realizam quinzenalmente, são normalmente presididas pelo presidente ou vice-presidente da FRELIMO, o que assegura e mantém coordenação íntima nas reuniões do Comité Central entre as decisões políticas e as militares.

Localmente, as milícias populares desempenham parte importante na ligação entre as populações civis e o exército. Estas milícias são constituídas por membros militares da população civil, que desempenham as suas ocupações normais e, ao mesmo tempo, embora não incorporados no exército de guerrilha, empreendem certas tarefas militares. A sua função principal é a defesa da sua região. Se houver perigo de ataque das forças portuguesas, podem ser mobilizadas como uma força armada adicional. Enquanto há combates na região, essas milícias coordenam a sua atividade com a das forças de guerrilha, reforçam-nas quando é necessário e fornecem informação acerca da própria localidade. Quando os guerrilheiros libertam uma área, as milícias podem então tomar conta da or-

ganização da defesa, produção e abastecimentos, deixando as forças principais livres para se moverem em direção a novas áreas de combate. Em regiões onde não há ainda uma luta armada activa, formam-se milícias secretas para preparar o terreno para a guerrilha; para mobilizar o povo; para observar as forças portuguesas; para conseguir abastecimentos e assistência aos guerrilheiros à medida que estes entram na região.

Num sentido, estas milícias po-

pulares são a espinha dorsal da luta armada. Os guerrilheiros desenvolvem as principais ofensivas e a maior parte do combate directo, mas é função das milícias tornar possível a sua acção.

O desenrolar da luta

Terminada a fase inicial da nossa ofensiva e retiradas as nossas forças para as duas províncias do Norte, seguiu-se um período de aparente impasse, que durou de 1965 a 1966. Durante este período, a FRELIMO controlou a maior parte do terreno e das aldeias da zona do Norte; os Portugueses controlavam as cidades e bastantes bases fortificadas onde estavam relativamente seguros. As estradas principais eram disputadas, visto que os Portugueses continuavam a querer utilizá-las para o transporte de soldados e mantimentos, enquanto a FRELIMO as minava e nelas montava emboscadas constantemente. Os Portugueses eram incapazes de organizar uma ofensiva eficaz, porque, quando saiam das bases para irem para a mata em busca das nossas forças, caiam em emboscadas. Por outro lado, a FRELIMO ainda não tinha força suficiente para lançar ataques maciços contra as posições portuguesas. Todavia, a FRELIMO ia sempre aumentando a sua força, consolidando a sua posição militar e política, treinando novos recrutas e gradualmente desgastando a força dos Portugueses por meio de pequenas acções. Pela segunda metade de 1966, tornava-se visível o poder crescente da FRELIMO e as nossas forças eram já capazes de começar a atacar as próprias bases dos Portugueses. Entre Setembro de 1966 e Agosto de 1967 foram atacadas mais de trinta bases militares portuguesas; e pelo menos mais dez, nos últimos três meses de 1967. Muitas destas bases ficavam muito danificadas e algumas eram evacuadas depois dos ataques. Por exemplo, o posto de Maniamba (Niassa Ocidental) foi atacado a 15 de Agosto, e evacuado; foi reocupado, mas de novo abandonado depois dum segundo ataque em 31 de Agosto; dez dias depois chegou um forte desatamento de fuzileiros para o reocupar. A 13 de Setembro foi atacado o posto de Nambude (Cabo Delgado), e os edifícios, três veículos e o equipamento de rádio ficaram destruídos. A base aérea de Mueda, alvo extremamente importante, e bem defendido pelos Portugueses, foi duas vezes bombardeada e cinco aviões estacionados ficaram totalmente destruídos.

Durante o ano de 1967, a área de combate alargou-se em todas as regiões. Em Cabo Delgado as nossas forças avançaram para o rio Lúrio e cercaram Porto Amélia, a capital, consolidando ao mesmo tempo as suas posições no resto da província, que está agora quase totalmente nas nossas mãos. No Niassa, as nossas forças avançaram para a linha de Marrupa-Maula e aproximam-se das fronteiras das províncias de Moçambique e da Zambézia. Para sul, ganharam o controlo da zona Catur, entre as províncias da Zambézia e Tete; enquanto, a oeste, criaram as condições necessárias para recomeçar a luta em Tete e na Zambézia, região muito importante em recursos agrícolas e minerais.

Os Portugueses têm procurado melhorar as suas táticas de contraguerrilha, e em particular têm tentado aproveitar da experiência dos seus aliados da NATA: Grã-Bretanha, na Malásia; Estados Unidos, no Vietname, e França, na Argélia.

Afonso Henriques do Sacramento relata:

«Esta instrução é dada aos soldados portugueses na primeira parte dos seis meses de treino. Os soldados aprendem a base teórica da tática contraguerrilha em cursos concluídos por exames. Estes cursos são dados por oficiais que passaram por treino especial teórico e prático. Durante a guerra da Argélia, vários oficiais portugueses receberam treino de especialistas franceses em 'guerra subversiva'. Muitos outros oficiais foram enviados para os Estados Unidos, onde estiveram em cursos de comandos e fuzileiros e estudaram todas as técnicas usadas pelos Americanos contra o povo vietnamita.»

Resulta daqui que o exército português opera agora raramente em unidades inferiores a uma companhia, para que, quando são atacados, mesmo que sofram pesadas baixas, tenham força numérica suficiente para evitar que os guerrilheiros consigam um dos seus principais objectivos: apreensão de armas e munições.

Ainda assim, os Portugueses continuam a sofrer pesadas baixas quando tentam sair das suas bases e pouco avançam sobre as forças de guerrilha, que simplesmente se retiram até ao momento em que podem atacar com vantagem. Os Portugueses passaram cada vez mais à utilização da arma aérea, sabendo que não é fácil adquirir e transportar o equipamento pesado necessário para combater os ataques aéreos.

Assim, têm feito incursões contra bases, aldeias, escolas clínicas; têm bombardeado áreas de cultura, e feito tentativas para destruir a mata que dá abrigo aos nossos guerrilheiros. As baixas causadas por estas incursões são principalmente das populações civis, e tem sido dada prioridade à organização da defesa dos aldeões. Estamos a desenvolver a nossa força antiaérea; em Outubro de 1967, um dos três aviões que bombardeavam Marrupa foi abatido e os outros foram forçados a retirar.



Confrontadas com uma série de reveses militares, as autoridades portuguesas têm feito várias experiências de tática antiguerilha paramilitar, misto de terrorismo e guerra psicológica, com a principal finalidade de persuadir a população a retirar o seu apoio à FRELIMO. Pelo lado psicológico montaram em 1966 e 1967 campanhas de propaganda na rádio e fizeram larga distribuição de folhetos. Estes eram atraentes, impressos em papel de cores vivas, com textos paralelos em português e língua africana, descrevendo as condições de fome e miséria das regiões da FRELIMO e a vida próspera e confortável dos Portugueses. Mostravam grandes cartazes ilustrando estes contrastes ou caricaturas da FRELIMO «vivendo bem» no exílio à custa do resto da população. Nesta propaganda também tentavam explorar as divisões naturais da população acusando a FRELIMO de apadrinhar as ambições dum tribo contra a tribo vizinha.

A distância entre as populações portuguesa e africana, porém, diminui muito o efeito destas campanhas; dado o alto grau de analfabetismo e o baixo nível de vida, os folhetos e a rádio não atingem vastos auditórios. Além disso, a falsidade do seu conteúdo não é difícil de notar; o povo lembra-se bem de que não havia prosperidade sob o domínio português e onde a FRELIMO exerce actividade as populações viram que os seus membros e chefes provêm de diferentes tribos e vários grupos religiosos. A FRELIMO tem a grande vantagem de realizar o seu trabalho político por meio de contactos pessoais, de viva voz, com reuniões, exemplos, persuasivamente empreendidos por membros da população. Além disso, não há qualquer tentativa de torcer a verdade com promessas de coisas impossíveis: nós admitimos que a guerra pode ser longa; que será certamente difícil; que não trará prosperidade e felicidade como por encanto; mas já está a realizar alguns progressos e é o único modo de eventualmente melhorar a qualidade da vida. Na mensagem do Comité Central de 25 de Setembro de 1967 ao povo moçambicano declarava-se:

«[...] Há muitas dificuldades. Os guerrilheiros têm por vezes de passar dias inteiros sem comer, têm que dormir ao relento e, às vezes, têm que marchar dias ou mesmo semanas para fazer um ataque ou uma emboscada... O povo também sofre nesta fase da luta de libertação, porque o inimigo intensifica a sua repressão para tentar aterrorizar a população e impedi-la de apoiar os guerrilheiros. Há muitas dificuldades. A batalha pela liberdade não é fácil. Mas a liberdade que queremos vale todos esses sacrifícios.»

O trabalho de mobilização é feito essencialmente através do contacto directo, mas é apoiado pela literatura e pela rádio. Comunicados e mensagens como a anterior são policopiados e distribuídos nos acampamentos e durante as reuniões. Circulam também folhetos policopiados, descrevendo, por exemplo, um «patrão» explorador a ser expulso pela FRELIMO. Há também regularmente programas de rádio, emitidos através da Rádio Tanzânia, que, desde 1967, tem sido suficientemente poderosa para chegar além da fronteira sul de Moçambique. Nas zonas libertadas, distribuímos aparelhos de rádio para ajudar o povo a ouvir estas emissões. Os programas constam de: notícias em português e em línguas africanas; relatos da luta; mensagens e esclarecimento político; programas educativos sobre higiene e saúde pública; canções revolucionárias, música tradicional e popular.

Tendo obtido poucos resultados com a propaganda directa, os Portugueses têm tentado métodos mais complicados. Em 1967, por exemplo, instalaram na província de Tete um fantoche africano como chefe dum partido «nacionalista» e organizaram comícios onde ele apareceu ao lado de funcionários portugueses, afirmando que os Portugueses estavam dispostos a dar pacificamente a independência ao seu partido, mas não aos «bandidos da FRELIMO». Esta campanha teve inicialmente algum sucesso; mas, como os esclarecimentos dados por militares da FRELIMO eram confirmados pela ausência de quaisquer indícios de boa-fé da parte dos Portugueses, o povo foi ficando descrente e deixou de aparecer nos comícios.

Confrontados com o fracasso da acção militar e de «persuasão», os Portugueses foram recorrendo cada vez mais ao terror, numa tentativa de amedrontar aqueles que ajudavam a FRELIMO. Vendo que as forças de libertação viviam entre o povo como o peixe na água, eles queriam aquecer a água até cozer o peixe.

Desde o inicio da guerra, em todo o território de Moçambique - e não só nas áreas de combate - houve incursões para cercar os simpatizantes nacionalistas e foram presos milhares de «suspeitos». A maioria destes eram camponeses e operários manuais, «nativos» segundo a terminologia portuguesa. Não foram julgados nem condenados, mas presos, interrogados, torturados e, não raras vezes, executados em completo segredo. Mesmo as famílias não sabem nada de definido: tudo o que sabem é que a pessoa desapareceu.

Entre estes «suspeitos» houve alguns intelectuais, pessoas demasiado conhecidas fora de Moçambique para desaparecerem sem provocar protestos internacionais. Assim aconteceu com os poetas José Craveirinha e Rui Nogar; Malangatana Valente, pintor; Luís Bernardo Honwana, contista. As autoridades portuguesas levaram a tribunal estes homens eminentes, tornando públicos os seus processos e tentando dar a impressão de que procediam contra os nacionalistas e sabotadores, etc., da mesma maneira, legalmente. Mas mesmo estes julgamentos-espetáculo não estavam de acordo com os padrões de legalidade estabelecidos nos países não fascistas. O primeiro destes julgamentos, em Março de 1966, terminou com a absolvição de nove dos treze acusados, por falta de provas; mas o Governo recusou este veredito e ordenou novo julgamento em tribunal militar. Este, agindo por instruções precisas do Governo, condenou os que tinham sido absolvidos e prolongou as sentenças dos outros quatro. As próprias sentenças não tinham qualquer sentido, porque incluíam «medidas de segurança», o que significa que o fim da sentença de prisão pode ser prorrogado indefinidamente. Uma delegação

Destaque

de juristas internacionais e os jornalistas estrangeiros foram proibidos de assistir a este segundo julgamento.

Todavia, os Portugueses conseguiram dalgum modo atingir os seus fins, porque o protesto internacional dirigido especificamente contra este julgamento e contra a sorte destes treze intelectuais contribuiu para desviar a atenção do principal: a muito pior sorte de muitos moçambicanos obscuros, que não passaram sequer por um simulacro de julgamento, mas foram mortos ou presos em condições ainda muito piores.

Nas zonas de combate a campanha de terror é mais alargada e mais indiscriminada, com represálias dirigidas contra o conjunto da população. E onde a campanha não chega às aldeias os Portugueses recorrem a ataques aéreos; mas onde os soldados podem atingir o povo, utilizam formas de terror e tortura pessoais. Estes métodos são bem conhecidos de quem quer que tenha estudado os métodos dos exércitos fascistas em qualquer parte do Mundo.

A extrema brutalidade, contudo, não tem por vezes o resultado desejado, antes determina o povo na sua hostilidade contra os Portugueses, e de facto leva-o a actos desesperados de desafio.

Esta política não é só cruel; é tacticamente insensata. O exército da FRELIMO, pelo contrário, é firme e constantemente instruído no sentido de atacar somente os objectivos militares e económicas. As declarações dos militantes indicam bem como eles compreendem esta política:

Joaquim Maquival:

«[...] Nas nossas unidades e nas nossas missões encontrámos muitas vezes civis portugueses desarmados. Não lhes fizímos mal. Perguntávamos-lhes donde vinham; explicávamos-lhes a nossa luta e os nossos sofrimentos; recebíamo-los bem. Fazemos assim porque a nossa luta, a nossa guerra, não é contra o povo português; lutamos contra o Governo Português, contra aqueles que voltam armas contra o povo moçambicano; estamos em guerra contra aqueles que ferem o povo. [...] Sabemos que não somos explorados por todo o povo de Portugal, mas apenas por uma minoria que está também a explorar o próprio povo português. Entre os Portugueses também há povo explorado. A FRELIMO não pode combater contra o povo, não pode combater contra os explorados.»



Miguel Ambrósio Cunumoshuvi (comandante de companhia):

«Nunca pensámos em assassinar civis portugueses; nunca aterrorizámos as populações civis portuguesas, porque sabemos contra quem e por que combatemos. Por esta razão, nunca planeámos um ataque contra civis portugueses. Se quiséssemos, podíamos fazê-lo; os civis vivem perto de nós, temos oportunidades de o fazer; mas o nosso objectivo, o nosso alvo, é o exército, a polícia, a administração.

O nosso programa, as nossas ordens, dizem claramente que não devemos atacar civis, mas só aqueles que estão com o exército, isto é, aqueles que o acompanham e o servem. Os únicos terroristas em Moçambique são os colonialistas.»

Esta política é importante para o futuro, quando chegar o momento de tentarmos formar uma sociedade capaz de absorver os diferentes povos que vivem em Moçambique sem ressentimento racial; mas tem também vantagens práticas imediatas. Por exemplo, no princípio da guerra, as autoridades portuguesas distribuíram armas nos cofonafos e aos comerciantes em certas áreas para serem utilizadas contra a FRELIMO. Esta gente compreendia então que os civis desarmados não seriam maltratados, mas que aqueles que eram portadores de armas seriam tratados como auxiliares do exército; e o resultado era que muitos civis se recusavam a aceitar armas. O facto de as forças portuguesas não aceitarem esta atitude levantou por vezes contra elas os próprios civis portugueses: certo dia as forças portuguesas entraram numa aldeia onde sabiam que a FRELIMO tinha passado e, quando viram que os civis portugueses nada tinham sofrido, acusaram estes de colaboração com a FRELIMO, prenderam e castigaram os seus próprios colonos.

Tete e a nova ofensiva

Quando as forças militares da FRELIMO saíram da província de Tete, depois da primeira fase da guerra, ficaram membros secretos para dirigir a mobilização política e preparar condições para uma futura reabertura desta frente. Pelos fins de 1967, consolidadas as vitórias em Cabo Delgado e no Niassa, e estando já as nossas forças a dirigir-se para o sul, estavam criadas as condições para um alargamento da guerra em direcção a Tete. Finalmente, em Março de 1968, começaram as primeiras operações militares.

Esta nova fase da guerra é especialmente importante, pelos planos militares e económicos que os Portugueses tinham feito para esta área. Tete é uma região chave de Moçambique: o grande rio Zambeze passa pelo centro dessa região; a província possui consideráveis recursos económicos e é atravessada por importantes vias de comunicação, incluindo a estrada principal de Salisbury a Blantyre; num eixo norte-sul, ela atravessa mais ou menos o centro do país.

Os Portugueses tinham inicialmente planeado duas linhas de defesa. A primeira era a de Nacala-Maniamba, que as nossas tropas romperam quando estenderam as operações para Macanhebas, no extremo sul do Niassa. A segunda linha de defesa é o rio Zambeze. Há grande concentração de tropas ao longo do rio e, além disso, os Portugueses planeiam instalar um milhão de colonos no vale, para constituírem uma barreira às

nossas forças. Assim, do ponto de vista militar, todo o vale do Zambeze é extremamente importante.

A área de Tete tem adquirido também considerável importância como resultado do recente plano de desenvolvimento ligado com a barragem de Cabo Bassa. Tete tem das terras mais ricas de Moçambique e a agro-pecuária está razoavelmente desenvolvida, em especial a criação de gado. Há importantes jazigos de minerais que até agora foram pouco explorados. O plano prevê o desenvolvimento de todos estes recursos, em grande parte pela instalação de colonos ao longo da linha defensiva. A própria barragem fornecerá energia para várias indústrias com base nos produtos da região, assim como água para irrigação dos novos projectos agrícolas. O local de Cabo Bassa é portanto um dos alvos mais importantes nesta fase da guerra.

Esta área é também crucial no vasto contexto da aliança sul-africana. Ao sul, Tete faz fronteira com a Rodésia, e assim o progresso da nossa luta aqui é de grande interesse para as forças de libertação do Zimbabwe. De mais imediata importância, porém, é o compromisso da própria África do Sul. Esta está a assumir grande parte da despesa da construção da barragem e espera absorver considerável proporção da energia produzida. Portanto, em Tete estamos a entrar em conflito directo com a África do Sul, que está tão preocupada com os seus interesses que já mandou tropas para proteger o local da barragem. As nossas forças observaram um batalhão de soldados sul-africanos em Chioco e várias companhias em Chicoa, Mague e Zumbo.

O exército sul-africano está extremamente bem equipado com o mais moderno material do Ocidente e a presença dessas tropas tornará sem dúvida a luta mais dura. Mas tem-se visto claramente nos últimos dois anos que os Portugueses desejavam ansiosamente obter assistência directa da África do Sul e sabíamos que, eventualmente, à medida que avançássemos para o sul, cresceria a ameaça da África do Sul. O facto de já estarmos a encontrar soldados sul-africanos é um sinal de como a guerra tem evoluído rapidamente; isto indica a nossa força e a fraqueza dos Portugueses.

Além disso, a presença dos sul-africanos não nos impedi de tomar a ofensiva em Tete. A 8 de Março montámos várias operações simultâneas: uma emboscada perto da aldeia de Kasuenda; emboscadas na zona de Furancungo, Fíngue e vila Vasco da Gama; um ataque contra o posto inimigo de Malavela. Nestas operações foram mortos pelo menos doze soldados portugueses, incluindo um sargento; e em Malavela foram destruídas quatro casas, um camião e o depósito da água.



As boas e más novidades sobre a fome no mundo

O número de pessoas que passam fome no mundo diminuiu em mais de cem milhões na última década e mais de 200 milhões desde 1990-1992, mas 805 milhões de habitantes ainda enfrentam a insuficiência alimentar todos os dias, segundo os últimos dados da Organização das Nações Unidas (ONU).

Texto: Phil Harris - Envolverde/IPS • Foto: Reuters



Esses números, extraídos do informe O Estado da Segurança Alimentar no Mundo 2014 (SOFI2014), apresentado no dia 16, em Roma, na Itália, indicam que é possível cumprir o primeiro dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), de redução para metade da proporção de pessoas desnutridas até 2015, mas somente se “forem intensificados esforços apropriados e imediatos”.

É o que afirmam as três agências da ONU que redigiram o informe de forma conjunta: a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e o Programa Mundial para a Alimentação (PMA). Entre esses esforços estão “o compromisso político bem informado por uma sólida compreensão dos desafios nacionais, opções políticas pertinentes, ampla participação e lições de outras experiências, ressaltaram os autores do documento.

Ao apresentar o informe deste ano, o director-geral da FAO, o brasileiro José Graziano da Silva, afirmou que os números indicam que “um mundo sem fome é possível na nossa vida”. As três agências com sede em Roma destacaram que, em geral, houve avanços consideráveis, mas que algumas regiões estão atrasadas, como a África subsaariana, onde mais de 25% dos habitantes estão

crónicamente desnutridos, e a Ásia, onde vivem 520 milhões de pessoas que passam fome, a maior quantidade no mundo.

Na Oceânia houve uma ligeira melhora em termos percentuais, já que baixou 1,7% dos 14% registados em 2012, mas ao mesmo tempo teve um aumento na quantidade de pessoas que enfrentam a fome. América Latina e Caribe foram as regiões que mais avançaram no reforço à segurança alimentar. Entretanto, a directora-executiva do PMA, Ertharin Cousin, afirmou que “ainda não podemos comemorar, porque temos que abranger 805 milhões de pessoas no mundo que não têm alimentos suficientes para levar uma vida saudável e produtiva”.

As agências defenderam um “entorno propício” e destacaram que “a insegurança alimentar e a má nutrição são problemas complexos que não podem ser resolvidos em apenas um sector ou grupo de interesse, mas que devem ser abordados de maneira coordenada. Nesse sentido, pediram aos governos que trabalhem em estreita colaboração com o sector privado e a sociedade civil.

Segundo o informe, esse “espaço propício” deve basear-se num enfoque integrado que inclua os investimentos públicos e privados com vista a aumentar-se a produtividade agrícola, o acesso a terra, serviços, tecnologias e mercados, e medidas para promover o desenvolvimento rural e a protecção social dos mais vulneráveis, como o fortalecimento da sua capacidade de resistência diante de conflitos armados e desastres naturais.

Na sua intervenção na apresentação do informe, Cousin referiu-se em parti-

Egipto à mercê de curandeiros, bruxos e falsos médicos

Magda Ibrahim soube que tinha cancro de endométrio quando dores na bexiga e uma menstruação anormal a levaram ao médico. Como não podia pagar o tratamento recomendado e não tinha seguro médico, esta viúva de 53 anos optou por uma alternativa mais barata e, acreditava ela, mais rápida.

Texto: Cam McGrath - Envolverde/IPS

Um xeque muçulmano local dizia realizar tratamentos espirituais e, mediante uma doação conveniente, curava o cancro. Mas, como os sintomas persistiam, Ibrahim consultou uma loja de ervas popular, cuja wasfa (droga secreta, ou elixir de ervas) tinha fama de reduzir os tumores.

“Senti-me muito melhor durante alguns meses e pensei que o tumor estava a diminuir. Mas depois piorou”, disse à IPS. Quando Ibrahim voltou ao hospital no ano seguinte, os exames revelaram que ainda tinha o tumor e que o cancro se havia espalhado para os gânglios linfáticos, e a mistura de ervas que tomava causaram-lhe problemas renais.

O Egipto é um manancial deste tipo de medicina, disse à IPS o pediatra Ahmad Bakr, promotor de uma reforma da saúde. Os sucessivos governos não fizeram muito para regular o sector, nem para educar a população sobre esse problema. Esta ficou vulnerável, sem ter acesso aos serviços de saúde e à mercê de profissionais mal preparados, curandeiros e charlatães.

“O nosso sistema de saúde está profundamente deformado”, afirmou Bakr. “A falta de dinheiro, a corrupção e a ignorância estão presentes a todos os níveis: no governo e nos médicos, até nos próprios pacientes”, assinalou. A regulamentação fraca e a falta de sanções criaram um espaço para que médicos sem a devida capacitação realizem cirurgias plásticas em clínicas móveis, vendam tónico de serpente na televisão a cabo e se interessem perigosamente pela saúde reprodutiva, ressaltou.

Estima-se que uma em cada cinco clínicas privadas no Egipto funciona sem habilitação oficial e suspeita-se que milhares de supostos profissionais trabalhem com credenciais falsas ou sem formação adequada. “Há muitos desses mal chamados médicos que exercem a medicina no Egipto. A maioria trabalha em pequenas clínicas, mas

também é encontrada em hospitais de renome”, detalhou Bakr.

O próprio Exército chegou a anunciar, em Fevereiro, que havia inventado um dispositivo que detectava à distância a hepatite C, o VIH (vírus causador da SIDA) e a gripe A (H1N1), conhecida como “gripe suína”, entre outras doenças. O aparelho, que supostamente detectava as ondas electromagnéticas emitidas pelas células do fígado infectado, baseia-se num falso detector de bombas comercializado por um britânico especialista em fraudes.

O Exército também assegurou ter inventado uma máquina revolucionária de diálise que curava hepatite C, VIH e até cancro, mediante um único tratamento. “Fiquei surpresto por terem feito essas incríveis afirmações, quase sem evidência clínica”, declarou Mohamed Abdel Hamid, director do Laboratório estatal de Pesquisa de Hepatite Viral. “Com cada novo tratamento, devem ser feitos testes clínicos duplo cego e avaliados por outros especialistas antes do anúncio público”, explicou à IPS.

Muitos críticos afirmam que o Governo contribui para o ambiente de irresponsabilidade que caracteriza o sector. A imprensa estatal exagera nas ameaças sanitárias e alimenta a histeria pública, enquanto as reacções sem reflexão das autoridades, incluindo os altos funcionários, se tingem de motivos políticos.

Em 2009, em resposta à pandemia da gripe A (H1N1), alguns legisladores excessivamente fervorosos aprovaram uma moção para sacrificar os 300 mil porcos do país, porque inicialmente a doença era conhecida como gripe suína. Mas não havia provas de que os porcos transmitissem o vírus para os humanos e nem este fora detectado no Egipto. Apesar disso, alguns funcionários, motivados pela proibição islâmica de comer porco, aproveitaram o facto de que um vírus tinha um nome semelhante para livrar este país de maioria muçulmana do seu rebanho suíno.

“A maior parte desses animais era de pobres zebaleen (colectores de lixo) cristãos que os usavam para digerir a matéria orgânica”, explicou Milad Shukri, líder dessa comunidade. “Milhares de famílias perderam a sua fonte de rendimento por um decreto absurdo, sem bases científicas”, acrescentou.

As pandemias globais, como a síndrome respiratória aguda severa e a gripe aviária, entre outras, foram uma excelente oportunidade para que a miríade de charlatões e fraudadores se apro-

cular ao actual foco de ébola na Guiné Conacri, Libéria e Serra Leoa, na África ocidental, que qualificou de “uma emergência sanitária sem precedentes que está a converter-se rapidamente numa importante crise alimentar”. “Não se pode isolar as pessoas sem se abordar os desafios alimentar e nutricional das pessoas que necessitam de assistência”, acrescentou, explicando que as populações desses países não estão a colher nem a plantar alimentos devido à crise do ébola.

Segundo Cousin, “isso está a converter-se rapidamente numa crise alimentar que afecta potencialmente 1,3 milhão de pessoas hoje em dia, e uma quantidade desconhecida que será afectada no futuro. Não podemos deixar que esta crise humanitária de um nível sem precedentes afecte os nossos esforços de avançar ainda mais, para alcançar as pessoas mais vulneráveis do nosso planeta e acabar com a fome nas nossas vidas”.

O informe fará parte dos debates da Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição, que acontecerá em Roma entre 19 e 21 de Novembro, organizada conjuntamente pela FAO e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa reunião de alto nível procurará reforçar o compromisso político no âmbito mundial para combater a desnutrição com o objectivo geral de melhorar as dietas e elevar os níveis de nutrição.

veitasse das massas desinformadas.

“Com cada susto sanitário, se repete o mesmo padrão”, explicou à IPS o farmacêutico Amgad Sherif, na capital. “As pessoas entram em pânico e atiram a ciência pela janela. A falta de educação e o grande analfabetismo predispõem as pessoas a acreditarem até nos argumentos médicos mais ridículos”, afirmou.

Quando nuvens de gafanhotos do deserto inundaram o Cairo, charlatões empreendedores publicaram anúncios na imprensa local oferecendo “vacinas contra os gafanhotos” aos cidadãos preocupados. Não surpreende que o soro injectado, que se provou ser água de torneira com corante de alimentos na cor laranja, não oferecesse nenhuma proteção contra o “veneno do gafanhoto”. Mas deixou as pessoas enganadas mais pobres e vulneráveis à hepatite C, por exemplo, por uso de agulhas não esterilizadas.

“Para quem faz isso, só importa ganhar dinheiro à custa de pessoas mal informadas”, lamentou Sherif. “Nada sabem de medicamentos, nem seguem as normas de higiene básicas”, acrescentou.

Num conhecido caso de fraude, pessoas que se faziam passar por funcionários da saúde percorreram bairros de classe baixa e média a oferecer “medicina preventiva” cara para doenças infecciosas. O falso pessoal médico, trajando aventais de laboratório e insignias e imitando as oficiais, administrou falsas vacinas a famílias desprevenidas. “Às vezes, dão injeção nas pessoas, que nem sabem o que contêm”, alertou Sherif.

Funcionários da saúde denunciam que os falsos médicos geram confusão e desconfiança, o que prejudica as verdadeiras campanhas de saúde pública como a de erradicação da poliomielite.

Muitas vezes, as autoridades egípcias vêem-se envolvidas num jogo de gato e rato com milhares de “bruxos”, cuja prática médica, baseada na superstição, atrai pacientes desesperados, de baixa renda e com problemas físicos e psicológicos. Esses autodenominados médicos e líderes espirituais são especialmente difíceis de deter, segundo os fiscais, porque costumam trabalhar em apartamentos alugados e divulgam a sua actividade de boca em boca.

Um funcionário judicial declarou ao jornal pan-árabe *Al Arabiya* que, apesar das tentativas de processar os bruxos por fraude, a maioria dos casos é encerrada quando estes chegam a um acordo com a vítima. “Há quase um bruxo por habitante”, concluiu.

Várias iniciativas procuram “romper o silêncio” sobre a escravidão

O filme *Doze Anos de Escravidão*, que obteve três Oscars este ano, entre eles o de melhor filme, abriu os olhos de muita gente para essa barbárie e gerou debates sobre esse período da história da humanidade. Mas é só uma das muitas iniciativas para “romper o silêncio” sobre os 400 anos do tráfico transatlântico de escravos.

Texto: A. D. McKenzie - Envolverde/IPS

Uma das iniciativas que também procura “lançar uma luz” sobre as consequências da escravidão é o Projecto Rota do Escravo, que completou 20 anos este mês em Paris, promovendo uma maior educação sobre o fenómeno nas escolas de todo o mundo.

“O mínimo que a comunidade internacional pode fazer é colocar essa história nos livros”, disse Ali Moussa Iye, director da seção História e Memória para o Diálogo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), encarregado do projecto. “Não se pode negar essa história aos que sofreram e continuam a experimentar as consequências da escravidão”, afirmou.

O projecto é um dos impulsores do memorial permanente para a escravidão, em construção na sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova Iorque, que ficará pronto em Março de 2015, em honra aos milhões de vítimas do tráfico humano.

A UNESCO também participa da Década Internacional para as Pessoas Afro-descendentes (2015-2025), que tem o objectivo de reconhecer um grupo de população distinta e “atender as violações históricas e actuais dos seus direitos”. O lançamento oficial dessa iniciativa acontecerá em Janeiro do próximo ano.

“O enfoque não aponta a culpa, mas procura a reconciliação. Temos de reconhecer a história de uma forma diferente, mais pluralista, para tirar lições e compreender as nossas sociedades”, explicou Iye à IPS. “Todo o tipo de gente sofreu por causa da escravidão e todo o tipo de gente beneficiou dela, assim como agora há pessoas a beneficiarem da escravidão actual. O racismo é um resultado directo dessa horroiosa herança e precisamos de ampliar o diálogo sobre este assunto”, acrescentou.

Segundo a UNESCO, o Projecto Rota do Escravo colocou esses temas na agenda internacional ao contribuir para o reconhecimento da escravidão e do tráfico de escravos como crimes contra a humanidade, uma declaração feita na Conferência Mundial Contra o Racismo, realizada na cidade sul-africana de Durban, em 2001.

Além disso, a UNESCO colectou e preservou arquivos e tradições orais, apoiou a publicação



de livros e identificou “lugares para a recordação, para que os itinerários da memória” possam ser desenvolvidos. Entretanto, para as pessoas afro-descendentes é preciso fazer muito mais para se criar consciência.

Ricki Stevenson, uma empresária afro-descendente que dirige a companhia Black Paris Tours, concentrada na contribuição da diáspora africana à capital francesa, revelou à IPS que deveria haver “conversações nacionais e internacionais sobre os contínuos efeitos da escravidão”.

Segundo Stevenson, “é preciso quebrar o silêncio sobre como o racismo continua a magoar, não só as pessoas negras, mas a todos em qualquer país que mate, prenda, negue a educação e os direitos individuais. Estados Unidos, França e todos os países europeus fizeram quantidade inimaginável de dinheiro à custa do sequestro cruel, desumano, e da escravização de milhões de africanos”.

Para essa empresária, “essas nações ficaram ricas, construíram as suas cidades e as suas economias sobre a escravização de africanos, sobre o trabalho forçado das pessoas negras, que foram privadas dos seus direitos humanos básicos e tratadas pior do que os animais. Actualmente, sabemos que a riqueza de Wall Street e de muitas corporações, as companhias de seguros, de transportes, bancos, famílias e até igrejas, continuam ligadas à escravidão”.

Por essa razão, acrescentou Stevenson, “tenho dúvidas de que alguém que nunca tenha vivido nos Estados Unidos seja capaz de compreender o grave desafio que significa ‘respirar sendo negro’. É um facto quotidiano horrível que todo o homem, mulher, menina ou menino negro enfrentou ou enfrentará em algum momento da sua vida”.

Na França, o crescimento do nacionalismo gera uma cultura de exclusão e racismo, segundo observadores políticos. A ministra da Justiça, Christiane Taubira, por exemplo, autora de uma lei de 2001 que leva o seu nome e também reconhece a escravidão como um crime contra a humanidade, foi alvo de ataques racistas nos meios sociais e em determinadas publicações.

No contexto da cerimónia do 20º aniversário do Projecto Rota do Escravo, Taubira descreveu a sua luta contra o ódio e apontou que o desafio actual é compreender as forças globais que dividem as pessoas para a exploração. “Não podemos aceitar este tipo de falta de humanidade”, ressaltou, acrescentando que “as vítimas anónimas” não foram apenas vítimas, mas “sobreviventes, criadores, artistas, guias e resistentes”, apesar da imensa violência que sofreram.

Algumas pessoas e municipalidades da França trabalharam para realçar o papel activo deste país no tráfico transatlântico de es-

cravos, mediante projectos culturais e para preservar a memória. A cidade portuária de Nantes, que ficou muito rica com a escravidão no século 18, construiu um memorial para as vítimas em 2012.

Os historiadores concordam que mais de 40% do tráfico de escravos da França ocorreu através desta cidade, que funcionou como porto de transbordo de aproximadamente 450 mil africanos levados à força para a América. Mas essa parte da história de Nantes manteve-se oculta durante anos até que a iniciativa de “quebrar o silêncio” se acumulou no Memorial para a Abolição da Escravidão.

Na Grã-Bretanha, a cidade de Liverpool tem um Museu Internacional da Escravidão, e Qatar e Cuba também abriram museus dedicados a esse período histórico, mediante projectos com o apoio da UNESCO.

O aclamado músico de jazz norte-americano, Marcus Miller, porta-voz do Projecto Rota do Escravo, também usa a música para educar a população sobre a escravidão. Antes de uma destacada actuação em Paris com músicos africanos, Miller ressaltou que quer concentrar-se na resistência e resiliência das pessoas escravizadas e das que lutaram para acabar com essa atrocidade que durou vários séculos.

Cimeira do Clima da ONU: só teatro ou factos concretos?

A tão comentada Cimeira do Clima, que acontecerá nesta terça-feira (23), é apresentada como um dos grandes acontecimentos político-ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) para 2014. O seu secretário-geral, Ban Ki-moon, pediu aos mais de 120 governantes e empresários que participarão na Cimeira de um único dia que anunciem iniciativas significativas e substanciais, com promessas de fundos incluídas, "para ajudar o mundo a avançar por um caminho que limite o aquecimento global".

Texto: Thalif Deen - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

Segundo a ONU, a Cimeira será a primeira ocasião em cinco anos em que os líderes do mundo se reunirão para discutir o que se classifica de desastre ecológico: a mudança climática. Entre as repercussões negativas do aquecimento global estão a elevação do nível do mar, padrões climáticos extremos, acidificação dos oceanos, derretimento de geleiras, extinção de espécies da biodiversidade e ameaças à segurança alimentar mundial, alerta a organização.

Mas o que se pode esperar realmente da conferência deste mês, que provavelmente não durará mais do que 12 horas?

"Um acontecimento de um dia não poderá nunca resolver tudo o que se relaciona com a mudança climática, mas pode ser um ponto de inflexão para demonstrar uma renovada vontade política de agir", opinou Timothy Gore, director de políticas e pesquisa da campanha Crecede Oxfam International. Alguns líderes políticos aproveitarão a ocasião para fazer isso, mas muitos "parecem decididos a manterem-se afastados dos compromissos transformadores necessários", acrescentou.

Segundo Gore, a Cimeira foi pensada como uma plataforma para os novos compromissos de acção em matéria climática, mas existe o risco real de estes não serem grande coisa. "O enfoque colocado nas iniciativas voluntárias em lugar dos resultados negociodos significa que não há garantias de que os anúncios que forem feitos na Cimeira serão suficientemente sólidos", acrescentou.

Espera-se que o Fundo Verde para o Clima mobilize cerca de



100 biliões de dólares norte-americanos anuais no Sul em desenvolvimento até 2020, segundo a ONU, mas este ainda não recebeu os fundos que serão entregues aos países em desenvolvimento para que possam implantar as suas acções climáticas.

"No dia 23 de Setembro veremos como os líderes mundiais não estão à altura do que necessitamos para lidar com a perigosa mudança climática", apontou à IPS Dipti Bhatnagar, da Amigos da Terra Internacional e da Justiça Ambiental, de Moçambique. As "promessas" que os governos e as empresas farão na Cimeira do Clima serão extremamente insuficientes para abordar a catástrofe climática, ressaltou a activista.

"A ideia de os governantes assumirem compromissos voluntários e não vinculantes é um insulto a centenas de milhares de pessoas que morrem todos os anos pelos impactos da mudança climática", afirmou Bhatnagar. "É necessário que os países industrializados assumam objectivos de redução de emissões equitativos, ambiciosos e vinculantes, não um desfile de governantes que querem causar boa impressão. Mas este desfile falso é só o que vamos ver nesta Cimeira de um dia", opinou.

No dia 21, dois dias antes da Cimeira, centenas de milhares de pessoas fizeram uma manifestação contra a mudança climática em cidades de todo o mundo.

Martin Kaiser, líder do projecto Política Climática Mundial, do Greenpeace, sugeriu que as empresas devem anunciar datas concretas a partir das quais operarão com 100% de energia renovável. Além disso, "os governos devem comprometer-se a eliminar gradualmente os combustíveis fósseis até 2050 e tomar medidas concretas, como acabar com o financiamento das centrais eléctricas movidas a carvão", destacou. "Também esperamos que os governos anunciem dinheiro adicional para o Fundo Verde para o Clima, a fim de ajudar os países vulneráveis a adaptarem-se aos desastres climáticos", afirmou.

"É necessário que o Norte industrial entregue fundos públicos seguros, previsíveis e obrigatórios ao Sul em desenvolvimento por intermédio do sistema da ONU", disse Bhatnagar, da Amigos da Terra Internacional. Os líderes dos países industrializados estão a descuidar-se da sua responsabilidade para evitar as catástrofes climáticas, impulsionados pelos estreitos

interesses económicos e financeiros das elites ricas, da indústria dos combustíveis fósseis e das corporações transnacionais, acrescentou.

"O que se necessita para se deter a mudança climática são objectivos de redução de emissões equitativos, ambiciosos e vinculantes dos países desenvolvidos, a par da transferência de fundos e tecnologia aos países em desenvolvimento. Também precisamos de uma completa transformação de nossos sistemas de energia e alimentos", enfatizou Bhatnagar.

Nesse sentido, é preciso maior transparéncia para se decidir se os anúncios feitos são coerentes com as últimas conclusões científicas sobre o clima e se protegem os interesses dos mais vulneráveis diante dos impactos climáticos, detalhou Gore. Com relação ao papel do sector privado, "é necessário que os empresários combatem a mudança climática, e estão a surgir bons exemplos de empresas que estão à altura da ocasião", acrescentou.

No sector de alimentos e bebidas, por exemplo, a Oxfam trabalhou com companhias como Kellogg e General Mills para que estas assumam compromissos de redução das emissões das suas cadeias de fornecimento agrícola, extremamente contaminantes. "Mas, em geral, essa Cimeira mostra que há muitas partes do sector privado que ainda não estão à altura, já que as iniciativas que serão apresentadas não cumprem com a transformação de que precisamos", destacou Gore.

"Isso serve para recordarmos a importância fundamental que tem a forte liderança governamental na mudança climática. As iniciativas voluntárias de baixo para cima não são um substituto da acção real do Governo", afirmou Gore.

ONU lança ambicioso plano humanitário em Gaza

A Agência das Nações Unidas para Assistência aos Refugiados (UNRWA) começou um ambicioso plano de recuperação de Gaza após a devastadora guerra de 50 dias entre o movimento armado Hamas e Israel, que destruiu uma parte considerável do território costeiro. Entretanto, para que o plano prospere, falta uma quantidade enorme de financiamento internacional, bem como um cessar-fogo a longo prazo que permita o levantamento do bloqueio que Israel e Egito impuseram a Gaza, conjuntamente.

Texto: Mel Frykberg - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

"Estamos a trabalhar num plano de 24 meses dirigido a 70% da população de Gaza, que são refugiados, mas isso só será possível se o bloqueio for levantado e permitida a entrada de materiais de construção e outros suprimentos", explicou à IPS Chris Gunness, porta-voz da UNRWA.

Calcula-se que a Faixa de Gaza abrigue uma população aproximada de 1,8 milhão de pessoas, num território de 360 quilómetros quadrados, o que a converte numa das regiões de maior densidade demográfica do mundo, com 5.046 habitantes por quilómetro quadrado.

"Novamente pede-se aos contribuintes que financiem a reconstrução de Gaza, e nesse ponto não há garantias de segurança, porque um cessar-fogo permanente é essencial se não quisermos voltar ao ciclo repetitivo de destruição e reconstrução", assinalou Gunness.

A guerra de Gaza, de 8 de Julho a 26 de Agosto, denominada Operação Margem Protectora pelos israelitas, converteu-se na campanha militar mais severa contra a região desde a ocupação israelita dos territórios palestinos, em 1967. "A devastação causada desta vez não tem precedentes na história recente. Partes de Gaza parecem atingidas por um terremoto, com 29 quilómetros de infra-estruturas danificadas", afirmou Gunness.

A guerra também causou a morte de 2.130 palestinos e deixou mais de 11 mil feridos. A destruição foi total em mais de 18 mil moradias, e os danos

obrigaram ao encerramento de quatro hospitais e cinco clínicas de saúde. Sofreram danos consideráveis, 17 dos 32 hospitais de Gaza e 45 das suas 97 clínicas de saúde. Calcula-se que a reconstrução custará mais de 7 biliões de dólares norte-americanos.

Segundo a UNRWA, 22 escolas ficaram totalmente destruídas e 118 foram danificadas durante os bombardeamentos israelitas, bem como muitos centros de educação superior. Cerca de 110 mil pessoas permanecem em abrigos de emergência da ONU ou com famílias de acolhimento, acrescentou a agência. Só a reconstrução dos abrigos custará mais de 380 milhões de dólares norte-americanos.

A Federação Palestina de Indústrias assegura que 419 empresas e oficinas foram danificadas e 129 ficaram totalmente destruídas. "Temos um plano de dois anos que cuida de todo o espectro de necessidades dos palestinos. Actualmente, contamos com 300 engenheiros em Gaza para avaliar as necessidades de reconstrução", afirmou Gunness à IPS.

A estratégia da UNRWA divide-se nas etapas de socorro, recuperação parcial e recuperação plena. "O período de socorro, que continuará pelos próximos quatro meses, implica uma intervenção humanitária urgente, que prevê proporcionar abrigo, alimento e atendimento às necessidades médicas dos refugiados de Gaza", disse o porta-voz.

"O período de recuperação parcial continuará durante o próximo ano e cuidará das necessidades fundamentais da população, como a reparação de danos na infra-estrutura ambiental, restauração das instalações da UNRWA e ajuda complementar para o fornecimento dos meios de subsistência", detalhou Gunness.

"O período de recuperação plena durará dois anos e estará centrado no impacto do conflito, mediante um programa de meios de subsistência sustentáveis que incentive a auto-suficiência e complete a transição dos abrigos de emergência e de estadias prolongadas da UNRWA para a sua função original e a sua plena capacidade operacional", acrescentou o porta-voz.

Uma parte do programa da UNRWA terá a ver com a protecção, o género e a incapacidade. O aumento do número de famílias dirigidas por mulheres e com homens incapacitados repercutirá-se nos padrões de desemprego. "As mulheres são as principais doadoras de cuidados, que estão estreitamente vinculados ao lar e ao trauma psicológico que as crianças apresentam. Por outro lado, já houve sinais de uma violência maior do género", destacou Gunness.

Segundo o porta-voz, "queremos concentrar-nos na sensibilização sobre a violência doméstica, a forma de abordar a violência no lar e a construção de relações saudáveis e equitativas com o nosso programa de empoderamento do género". A UN-

RWA também cuidará da distribuição de alimentos para atender os requisitos mínimos calóricos com alimentação básica, como pão, carne enlatada ou atum, produtos lácteos e verduras frescas. Além disso, entregará kits de higiene e tanques de água para 42 mil famílias.

Também serão realizados reparos de emergência nos abrigos, já que nessa ocasião o número de moradias danificadas ou destruídas foi 70% maior do que nas hostilidades com Israel de 2008-2009. A agência também distribui ajuda de emergência e dinheiro às famílias dos refugiados. "Devido ao enorme dano causados aos hospitais e centros de saúde, a UNRWA estabeleceu 22 pontos que prestarão serviços básicos de saúde aos doentes e feridos, e foram enviadas equipas de saúde para realizar os devidos controlos", destacou Gunness.

O impacto psicológico da guerra é outro factor que preocupa a UNRWA. "Não há uma pessoa em Gaza que não tenha sido afectada pela guerra. Em consulta com o Programa de Saúde Comunitária da agência, contratámos assessores adicionais e coordenadores juvenis que oferecerão uma ampla gama de serviços", acrescentou o porta-voz.

"Se Gaza vai recuperar e os seus habitantes têm alguma esperança para o futuro, é vital que a comunidade internacional intervenha para ajudar aqueles civis que continuam a pagar o preço mais alto", concluiu Gunness.

Rússia vai fornecer reactores nucleares à África do Sul

A Rússia vai fornecer oito reactores nucleares à África do Sul até 2023, uma operação orçada em cerca de 50 mil milhões de dólares, informou nesta segunda-feira a agência russa de energia atómica, Rosatom.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

A entrega destes reactores vai possibilitar a entrada em funcionamento da primeira central nuclear de África assente em tecnologia oriunda da Federação Russa.

O director executivo da Rosatom, Sergey Kirienko, estimou que o negócio poderá custar cerca de 50 mil milhões de dólares, dado que o valor de um reactor ronda à volta de cinco mil milhões de dólares, de acordo com os dados da agência de informação Itar-Tass.

Este contrato intergovernamental foi assinado em Viena, Áustria, à margem da Conferência Internacional de Energia Atómica. À luz do acordo, a Rússia deverá prestar assistência na montagem de infra-estruturas que irão suportar os reactores e treinar especialistas africanos em universidades russas.

Espera-se que a Rosatom venha a criar vários postos de trabalho na África do Sul, como parte do acordo, e gerar cerca de 10 mil milhões de dólares para a indústria local.

Para a ministra sul-africana da Energia, Tina Joemat-Pettersson, a energia nuclear é uma peça-chave para o desenvolvimento da economia do país.

“Estou certa de que a cooperação com a Rússia irá ajudar-nos na concretização do nosso plano de até 2030 passarmos a contar com uma nova instalação nuclear, baseada numa tecnologia segura e moderna,” defendeu Joemat-Pettersson em comunicado.



Oito reactores até 2035

A África do Sul, o país mais industrializado de África, conta actualmente com uma instalação de energia atómica. O país depende, substancialmente, do carvão mineral para a geração da corrente eléctrica e a capacidade de fornecimento da mesma está próxima do limite.

O Governo havia anunciado nos finais do ano passado que cerca de oito reactores nucleares entrariam em funcionamento entre 2023 e 2035, em paralelo com as outras fontes de energia, incluindo o gás natural e a energia hidroeléctrica proveniente da futura barragem de Inga III da República Democrática do Congo.

A ambição sul-africana de passar a utilizar energia nuclear terá atraído diversas propostas internacionais.

A companhia francesa Areva, a responsável pela construção da única central nuclear na África do Sul em Koeberg, havia proposto o fornecimento ao país dos seus reactores nucleares de última geração.

O Governo de Pretória havia solicitado uma manifestação de interesse junto da companhia Westinghouse de capitais norte-americanos e japoneses.

Os novos reactores provenientes da Rússia poderão estar operacionais até 2023. A implementação deste projecto servirá para suprir os grandes défices da energia eléctrica no país.

Reacções

O anúncio feito pela Agência da Energia Atómica da Rússia de que esta fornecerá oito reactores nucleares à África do Sul até 2023 desencadeou uma reacção generalizada.

O partido da oposição, a Aliança Democrática (DA), declarou esta terça-feira que escreveu a um comité do Parlamento sobre energia para avaliar com urgência o acordo e convocar imediatamente a ministra da Energia, Tina Joemat-Pettersson.

Aquela formação política assinalou que nenhuma comunicação oficial foi feita pela Presidência, pelo Ministério da Energia ou pelo Departamento das Relações e Cooperação Internacionais sobre o acordo que alimenta especulação sobre o seu conteúdo.

“Temos sérias preocupações relativas a este acordo. No ano passado, um projecto de acordo não assinado tentou dar à Rússia direitos exclusivos para a construção de centrais nucleares na África do Sul, comprometendo o Governo a obter o consentimento da Rússia se a África do Sul desejar concluir outros acordos com organizações ou outros países”, declarou a deputada da DA Lance Greyling.

Reagindo ao anúncio, a organização de defesa do meio ambiente, a Greenpeace, declarou que a energia nuclear é apenas um “impasse”.

“É preciso muito tempo para a entrega e ela custará muito mais do que o que os sul-africanos podem esperar. A África do Sul precisa da electricidade agora, não dentro de 10 anos e com um preço na ordem de vários triliões de randes”, afirmou a ONG.

“Este último acordo aproxima-nos mais da construção de novos reactores nucleares, mas a capacidade da Rússia de fornecer as ofertas que ela propõe e a sua capacidade de conceder financiamentos aos mercados como a África do Sul está seriamente em dúvida”, declarou o porta-voz da Greenpeace, Melita Steele. Ela afirmou que a energia renovável é a melhor resposta às necessidades de electricidade da África do Sul e permitirá fornecer a energia necessária às populações.

Desporto

Liga perde e Ferroviário de Nampula aproxima-se

O Desportivo de Maputo venceu no domingo (22), pela primeira vez no reduto dos muçulmanos desde que a formação comandada por Sérgio Faife ascendeu à fina-flor do futebol moçambicano, o "Moçambola". O golo que deu a primeira vitória aos alvinegros no campo da Liga Muçulmana foi marcado por Jojó à passagem do minuto 67. Por seu turno, o Ferroviário de Nampula perdeu uma soberana oportunidade de assaltar a liderança ao empatar com o seu homónimo da Beira sem abertura de contagem. Na próxima ronda joga-se o jogo do título entre os locomotivas de Nampula e o líder e campeão em título, sendo que a formação que triunfar partirá em vantagem para as últimas três jornadas.

Texto: Duarte Sítio • Foto: Redacção

Os alvinegros, logo que o árbitro deu a permissão para o início da partida, mostraram que foram para a Matola C, campo da Liga Muçulmana, a fim de lutarem pelos três pontos. Por seu turno, os anfitriões continuaram com a tendência de não brilharem na primeira metade.

A formação de Antero Cambaco foi a primeira a visitar a baliza contrária. Decorria o minuto cinco, quando Lanito, depois de ganhar um despike com Kito, passou a bola para Geraldo que, dentro da grande área, rematou mas o esférico saiu ao lado.

Na resposta dos anfitriões, Muandro, depois de uma combinação com Liberty, perto da linha do fundo, cruzou para a marca de grande penalidade, mas Wilson, com uma palmada, desviou a bola do alcance de Zico que estava pronto para visar a baliza.

Aos 18 minutos, Lanito com um passe magistral, isola Jair, mas este rematou ao alcance de Milagre. A partida estava equilibrada e a ser disputada numa toada de ataque e resposta. À passagem do minuto 27, com alguma passividade da defensiva alvinegra, Telinho passa a bola para Zico que, perto do vértice da grande área, remata em arco para uma excelente defesa de Wilson.

Volvidos 12 minutos, na sequência de um livre à entrada da área, a castigar uma falta de Gildo sobre Jojó, Jorge desferiu um portentoso remate, mas a bola passou a escassos centímetros da barra transversal da baliza de Milagre. Nos últimos dez minutos da primeira parte, o jogo baixou de intensidade e perdeu qualidade.

Aos 42 minutos, Lanito flecte pela direita e cruzou para a marca de grande penalidade onde estava Jojó que, sem oposição, cabeceia ao lado. No último lance da primeira parte, à passagem do minuto 45, Kito galgou terreno até a linha de fundo e cruzou para a grande área. Avelino, sem marcação, rematou à figura de Wilson.



Jojó garante a primeira vitória dos alvinegros frente aos muçulmanos

Com sede de vitórias, os muçulmanos entraram na etapa complementar transfigurados e, logo no primeiro minuto, depois de uma combinação com Liberty, Kito colocou a bola nos pés de Avelino que, sem marcação, rematou fraco para uma defesa segura de Wilson.

A equipa de Sérgio Faife estava na mó de cima, o que de certa forma condicionou a forma de jogar dos forasteiros, que optaram por baixar as suas linhas para saírem em jogadas rápidas. Aos 50 minutos, Kito subiu o corredor direito e cruzou para a marca da grande penalidade, onde estava Avelino que, no meio de dois desfesas, cabeceou, mas o esférico saiu a poucos centímetros do poste esquerdo da baliza de Wilson.

Os alvinegros responderiam quando decorria o minuto 59. Geraldo, do meio da rua, rematou forte e a bola saiu ao lado da baliza de Milagre. Volvidos quatro minutos, depois de sucessivas trocas de passe na zona do meio-campo, Muandro descobre Zico dentro da grande área, mas este não acertou nas redes.

O Desportivo chegaria ao golo aos 67 minutos. Na sequência de uma perda de bola por parte de Eusébio, Cremildo, com um passe magistral, isola Jojó que, com apenas Milagre pela frente, se limitou a escolher onde queria colocar a bola, fazendo o um a zero, para alegria da claue alvinegra.

Em desvantagem, os muçulmanos não arregaçaram as mangas, correram

Quadro de resultados	
Fer. Quelimane	1 x 0 E. Vermelha
Des. Nacala	5 x 1 Têxtil
Fer. Maputo	3 x 0 C. Chibuto
Maxaquine	0 x 1 HCB
Fer. Beira	0 x 0 Fer. Nampula
L. Muçulmana	0 x 1 Des. Maputo
Costa do Sol	3 x 1 Fer. Pemba

Próxima jornada (23ª)	
Desp. Maputo	x Maxaquine
	HCB x Fer. Maputo
Fer. Nampula	x L. Muçulmana
E. Vermelha	x Fer. Beira
C. Chibuto	x Costa de Sol
Têxtil	x Fer. Quelimane
Fer. Pemba	x Desp. Nacala

P	Equipas	J	V	E	D	BM	BS	SG	P
01	L. Muçulmana	22	11	7	3	31	11	20	43
02	Ferr. Nampula	22	12	6	4	22	11	11	42
03	Fer. Beira	22	11	5	5	24	13	11	39
04	Desp. Maputo	22	10	5	7	30	22	78	35
05	HCB	22	10	5	7	27	20	7	35
06	Maxaquine	22	9	5	8	22	16	6	35
07	C. Chibuto	22	8	6	8	25	25	0	30
08	Costa do Sol	21	8	5	7	24	20	24	29
09	Fer. Quelimane	22	7	8	8	21	24	-3	29
10	Fer. Quelimane	22	7	4	11	16	30	-14	25
11	Fer. Maputo	22	6	8	8	22	21	1	25
12	Têxtil	22	4	6	12	9	30	-21	18
13	Fer. Pemba	22	4	6	10	15	28	-13	18
14	E. Vermelha	21	3	9	8	8	19	-11	18

atrás do prejuízo e, à passagem minuto 81, Eusébio, com um passe teleguiado, isola Imo que rematou para uma defesa segura de Wilson. Antes do apito final, as duas equipas beneficiaram de oportunidades para marcar, mas o 1 a 0 prevaleceu até ao final do tempo regulamentar.

Clássico entre Ferroviários termina sem golos

O Ferroviário da Beira e o seu homónimo de Nampula não souberam aproveitar o deslize dos campeões em título. Os dois emblemas locomotivas não foram além de um empate sem abertura de contagem, numa partida em que a equipa de Rogério Gonçalves terminou a partida em superioridade numérica, porque Mário foi expulso no decorrer da segunda parte.

Ainda neste domingo (22), o Ferroviário de Maputo, com golos de Andro, Chico e Luís, derrotou o Clube de Chibuto por três bolas a zero. O Costa do Sol venceu o Ferroviário de Pemba pela marca de 3 a 1, enquanto o Maxaquine perdeu, em casa, diante do HCB de Songo pela margem mínima.

Já no sábado (21), o Desportivo de Nacala cilindrou a formação do Têxtil de Punguê pelos esclarecidos 5 a 1. Carvalho foi o atleta em destaque ao apontar três golos. Por seu turno, o Ferroviário de Quelimane derrotou o Estrela Vermelha da Beira por um a zero.

Lembre-se que na próxima jornada a Liga Muçulmana desloca-se a Nampula onde vai defrontar o Ferroviário local, actual segundo classificado. Em caso de vitória, a equipa de Rogério Gonçalves assalta a liderança com dois pontos de vantagem em relação aos muçulmanos. Se a equipa de Sérgio Faife sair vitoriosa, a vantagem em relação ao segundo classificado irá passar de um para quatro pontos de diferença.

Melhores marcadores	Golos
ISAC (Maxaquine)	11
JOJÓ (Des. Maputo)	9
MÁRIO (Fer. Beira)	8
COSME (Fer. Quelimane), e JAIR (Des. Maputo)	7
LIBERTY (L. Muçulmana)	6
DÁRIO KHAN (Costa do Sol) e DONDÓ (Fer. Nampula)	5

Festival Nacional de Jogos Tradicionais: Nampula é bicampeão nacional de Ntchuva

A seleção provincial de Nampula, em femininos, revalidou o título de campeão nacional na modalidade de Ntchuva no III Festival Nacional de Jogos Tradicionais que teve lugar de 20 a 23 do mês em curso, na cidade de Xai-Xai, província de Gaza.

Texto: Redacção Nampula

A delegação de Nampula confirmou na cidade de Xai-Xai, província de Gaza, a sua hegemonia na modalidade de Ntchuva ao sagrar-se campeã nacional pela segunda vez consecutiva depois de ter ocupado a primeira posição no segundo Festival Nacional dos Jogos Tradicionais realizados na cidade de Lichinga, em 2012.

Carlos Muapanco, presidente da Associação Provincial de Jogos Tradicionais de Nampula, disse ao @Verdade que a posição alcançada resulta do esforço e do espírito ganhador que a sua seleção demonstrou aquando da sua saída da cidade de Nampula.

Quanto às outras modalidades, Muapanco disse que a sua formação estava esperançada em vencer, mas tal não foi possível devido à superioridade dos adversários. "Nampula vai continuar a trabalhar na massificação da modalidade com vista a tornar-se um referência nacional naquelas especialidades em que os atletas sentiram grandes dificuldades no decorrer daquela competição", concluiu.

Importa referir que compunham a seleção de Nampula 16 membros, dos quais 12 eram atletas e os restantes treinadores e dirigentes.

Muathanlé: Uma modalidade que (re)nasce em Nampula

A província de Nampula detém um grande potencial no tocante a modalidades desportivas tradicionais a nível do território moçambicano. Nessa circunscrição geográfica existem modalidades da antiguidade que não estão a ser, devidamente, exploradas razão pela qual as autoridades que velam pelos jogos tradicionais nesta parcela do país decidiram levar a cabo diversas actividades com vista a resgatar todas as práticas culturais, como é o caso da Muathanlé.

Texto: Redacção

Muathanlé (literalmente, escolha ou eleição) é um dos mais antigos jogos tradicionais que, nos tempos idos, figurou como uma das principais diversões da população da província de Nampula.

Aquela modalidade desportiva era praticada nas zonas mais reconditas do interior da província, com particular destaque para o distrito de Rapale. O jogo em alusão era executado para se proceder à escolha de dirigentes de diversos níveis de hierarquia. Mas, com o andar do tempo, um pouco depois da independência de Moçambique, a Muathanlé desapareceu, devido à falta de interesse por parte da camada juvenil.

Nos últimos dois anos, a modalidade tende a ressurgir, mercê das actividades levadas a cabo pela Associação Provincial de Jogos Tradicionais de Nampula (APJN) em colaboração com as lideranças comunitárias.

Actualmente, a Muathanlé já é praticada na cidade de Nampula. A Penitenciária Industrial de Nampula (PIN), o maior estabelecimento prisional da região norte do país, com sede na capital provincial, é o local onde se concentra grande número de praticantes.

Como se pratica a Muathanlé?

Dependendo de número de candidatos, a comissão organizadora selecciona algumas crianças e alguns jovens, munidos de panelas de barro e grãos de diversos produtos, com particular destaque para o milho, o amendoim e o feijão.

Governo, com base em princípios poucos claros, oferece bolsas olímpicas a seis atletas

O Comité Olímpico de Moçambique (COM), um órgão subordinado ao Ministério da Juventude e Desportos, procedeu na quinta-feira (18) à entrega de bolsas olímpicas para serem usufruídas no estrangeiro a seis atletas, com base em critérios obscuros, tendo em vista a qualificação dos mesmos para os Jogos Olímpicos de 2016 a serem realizados no Rio de Janeiro. Kurt Couto, de 29 anos de idade, é um dos eleitos, o que deixou muitos desportistas atónitos.

Texto: Duarte Sitoe

Dos treze atletas que estavam na expectativa de conseguir as bolsas olímpicas, o Governo escolheu apenas seis, cujos critérios foram poucos claros, porque em vez de apostar na juventude escolheu a continuidade, ou seja, dois atletas que caminham para a fase descendente da carreira, Kurt Couto e Neuso Sigaúque, ambos de 29 anos de idade, em detrimento dos mais jovens.

O atletismo, diga-se, foi a modalidade mais privilegiada ao ver três atletas beneficiarem de bolsas. Trata-se de Alberto Mamba, de 20 anos de idade, Creve Machava, de 18 anos e o experiente Kurt Couto, cuja eleição ainda não reúne consenso entre os fazedores desta modalidade que afirmam que o Governo devia ter apostado em atletas mais jovens.

Na modalidade de judo a escolha recaiu em Neuso Sigaúque, que nos Jogos Olímpicos de Londres não foi para além da primeira eliminatória, e as restantes vagas foram ocupadas por Maria Machonga (boxe) e Jannah Sonnenschein (natação).

Kurt Couto já participou em três olimpíadas, mas o melhor que conseguiu foi alcançar as meias-finais em 2012 no certame realizado na capital inglesa, Londres. Nas três edições? o velocista moçambicano foi porta-bandeira.

O @Verdade tentou contactar telefonicamente o presidente do Comité Olímpico de Moçambique, Marcelino Macome, para se inteirar dos princípios

pios a que recorreu para atribuição das bolsas, mas o nosso esforço foi reduzido a cinzas, porque o mesmo não atendeu os nossos telefonemas que excederam os trinta. Depois do Comité a nossa equipa de reportagem tentou contactar o director geral do Instituto Nacional de Desporto (INADE), mas no Ministério da Juventude e Desportos, onde se localiza o seu gabinete, afirmaram que António Munguambe não se encontrava na capital do país e que não sabiam do seu paradeiro.

Além das seis bolsas internacionais que são suportadas pela Solidariedade Olímpica Internacional, o Comité Olímpico de Moçambique prometeu atribuir mais bolsas olímpicas internas, em que vai suportar despesas de transporte e alimentação dos atletas assim como assegurar as deslocações dos mesmos para as competições internacionais.

De acordo uma fonte da instituição dirigida por Marcolino Macome, esperam obter estas bolsas atletas como Silvia Panguana, Augusto Mathuli, Flávio Seholhe, Mussa Tualbutine e Joaquim Lobo.

Importa referir que com as bolsas olímpicas os seis atletas vão treinar em grandes centros de alto rendimento com vista a conseguirem os tempos mínimos exigidos pelo Comité Olímpico Internacional tendo como objectivo participar nos Jogos.

Campeonato de Muathanlé em Nampula

Sem o conhecimento dos concorrentes, as crianças, responsáveis pelas panelas de barro, introduzem os grãos dos produtos alimentares acima referidos em cada um dos recipientes devidamente verificados pela comissão organizadora para evitar eventuais situações fraudulentas. Do lado da equipa adversária, é colocado nos seus bolsos um número considerável de produtos da mesma variedade.

Depois de cada competidor introduzir os grãos na panela de barro que desejar, a comissão fiscalizadora confere os grãos e declara vencedor o indivíduo que depositou a maior quantidade de grãos da mesma variedade no recipiente.

A Muathanlé é usada para vários fins, para além do lazer ou da diversão. A título de exemplo, algumas pessoas fazem apostas com base em produtos alimentares depois da colheita, e outros optam por valores monetários.

Governo incentiva a prática de Muathanlé

A Associação Provincial de Jogos Tradicionais de Nampula (APJN) diz que vai continuar a investigar esta modalidade para colocar o jogo em pé de igualdade com os demais jogos tradicionais existentes na província de Nampula.

Aquela agremiação pretende, nos próximos tempos, trabalhar com o Arquivo do Património Cultural (ARPAC) e os museus da província e do país em geral, de modo a preservar aquele jogo.

Carlos Muapanco, presidente da APJN, disse que a sua associação quer fazer da Muathanlé uma modalidade desportiva de referência na província de Nampula.

O nosso interlocutor revelou que o seu organismo pretende promover campeonatos da modalidade nas fases distrital e provincial, como forma de popularizar e conquistar mais praticantes. Para o efeito, Muapanco afirmou que a APJN vai desencadear a nível da cidade de Nampula actividades com vista à criação de núcleos e/ou equipas.

Até ao momento, aquela associação registou apenas um núcleo da modalidade, o da PIN, presumindo-se que haja mais a nível da capital provincial. "A nossa intenção é vermos a Muathan-

lé introduzida no plano extracurricular de modo que os alunos aprendam a praticar a modalidade na escola", referiu o nosso entrevistado.

Segundo aquele responsável, além das escolas, o seu organismo pretende levar a Muathanlé aos estabelecimentos turísticos sedeados na cidade e província de Nampula.

Num outro desenvolvimento, Muapanco disse que a sua associação vai realizar uma actividade multisectorial, envolvendo as direcções provinciais de Educação e Cultura, Juventude e Desporto, no sentido de resgatar mais jogos tradicionais em extinção na província.

Refira-se que, na altura, para a prática daquela modalidade eram usadas panelas de barro e, presentemente, são utilizados recipientes com formato de urna feitos de cartolina.

Governo incentiva a prática de Muathanlé

O governo da cidade de Nampula apelou aos praticantes da "recém-descoberta" modalidade a trabalharem arduamente com vista à sua massificação rápida na cidade e província de Nampula.

O apelo do executivo de Nampula foi formulado na semana passada por Felicidade Costa, administradora da chamada capital do norte, no âmbito da cerimónia de despedida da delegação de Nampula, que seguia rumo ao terceiro Festival de Jogos Tradicionais.

Costa disse, na ocasião, que os jogos tradicionais têm grande importância em qualquer região do país e do mundo, razão pela qual há necessidade de resgatá-los e promovê-los. "Nós, como governo, vamos continuar a apoiar todas as modalidades desportivas, porque entendemos que o desporto é saúde e ajuda directa ou indirectamente no desenvolvimento do país", afirmou.

Recorde-se que a província de Nampula conta com mais de uma dezena de jogos tradicionais reconhecidos pelas autoridades governamentais. Entre eles destacam-se N'tchuva, Mura-varava, Muathanlé e Tchike.

Fórmula 1: Hamilton domina corrida em Singapura e sobe ao comando do "Mundial"

O piloto britânico Lewis Hamilton dominou o Grande Prémio de Singapura, 14.ª prova do "Mundial" de Fórmula 1, beneficiando do abandono do alemão Nico Rosberg, colega de equipa na Mercedes, para ascender à liderança do campeonato.

Texto: Redacção Nampula • Foto: Reuters



Hamilton partiu da pole position e rapidamente ganhou vantagem sobre os perseguidores, que foi reduzida devido à entrada em pista do safety car, vendo-se na necessidade de voltar a atacar na fase final da corrida para ultrapassar o alemão Sebastian Vettel (Red Bull).

O britânico, campeão do mundo em 2008, completou as 61 voltas do circuito Marina Bay em 02:00.04,795 horas (média de 151,780 km/hora), menos 13,534 segundos do que Vettel, tetrampeão do mundo, e menos 14,273 em relação ao australiano Daniel Ricciardo (Red Bull), terceiro colocado.

O piloto da Mercedes subiu ao comando do "Mundial" de pilotos, com três pontos de vantagem sobre Rosberg, conquistando a 29.ª vitória da carreira, a sétima deste ano e a segunda em Singapura, quebrando a hegemonia de Vettel no circuito asiático, onde tinha vencido as últimas três corridas.

"Sonhei esta noite que isto aconteceria. Agora, as coisas muda-

ram completamente. Procurava ter um fim-de-semana perfeito e foi o que aconteceu", exultou Hamilton.

No sentido contrário, o fim-de-semana de Rosberg foi para esquecer: o piloto alemão, que deveria partir do segundo lugar da grelha, foi obrigado a arrancar da via das boxes devido a problemas electrónicos no seu Mercedes, que se agravaram durante a prova e o levaram a abandonar, à 14.ª volta.

Os 22 pontos de vantagem com que Rosberg partiu para Singapura esfumaram-se em duas horas e a recta final do Campeonato do Mundo de F1 promete emoções fortes, com os dois pilotos da Mercedes · dominadora incontestada da competição · a lutarem pelo título que Vettel conquistou nos últimos quatro anos.

Apesar do segundo lugar obtido, o tetracampeão ocupa o quinto lugar do "Mundial" de pilotos, atrás também de Ricciardo, terceiro posicionado, e do espanhol Fernando Alonso, quarto classificado, que terminou a corrida de Singapura em idêntica posição, a 15,389 segundos de Hamilton.

Liga Portuguesa: Benfica a sós no topo após deslize do FC Porto

O Benfica está isolado no primeiro lugar da Liga Portuguesa de Futebol, após uma vitória bem sofrida sobre o Moreirense e do surpreendente empate, em casa, do FC Porto com o Boavista. Já o Sporting deu a volta aos maus resultados e aplicou uma goleada em Barcelos.

Texto: FIFA.com



No final da quarta jornada eram quatro os líderes do campeonato português. Uma rodada depois, tudo mudou. O V. Guimarães empatou, o Rio Ave perdeu, o FC Porto foi surpreendido em casa e o Benfica aproveitou: o campeão está isolado no topo da tabela classificativa.

Mas não foi nada fácil. As Águias estiveram muito tempo a perder em pleno Estádio da Luz perante o Moreirense e só deram a volta ao resultado nos últimos 20 minutos, com golos de Eliseu, Maxi Pereira e Lima, de grande penalidade.

Com o objectivo cumprido, Jorge Jesus pôde assistir, descansado, ao regresso do dérbi da cidade do Porto. Seis anos depois, FC Porto e Boavista voltaram a medir forças, num jogo que esteve em risco de não se realizar, devido a um enorme dilúvio que se abateu sobre a cidade Invicta ao final da tarde.

O encontro começou com 45 minutos de atraso e foi uma batalha quase épica. De regresso à Liga, e com um orçamento muito

reduzido, os axadrezados fizeram das fraquezas forças e resistiram a todos os assaltos do FC Porto – que ficou reduzido a dez jogadores ainda na primeira parte, após expulsão de Maicon ·, segurando o 0 a 0 até final. Depois de três derrotas consecutivas, as Panteras somaram quatro pontos nestas duas últimas jornadas.

Já o Sporting chegava a Barcelos algo pressionado. Com apenas uma vitória e três empates nos quatro jogos do campeonato, e dois pontos perdidos no último minuto da estreia na UEFA Champions League, os Leões sabiam que não podiam facilitar frente ao Gil Vicente.

Marco Silva ofereceu a titularidade a João Mário e Diego Capel e não se arrependeu. Aos 11 minutos, já os verde-e-brancos venciam por 2 a 0, graças a dois grandes golos de Adrián Silva e Nani. Já na segunda parte, Islam Slimani e Andre Carrillo asseguraram os três pontos e uma dose extra de motivação para o Sporting, que agora fica a dois pontos do FC Porto antes de receber os Dragões nesta sexta-feira. O clássico promete.

Premier League: City-Chelsea, 1-1. O azul troca as voltas a Lampard (e vice-versa)

City (só com dez) reage ao golo de Schürrle através do suplente Lampard, com o ar mais contrariado do mundo (e da Premier League)

A Premier League é óptimo lugar para se viver. Os acontecimentos ímpares atropelam-se sistematicamente. A propósito, mind the gap.

Um exemplo? O Arsenal precisa apenas de 192 segundos para marcar três golos ao Aston Villa, em Birmingham, cortesia Özil, Welbeck e autogolo de Cissokho (esse mesmo, o do trajecto Vitória de Setúbal-FCP-Lyon em meio ano).

Outro exemplo? É a primeira vez em 22 anos que o United perde um jogo depois de se ter colocado em vantagem por 2-0. Falcão assiste Van Persie aos 13', Di María amplia aos 16'. Rojo permite o 1-2 de Ulloa mas Herrera assina o 1-3. Intervalo. Na segunda parte, o Leicester é avassalador com um penálti e outro a fechar. Pelo meio, o recém-entrado Mata (para o lugar de Di María) oferece os outros dois golos, 5-3.

Só mais exemplo? Vamos a isso. É dia de jogo grande em Manchester, entre o campeão City e o líder Chelsea. De um lado, Hart; Zabaleta, Mangala, Kompany

e Kolarov; Milner, Fernandinho, Touré e Silva; Dzeko e Agüero. Do outro, Courtois; Ivanovic, Cahill, Terry e Azpilicueta; Ramires e Matic; Willian, Fàbregas e Hazard; Diego Costa.

A primeira parte é aborrecida. Só dá City (72% de posse de bola) mas não se vê uma defesa digna desse registo de Courtois. Há faltas em demasia e seis amarelos (4-2 para o City). Na ressaca do intervalo, o ritmo mantém-se inalterado até que Zabaleta é expulso com duplo amarelo por falta por trás sobre Diego Costa, que vê um amarelo nesse lance por se atirar ao lateral argentino. Seis minutos depois, o alemão Schürrle marca no segundo remate à baliza do Chelsea, 0-1.

Aos 78', o momento do jogo com a entrada de Frank Lampard. De azul vestido. O do City. Os adeptos aplaudem-no. Os do Chelsea, onde ele passara as últimas 13 épocas. No meio dessa euforia, Diego Costa acerta no poste de Hart e o Chelsea é dono do jogo, a caminho da sexta

vitória seguida em outras tantas jornadas.

Até que Silva liberta Milner e o cruzamento deste é finalizado por Lampard. Atenção, mind the gap. Zero de emoção nos festejos, o homem é Chelsea da cabeça aos pés. Só lhe falta a camisola da Samsung. "Foi um golo difícil. Não seria profissional se entrasse em campo e não fizesse o meu trabalho. Passei anos fantásticos com os adeptos do Chelsea e fiquei confuso mas muito feliz pelo empate da minha equipa." Mais à frente: "Estou sem palavras, não esperava entrar a marcar. Os adeptos do Chelsea cantaram o meu nome quando entrei em campo, foi um momento emocionante. Não é fácil explicar aquilo que estou a sentir."

No banco, Mourinho lança Drogba por Diego Costa. Em vão, o empate contra 10 manter-se-á. "Talvez eu seja demasiado pragmático no futebol, mas quando ele (Lampard) decidiu ir para o Manchester City, as histórias de amor acabaram. Fez o trabalho dele como profissional", diz Mou. E não só. Lampard acaba o jogo (12 minutos apenas) com tantos remates à baliza como o Chelsea (três). Mais: Lampard é o terceiro jogador da Premier a marcar em 18 edições seguidas (Giggs-21, Scholes-19). Mind the gap, gênio e figura.

Ténis: Na Li: perde-se uma tenista, ganha-se uma dona de casa

Primeira asiática a ganhar um Grand Slam retira-se aos 32 anos de idade por lesão e cumpre o seu sonho de reforma



Texto: jornal Ionline

Na Li, a simplicidade do nome condiz com a pessoa: afável no trato, sensível no jogo, cómica nas conferências de imprensa. Na Li, a primeira (e única até hoje) asiática a ganhar um Grand Slam sai do circuito aos 32 anos de idade por lesão. E cansaço. E quatro operações ao joelho direito. E sabe-se lá quantas injeções semanais.

"O meu corpo implora que pare", escreve Na Li no perfil oficial de Weibo, a rede social mais popular da China. "Um dos meus objectivos era recuperar para jogar na minha terra natal, Wuhan, mas quanto mais tentava ficar a 100%, mais o meu corpo dizia que não estaria pronta para jogar ao mais alto nível de novo. O desporto está muito competitivo. Quem não está a 100% é facilmente uma presa da concorrência. E eu não quero isso." Lógico, claro. Posto isto, "ganhar um Grand Slam este ano e atingir o número dois do ranking é a maneira ideal de me despedir do ténis profissional. Estou em paz com a minha decisão, sem arrependimentos."

Na Li fala do triunfo com a eslovaca Dominika Cibulkova (7-6, 6-0) na final do Open da Austrália-2014. Ainda no court, Na Li diverte o público com o seu humor. "Quero agradecer aos meus treinadores por me fazerm rica e quero dizer ao meu marido que tem sorte em ter-me como sua mulher." Na Li é assim, descontraída, feliz da vida.

Quando Na Li derrota a italiana Francesca Schiavone, em Roland Garros-2011, o discurso é também engraçado. "Bom, agora que ganhei um Grand Slam já posso ser uma dona de casa. É o meu sonho de reforma."

O público diz que não e Na Li reage: "Pronto, está bem, vou continuar a jogar. Segue-se Wimbledon e depois US Open. Sim, é bom, a ver se vou a Nova Iorque. Na China, estão sempre a dizer 'se gostas dos teus filhos, leva os teus a Nova Iorque; se não gostas deles, leva-os também'."

A carreira de Na Li tem 503 vitórias e 188 derrotas espalhadas por nove títulos WTA (incluindo os dois Grand Slam) e 12,9 milhões de euros em prémios. Logo ela que até começa como jogadora de badminton. "Os meus treinadores viram potencial para jogar ténis e cá estou eu", diz Na Li no início da escalada, em 1999. "Mas isto (do ténis) é muito mais complicado: no badminton, usamos o pulso; no ténis, é mais o ombro." Daí para cá, a China transforma-se: dez torneios femininos (em vez de dois) e 15 milhões de tenistas. Na tal final de Roland Garros, há 116 milhões de chineses à frente da televisão a ver história. É a loucura. "Agora sim, serei uma dona de casa." Repe-timo-nos, é a loucura.

Fernando Santos é contratado como novo técnico de Portugal

O ex-técnico da Grécia Fernando Santos foi contratado como novo treinador da seleção de Portugal, anunciou a Federação Portuguesa de Futebol (FPF), esta terça-feira (23).



Num comunicado no seu site oficial, a FPF disse que Santos será apresentado como novo treinador da seleção portuguesa em entrevista colectiva, esta terça-feira.

Santos, que levou a Grécia às oitavas de final do Campeonato Mundial no Brasil, em que perdeu nos penaltis para a Costa Rica, substitui Paulo Bento como técnico depois de Portugal ter tido um péssimo início nas eliminatórias para a Eurocopa de 2016, perdendo para a Albânia.

O técnico de 59 anos, que já comandou os clubes portugueses Porto e Benfica, fará a sua estreia no comando da seleção de Portugal contra a Dinamarca, a 14 de Outubro, pelas eliminatórias da Euro.

Bundesliga: Bayern de Munique goleia no Paderborn

O actual campeão alemão Bayern de Munique acabou com o início dos sonhos do Paderborn na temporada ao vencer por 4 x 0, esta terça-feira (23), com dois golos de Mario Goetze.



A vitória levou o Bayern a ter dois pontos de vantagem na liderança, com 11 pontos em cinco jogos, dois à frente do Mainz 05, que empatou em 2 x 2 com o Eintracht Frankfurt.

O pequeno Paderborn, cujo orçamento é de cinco milhões de euros por ano, tinha chegado a Munique como líder do campeonato depois de duas vitórias e dois empates nos seus primeiros quatro jogos, na sua temporada de estreia. Mas o Bayern, apesar de desfalcado de vários jogadores devido a lesão, como Franck Ribery e Bastian Schweinsteiger, mostrou uma lição de ataque.

Goetze colocou os anfitriões na frente aos 8 minutos, e o artilheiro do Campeonato Alemão na última temporada, Robert Lewandowski, que trocou o Borussia Dortmund pelo Bayern, marcou seis minutos depois, com um lindo chute de 18 metros.

Goetze ampliou na Segunda parte e Mueller fez o quarto golo depois da jogada rápida, a cinco minutos do final.

Calcio: Fernando Torres marca no primeiro jogo como titular do AC Milan

Fernando Torres marcou o seu primeiro golo no Campeonato Italiano, esta terça-feira, quando o Milan recuperou-se depois de ter dois golos de desvantagem para empatar em 2 x 2 com o Empoli.

No seu primeiro jogo como titular depois de entrar no final da partida em que o Milan perdeu para a Juventus por 1 x 0 no San Siro no sábado, o ex-atacante do Chelsea iniciou a reacção do Milan com um cabeceio aos 43 minutos da primeira parte.

O espanhol estava apagado até então, e o Empoli parecia mais propenso a fazer 3 x 0 depois de Lorenzo Tonelli ter colocado a equipa da casa à frente aos 13 minutos e Manuel Pucciarelli ampliou aos 21.

O meio-campista japonês Keisuke Honda empata para o Milan com um chute rasteiro aos 13 minutos da segunda parte, e Torres foi substituído a nove minutos do final. A equipa do Milan está em quarto lugar na Série A, com sete pontos em quatro jogos, enquanto o Empoli está na 18ª posição, com dois.



La Liga: Cristiano Ronaldo marca 4 vezes em goleada do Real sobre o Elche

Cristiano Ronaldo marcou quatro golos, sendo dois de penalti, na vitória do Real Madrid de virada sobre o Elche por 5 x 1, esta terça-feira (23), pelo Campeonato Espanhol.



O português teve um mau começo, ao cometer um penalti aos 15 minutos em falta sobre Pedro Mosquer. Edu Albacar cobrou e venceu o guarda-redes Keylor Navas para marcar o primeiro golo.

Gareth Bale rapidamente empatou de cabeça, completando o cruzamento de James Rodríguez, e então o árbitro marcou penalidade em falta de Mosquera sobre Marcelo, apesar de ter sido um contacto 'de jogo'.

Ronaldo acertou a cobrança aos 28 minutos e cinco minutos depois ele aproveitou o cruzamento de Marcelo para fazer 3 x 1. A 10 minutos do final, o atacante português sofreu penalti de Mario Pasalic e chutou para as balizas, antes de fazer mais um, já nos acréscimos, com uma bela finalização dentro da área.

Cristiano Ronaldo tem agora sete golos em quatro dias, depois de marcar três na vitória de sábado por 8 x 2 sobre o Deportivo La Coruña.

O que Ras Gotas diz sobre a cannabis?

“Não conheço, não sei se existem e nunca vi os efeitos negativos da cannabis. Sei, porém, que este produto tem resultados positivos”, afirma Ras Gotas.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Há bastante tempo que quero escrever uma reportagem sobre o consumo e a comercialização da cannabis sativa (soruma). O projecto implica conhecer e percorrer os diversos segmentos em que o referido produto circula, a fim de me familiarizar com os usuários e tentar compreender os seus pontos de vista em relação ao produto em alusão. Já tenho um esboço bem elaborado do plano que pretendo executar, mas, por diversas razões – o tempo, a correria do dia-a-dia da Redacção, a falta de um financiamento mínimo para custear despesas básicas – retarda a concretização deste plano. Aliás, com o rumo que tomam os acontecimentos, penso que o meu plano não será concretizado.

Em resultado disso, a conversa (mantida com Ras Gotas) que trago nesta edição – estimulada pelo facto de, no seu mural do facebook ter condicionado o seu voto à legalização da soruma, numa mensagem postada a 19 de Setembro – é apenas uma minúscula parte do material que tenho estado a colher para a reportagem que, provavelmente, não será publicada.

Encontrei Ras Gotas – com quem ia conversar no âmbito do Festival Reggae & Hip Hop – no mítico bairro da Mafalala, no subúrbio de Maputo. É por essa razão que aquele promotor de eventos culturais, membro da comunidade Rastafari começou por explicar o seguinte: “Este bairro é histórico porque é aqui onde vive o high priest da congregação Rastafari – incluindo outros irmãos do mesmo movimento. Diríamos que esse é um escritório da cidade. Mas também o espaço é histórico porque viveram aqui o Presidente Samora Machel, Joaquim Chissano, o futebolista Eusébio da Silva, entre outras personalidades”.

Será em resultado disso que Ras Gotas acredita que, de uma forma geral, “nós os Rastas somos historiadores. Herdámos essa virtude dos nossos ancestrais. Por isso, para nós, a Mafalala é um bom lugar para viver”.

@Verdade: Que conexão há entre o movimento Rastafari e todas as figuras que mencionou?

Ras Gotas: Essas personalidades provêm do movimento Rastafari, a partir da Organização da União Africana, actual União Africana, criada por Hailé Selassie. Ele é seguido por pessoas como Samora Machel, Joaquim Chissano e muitas outras que passavam os seus tempos aqui. Nesse sentido, nós também somos os discípulos dessa história. Somos membros da União Africana. É por essa razão que seguimos os seus ideais.

@Verdade: Na sua maioria, as personalidades que mencionou são governantes.

Ras Gotas: É que a União Africana é uma organização de governantes. Além do mais, apesar de não ser reco-



nhecido em Moçambique, o movimento Rastafari é um governo muito forte. São muito poucas as pessoas que, neste país, sabem que o Rastafari tem direito à palavra na Assembleia da República.

Nós seguimos os ideais de Hailé Selassie porque sabemos que até o Presidente Armando Emílio Guebuza é seu discípulo. Por exemplo, as cimeiras da União Africana são realizadas em Addis Abeba, na Etiópia, onde, há 300 anos, foi criada a sede do movimento Rastafari. Isso significa que os governos Rastafari e o da Frelimo – este é o único que conheço desde que nasci em Moçambique – deviam trabalhar em colaboração porque há coisas que nós os Rasta sabemos, mas não são promovidas no país. Embora esse conhecimento seja de suma importância é desconhecido.

Há muitos temas sobre a antropologia africana que são dominados pela congregação Rastafari. Então, é de louvar que estejamos congregados aqui no bairro da Mafalala, onde se fundou a primeira Escola Hailé Selassie.

@Verdade: Presentemente, de que maneira se manifesta a relação entre os ideais apregoados pelo Governo moçambicano e os defendidos pela congregação Rastafari?

Ras Gotas: Por exemplo, a luta contra a pobreza absoluta está agendada – há 300 anos – nos programas do movimento Rastafari. Tal como acontece nouros Estados africanos, Moçambique é um país que luta a favor do desenvolvimento. Portanto, o nosso Governo actua no sentido de cumprir os mandamentos da União Africana e de Hailé Selassie.

@Verdade: Existem alguns pontos que divergem em ambas as agendas?

Ras Gotas: Eu gostaria de alertar o Governo actual para que preste muita atenção aos jovens Rasta, porque eles têm muita história, muita arte, muita cultura e turismo – práticas que trazem muitos ganhos para o nosso país, para África e para o mundo. O Rastafari possui virtudes por ensinar a sociedade, mas, neste momento, é muito discriminado no país. Assim, o Governo moçambicano de-

via observar esta realidade com muita profundidade e atentamente. Por exemplo, fala-se da cannabis sativa de forma discriminatória sob a alegação de que é uma droga. Mas a cannabis é uma planta que cura muitas doenças – epilepsia e asma, por exemplo. No entanto, discriminava-se. Mas ela não é produzida em nenhum laboratório e, por isso, não possui nenhum “produto químico”. É uma planta que se produz na natureza, na terra, na machamba.

Em contra-senso, nos Estados Unidos e noutras países da Europa, as pessoas já estão a comprar e a consumir a cannabis para fins medicinais, enquanto nós continuamos a sofrer. Temos crianças e idosos que padecem, sem medicamentos para a cura dos males de que sofrem, quando a soruma podia curar essas doenças. Além da cannabis, nós os Rastafari temos outros produtos medicinais como, por exemplo, a moringa, a mbosana e a batata africana.

@Verdade: Reconhece os efeitos negativos da cannabis?

Ras Gotas: Não conheço, não sei se existem e nunca vi os efeitos negativos da cannabis – sei, porém, que este produto tem resultados positivos. Se ela é consumida de forma errada, associando-se ao álcool, ao tabaco e a outras drogas, a soruma gera consequências negativas. A bebida e o tabaco são drogas legalizadas, então, não se podem consumir concomitantemente com a cannabis porque ela não é uma droga. O malefício da cannabis é originado pela sua associação a outras drogas.

A verdade que se deve salvaguardar e sublimar em relação à cannabis é que ela não é droga. É um medicamento tradicional que cura muitas doenças. Infelizmente, ao longo dos tempos, houve muito boato, histórias falsas e depreciativas sobre tal produto a fim de que o mundo tivesse medo de consumi-lo. As pessoas que publicaram essas infâmias tinham o propósito de usufruir desse bem e ter o seu controlo exclusivo e absoluto.

Portanto, querem controlar a produção e a comercialização desse produto. A venda da cannabis sativa, em África, para a Europa, América e outras partes do mundo, é controlada, apenas, pelos políticos.

É o fim do Rap em Mocuba?

Na cidade de Mocuba, província da Zambézia, pouco se ouve falar do Rap. A inexistência de rappers faz com que um dos pilares fundamentais da cultura Hip Hop desapareça naquela circunscrição geográfica. Porém, um grupo de estudantes da Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal (FEAF) da Universidade Zambeze pretende resgatar o estilo musical.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

Nos últimos tempos, expressar emoções melódicas acompanhadas de rima e poesia na cidade de Mocuba tornou-se coisa



de outro mundo. O estilo musical, com origem na Jamaica, tende a regredir a cada dia que passa. Os artistas locais apontam a falta de incentivos e a insensibilidade da população, no que tange ao consumo do material produzido pelos músicos de casa, como as principais causas que fazem com que o Rap não tenha aceitação do público.

Numa altura em que maior parte dos jovens de outras jurisdições cultiva o hábito de promover eventos culturais, na cidade de Mocuba a situação é diferente. Os artistas locais dedicam-se à produção de conteúdos sobre o quotidiano, a partir de ritmos tipicamente moçambicanos.

Soubemos de alguns

continua Pag. 28



José Barata: “Os músicos são maltrapilhos”

Quase uma década depois de o conceituado músico moçambicano, José Barata, ter feito uma pausa no que toca à gravação de novos trabalhos discográficos, recentemente, publicou *O Melhor de José Barata*, uma obra em que – sob o ponto de vista temático – se debate sobre o amor, a tristeza e a alegria experimentada pelos moçambicanos.

Texto & Foto: Reinaldo Luís

Nesta edição, o @Verdade acompanha este acontecimento particular da cultura moçambicana – o retorno de uma figura ilustre à cena da nossa música – revivendo a história, com base numa conversa mantida com o compositor e intérprete, de forma descontraída.

@Verdade: Afinal, como e quando é que o autor da célebre composição *Xonguile* – reinventada pela coqueluche da nossa música, Isabel Novella, no seu primeiro álbum cujo título é o próprio nome – descobre a paixão pela música?

José Barata: Comecei a relacionar-me com a música tocando uma guitarra, ao 13 anos, influenciado pela banda Os Ibéricos cujos ensaios se realizavam numa casa vizinha. Recordo-me de que, na altura, entre 1972 e 1973, por causa do sistema colonial vigente, os nomes das colectividades artísticas tinham que ser portugueses.

Éramos miúdos e, sempre que os artistas se ausentavam da sala dos ensaios, invadiam o local a fim de tocarmos os instrumentos. Foi assim que, de forma clandestina, aprendi as primeiras notas musicais, não obstante o facto de que tudo não passava de uma mera brincadeira infantil. Ou, pelo menos, não imaginava que um dia me ia tornar músico.

Passado algum tempo, a música tornou-se uma espécie de vírus que me infectou de tal sorte que, no bairro, eu e os meus amigos actuámos numa festa que nos valeu – em remuneração – uns 50 escudos. Na altura, tal quantia era muito dinheiro. Receando que os meus pais me perguntassem onde encontrei o montante, tive medo de levá-lo. Além do mais, não queria assumir que

Terminadas as actuações, os meus pais chamaram-me, mas eu – imaginando que eles fossem criticar-me – recusei. Depois de alguma insistência, acabei por ir. Entretanto, contrariamente ao que esperava, elogiaram-me e nunca mais me proibiram de fazer música, muito em particular, porque perceberam que ela é uma actividade apreciada pela maioria das pessoas.

@Verdade: E como é que era a sua performance na escola?

José Barata: Contrariamente aos triunfos que eu obtinha na arte, na escola os resultados pioravam. Quando ganhámos algum destaque na música, viajávamos constantemente para alguns distritos – Moamba e Ressano Garcia, por exemplo – e províncias do país a fim de realizarmos concertos. Sempre éramos convidados a realizar concertos. Em resultado disso, acumulávamos muitas faltas e o desempenho na escola fraquejava. Depois decidi estudar mais – para passar de classe – colocando a música em segundo plano.

Em 1980, comecei a trabalhar na Rádio Moçambique, onde, logo que cheguei, fundei a banda Micro-ondas. Tratou-se de um de uma extensão da colectividade-mãe que já existia. A minha profissionalização artística começa no grupo em referência.

No Microondas

@Verdade: Como é que foi a sua experiência no Microondas?

José Barata: Como já trabalha, na Rádio Moçambique, a música configurava uma espécie de hobby. No entanto, era praticada seriamente de tal sorte que actuávamos em diversas parcerias do país, incluindo no programa Ngoma Moçambique. Infelizmente, a maior parte dos membros emigrou para a África do Sul, onde ia trabalhar nas minas. Foi isso que determinou o fim do grupo Microondas. Em 1985, a par do falecido Fernando Azevedo, Hélio Sarmento e Pacha Viegas – irmão de Elvira Viegas – fundei a banda M2 cujo objectivo era acompanhar os artistas que gravavam as suas obras na Rádio Moçambique. Recordo-me de que, em 1982, gravámos uma música com o baterista Isac Tovela, agora radicado na África do Sul. O objectivo era participar num concurso musical em que ficámos na terceira posição.

@Verdade: E quando começa a sua carreira a solo?

José Barata: Na época da banda Microondas. É uma história estranha, mas, certa vez, tínhamos um concerto em que faltaram os coristas. No entanto, dentre os presentes ninguém sabia cantar. Então, escolheram-me para fazer os coros. Acho que fui bem-sucedido porque recebi uma crítica favorável, tendo sido aconselhado a continuar a cantar. A partir daí comecei a trabalhar arduamente sozinho – e compus a música Criança Sem Pai, gravada em fita magnética.

Depois do desaparecimento da banda, lancei as músicas Magaíssa, SIDA Malume e Xonguile – que também compõem o álbum “O Melhor de José Barata”. Esta obra – com nove faixas – resulta da pressão do público que queria consumir estas músicas.

andava, por aí, a tocar guitarras, uma vez que tal comportamento tinha uma conotação pejorativa. Portanto, fiz disso um segredo pessoal.

@Verdade: Que outros constrangimentos se associaram ao seu envolvimento na música, tendo em conta que era miúdo?

José Barata: O facto é que, passado algum tempo, comecei a ter um mau aproveitamento pedagógico. Quando os meus pais descobriram o facto, suspeitaram de que houvesse algum problema além das (minhas) brincadeiras habituais. Certo dia, aos 16 anos, emprestada por um amigo, levei uma guitarra para casa, na esperança de que iam aceitar que eu coabitasse com o instrumento – afinal de contas, eu já era grandinho. Tinha que se respeitar as minhas escolhas.

Perguntaram-me de quem era o instrumento e, assim que lhes respondi, mandaram-me devolver o instrumento imediatamente, ameaçando danificá-lo caso eu o trouxesse novamente.

@Verdade: Por quanto tempo a realidade se manteve assim?

José Barata: O casamento da minha irmã modicou a realidade. É que ela convidou uma banda para tocar – por sinal, a mesma em que actuavam os meus amigos. Pedimos para tocar um tema e, em resultado de termos sido bem-sucedidos, acabámos por apresentar três temas.

A temática e o drama de ser músico

@Verdade: O que versa nas suas músicas?

José Barata: Sempre fui um homem de linhagem única. Portanto, falo sobre o amor e da vida social. Tenho um tema intitulado Adriana, em que alerto as adolescentes para a necessidade de se cuidarem. Daí o desafio de os pais e encarregados de educação redobrem a vigilância para protegerem as crianças.

@Verdade: Que expectativas tem em relação ao futuro?

José Barata: Se tudo correr bem, vou investir os lucros obtidos na venda desta obra na produção do terceiro disco. Entretanto, continuo a realizar concertos naquelas casas de pasto.

@Verdade: Que dificuldades tem enfrentado na sua carreira?

José Barata: Seguir uma carreira artística não é fácil, sobretudo porque a condição dos músicos é deplorável no país. Se, por um lado, a pessoa quando cultura a terra conta com o auxílio de adubos e inseticidas, por outro, em sentido metafórico, nós os artistas só temos enxadas e confiamos unicamente na bondade do solo. Muitas vezes, no solo que constitui o nosso mercado artístico não chove. Por isso, as dificuldades multiplicam-se. Sem adubar o terreno, é quase impossível colher os resultados do plantio.

É isso o que sucede na música – nós trabalhamos sem as mínimas condições. Sem dinheiro. Além disso, enfrentamos todo o tipo de dificuldades sociais. Por exemplo, certa vez namorei uma moça a quem prometi apresentar-me aos seus pais.

Entretanto, numa sociedade em que os músicos são malvistos, ela ficou surpreendida com a minha postura. Logo, ficou satisfeita. Embora os pais tenham ficado felizes com a ideia, quando souberam que eu, o namorado, era um músico, ficaram estupefactos com o facto e decidiram não me receber supostamente porque – uma vez que os músicos são maltrapilhos – eu seria um péssimo esposo para ela.

Portanto, as pessoas ainda interpretam mal os cantores, em resultado de ter existido pessoas que – usando o estatuto de artista – desgraçaram a vida das pessoas. Fui vítima desse estereótipo e perdi a moça.

Cultura Hip Hop deprimida em Nampula

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

Saiba, a seguir, como o fosso entre a qualidade e a quantidade, a produção e o consumo deixam a cultura Hip Hop deprimida, em Nampula.

Em Nampula, a cultura Hip Hop é uma narrativa que, à semelhança do que sucedeu em Maputo, nos remete à necessidade de rebuscá-la a partir de 1980, altura em que vigorava a imitação de músicas de artistas estrangeiros. Por isso, aqui, personalidades norte-americanas como Jay Z e Dr. Dre cujas carreiras, nos finais dessa década, estavam a começar podem ser invocadas para que as suas obras fossem imitadas por rappers moçambicanos.

De qualquer modo, nos dias actuais, é muito difícil encontrar na terra das Muthiana Orera artistas que viveram nessa época, tendo, inclusive, sido activistas da cultura Hip Hop. Por essa razão, neste Moçambique contemporâneo, rappers como Osvaldo Damião (ou simplesmente Ovas Skay, para a comunidade em que está envolvido) que, com 29 anos de idade, trava uma relação com o Hip Hop há 18 anos, é uma ponte entre o hoje e aquele ontem um pouco mais distante que constituem a

base para a (re)construção da crónica desse movimento artístico-cultural.

À semelhança de todos os poucos rappers underground, os que, em Nampula, defendem o Hip Hop como cultura, Ovas Skay é um símbolo de resistência face à lenta, mas progressiva, queda em que o Rap se encontra: a quantidade do que, nesse âmbito, por lá se produz é depreciada devendo à qualidade que possui. E, consequentemente,

o mesmo ocorre em relação à produção e o consumo. Mas há outros factores envolvidos.

Dada a inexistência de composições e músicos moçambicanos que criaram obras originais, o que fazia com que as pessoas imitassem os americanos, podemos considerar a década de 1980 como sendo a época do playback, em que vigoraram os imitadores.

continua Pag. 28 ➔

fazedores da cultura que existem indivíduos que se dedicam ao Rap, mas, devido à apatia do público, eles mantêm-se no anonimato.

Um dos pilares mais fortes da cultura Hip Hop tem grande aceitação por parte dos jovens, sobretudo os que residem na periferia da cidade. Há anos, a maior parte dos estudantes do ensino secundário do distrito de Mocuba organizava concursos de *freestyle* nos quais ganhava quem apresentasse as melhores rimas.

Segundo apurámos, os referidos eventos eram realizados todas as sextas-feiras e as actividades eram encerradas nas noites de sábados com as actuações em palco dos *rappers*. Os locais que acolhiam as pequenas apresentações contavam com a participação massiva da camada juvenil.

Sem dúvida nenhuma, a diversão para os jovens de Mocuba era garantida. Os famosos *freestyles*, exibidos pelos mestres de cerimónia (MC), eram acompanhados de alguns movimentos corporais.

Os FEAF MC

Nos últimos tempos, em termos culturais, Mocuba tornou-se dependente de talentos provenientes de diversos pontos de Moçambique. O simples facto de acolher jovens oriundos de outras parcelas do país confere à urbe uma posição privilegiada no leque das pequenas autarquias.

Na Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal (FEAF) da Universidade Zambeze (UniZambeze) existem "estrelas perdidas" dos diversos pilares do Hip Hop e não só. Fazem parte do grupo de *rappers* os jovens que vinham produzindo músicas de intervenção social.

A turma dos MC sente-se rodeada de má sorte pelo facto de se ter instalado numa jurisdição onde não consegue lograr os seus intentos culturais, ou seja, a promoção de eventos nocturnos nos quais o prato forte é o desafio de rimas.

Como forma de fazer face ao défice, os *rappers*, nos seus tempos livres, desenvolvem algumas competições. Todas as quartas-feiras, na famosa hora FEAF, ouve-se apenas música com rimas e poesias, inspirada nas comunidades negras dos Estados Unidos da América.

Emílio Manhique, rapper proveniente da província de Gaza, possui mais de 10 músicas. Nas suas músicas, cheios de rimas e muita poesia, ele procura transmitir conselhos às raparigas que se envolvem no negócio do sexo, os casamentos prematuros, o aborto inseguro, entre outras situações.

"Somos estudantes oriundos de vários pontos do país e um dos nossos objectivos, além de preparar o futuro, é promover a unidade e a diversidade cultural em qualquer lugar. Cada um tem o seu talento e nós pretendemos unir as habilidades de modo a tornar a nossa formação mais divertida", disse um dos integrantes do grupo de MC da Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal.

Segundo o nosso interlocutor, quando chegou à cidade de Mocuba, surpreendeu-se com um cenário diferente: a não existência de incentivos para o desenvolvimento da cultura. Como forma de imortalizar o Rap, ele optou por reunir alguns colegas com talento para aquele estilo musical com vista a entreter os colegas da faculdade.

"Na minha cidade, não é fácil ser MC, pois há vários talentos no Rap. Tive que abraçar a cultura Hip Hop para ficar a par do desenvolvimento da minha cidade. Em Mocuba, conheci dois *rappers* que lutavam para imortalizar o estilo musical", refere Manhique.

Aquele estudante é da opinião de que a falta de estúdios de gravação de música com qualidade contribuiu, igualmente, para o desaparecimento do Rap.

O Rap é uma escola"

De acordo com Emílio Manhique, o estilo musical em alusão proporciona a liberdade de expressão. Além disso, o músico tem a oportunidade de retratar as suas emoções. "Gosto de cantar. O Rap é uma escola. Muitos artistas de grande renome começaram pelo Rap", disse.

O programa implementado pelos artistas inclui a interpretação e a mensuração dos principais problemas que assolam a cidade de Mocuba e não só. As exibições não dispensam a companhia de um som musical de fundo, chamado beatbox.

Entretanto, o rapper Ovas Skay nasce

na segunda etapa - a do Free Style. Nesta fase, os rappers reuniam-se para confrontarem as suas habilidades performativas, a cantar. Captavam as suas vozes em aparelhos gravadores, os famosos decks que funcionavam com o emprego de fitas magnéticas, as cassetes.

É por essa razão que nessa época, apesar das dificuldades que prevaleciam - a falta de shows, de possibilidades de gravação de trabalhos discográficos, a inexistência de editoras e de promotores de concertos focalizados nesse campo, entre outras - o Rap ganhou alguma visibilidade no seio da família nampulense.

Os ventos da mudança

Com o passar do tempo, a emergência do desenvolvimento tecnológico associado à globalização, ao longo dos finais da década 1990, instalaram-se estúdios minimamente bem equipados com as ferramentas necessárias para a produção e captação musical.

A partir daí, quando menos se esperava, muitos rappers viram as suas carreiras afundar porque, na sua maioria, não tinham dinheiro para financiar a gravação de uma melodia e a posterior captação da voz, nos estúdios que praticavam um capitalismo leonino, na província de Nampula.

De acordo com Ovas Skay, chegou a fase em que pouco se podia falar sobre o Rap, pois os seus fazedores desistiam em massa. Alguns diziam que a produção e a captação da música tinham um preço acima do que podiam pagar. Mais adiante, também surgiram estúdios domésticos - os famosos Home Studio - que, em certo sentido, facilitaram o trabalho dos rappers praticando preços acessíveis nos serviços que prestavam.

Uma história contemporânea

Nos dias que correm, em Nampula, há muita produção musical a nível do estilo Rap. O drama é que muitos rappers, não obstante o seu activismo, estão "hibernados" no anonimato - o que dificulta o desenvolvimento do sector.

A fraca promoção do estilo associada à inexistência de espectáculos e de intercâmbios artísticos como, por exemplo, a realização de mesas-redondas e workshops de especialidade e a descrença dos mecenases culturais são alguns factores que obstruem o desenvolvimento do Hip Hop em Nampula. Fica-se com a impressão de que o Rap é desvalorizado pela maioria da população.

Todas estas razões movem Celestino Rocha, ou simplesmente Raça Oculta (em Maputo existe Face Oculta, o maior hiphopper dos nossos tempos) de 20 anos de idade, possuindo mais de 20 composições musicais daquele género à conclusão de que "em termos de produção, o Rap está numa boa fase. No entanto, quando se fala sobre a componente promoção, o estilo está estagnado".

De uma ou de outra forma, apesar do capitalismo selvagem que se glorifica no país, Raça Oculta

Esses rappers que fazem arte comercial criam a praga da música sem qualidade nem mensagem e, quando os seus feitos não têm uma boa recepção, refugiam-se na Kizomba e no Zouk.

afirma-se como um verdadeiro rapper, underground, e, por isso, encara o Hip Hop como cultura. Ele não canta para ganhar dinheiro. Quer disseminar a sua mensagem, se bem que, quer quisesse obter benefícios materiais, quer não, em Nampula - onde é difícil sobreviver a fazer música - não há um contexto apropriado. Infelizmente, o que mais arrelia os artistas é a constatação de que tirar o Rap do anonimato, em Nampula, não é uma tarefa fácil, muito em particular, porque reina a cultura da desvalorização dos seus fazedores.

Enquanto isso, como num passado não muito remoto acontecia de forma sistemática em Maputo, na cidade de Nampula, os promotores de eventos musicais - movidos pelo comportamento social das pessoas - continuam a apostar mais em artistas estrangeiros do que nos locais. Isto significa que o nampulense deplora e deprecia a produção artística local e estima a estrangeira. É neste sentido que se encontra algum sentido em desabafos desta natureza: "Os que, categoricamente, dizem que o Rap nampulense não tem qualidade, que venham promover workshops a fim de nos ajudarem a melhorar os aspectos em que é necessário, ao invés de minarem a música e apagarem talentos".

Segundo Ovas Skay, presentemente, em Nampula, o Rap é praticado, circunstancialmente, por cantores que se aproveitam das oportunidades que a ocasião origina. Por isso, o seu trabalho pouco difere de uma espécie de um passatempo. Também existem outros rappers que - além de se dedicarem ao Hip Hop - o defendem como uma cultura. Eles anseiam vê-lo a agendar o debate social da cobertura jornalística da Imprensa cultural, além da cada vez acentuada publicação de trabalhos discográficos.

Desafios da new school

Em Nampula, ou em qualquer parte do país, não é preciso fazer um grande esforço para se visualizarem os obstáculos enfrentados pelos artistas. Como, então, é que eles conseguem persistir? Esta é uma questão que se responde das mais variadas formas - mas o amor que os seus fazedores nutrem pela arte, de forma geral, tem sido a força-motriz que lhes mantém nas actividades culturais. No Hip Hop acontece algo similar.

O grupo The Youngs, composto por quatro jovens estudantes, que representa as tendências da new school do Hip Hop, realiza um conjunto de actividades, mais concentradas na música, mas que concorrem para que o estilo comece a impor-se no seio do povo macua.

Reconhecendo a importância de perceber "o querer como poder", outra verdade mostra que se os The Youngs irão conseguir impor o Hip Hop, no mercado, como cultura e indústria terão de en-

car com frontalidade os altos preços praticados pelas pequenas produtoras para a gravação musical, ou construir, eles próprios, as bases para que se promovam espectáculos de especialidade, bem como a necessidade de se aumentarem as possibilidades de os shows acontecerem num número cada vez mais alargado de casas de pasto. Toda uma estrutura terá de ser construída ou transformada.

É preciso que os rappers consigam lutar contra a ideologia dos detentores do poder - aqueles que, tendo equipamentos para a materialização do seu trabalho, determinam o sim e o não que define o sucesso ou o insucesso da cultura Hip Hop. Afinal, são eles que, ideologicamente orientados, os "forçam" a apostar mais noutros estilos musicais - sobretudo, os facilmente comercializáveis - em detrimento do Rap.

Se se quiser que na chamada capital do norte o Hip Hop conquiste alguma autonomia, na mesma proporção, é importante que se reduza a dependência que a província de Nampula experimenta em relação à capital do país. Afinal, o que acontece agora é que "se um artista nampulense quiser ser bem-sucedido tem de, antes de mais, vir gravar as suas obras em Maputo. Só assim, o mesmo conquista o reconhecimento dos produtores e do público da sua terra natal".

Os nados-mortos

A proliferação de estúdios domésticos de gravação musical, em Nampula, tem estado a impulsionar uma cada vez maior produção no campo da música Rap. O drama é que a qualidade das

referidas músicas está muito aquém do desejado no mercado.

A situação está a causar desentendimento no seio dos rappers. É que enquanto alguns trabalham arduamente durante longos anos para produzir músicas que respeitem os princípios da cultura Hip Hop - sobretudo o da consciencialização - outros geram trabalhos que em nada significam a classe.

É em resultado disso que certos sectores de opinião, em Nampula, duvidam da existência efectiva do Rap. As razões por eles apontadas são simples: a maioria dos rappers tornou-se nómada, actuando como tal nos tempos em que o estilo é bem-sucedido. Do contrário, eles 'prostituem-se' gerando músicas de géneros diferentes, com enfoque para os facilmente comercializáveis. "Esses rappers que fazem arte comercial, criam a praga da música sem qualidade nem mensagem e, quando os seus feitos não têm uma boa recepção, refugiam-se na Kizomba e no Zouk", refere Ovas Skay.

Será, então, em resultado disso que, há quase dez anos, em Nampula não se realiza nenhum espectáculo de Hip Hop, ou, no mínimo, um concerto que envolva um rapper local. Aliás, há quem pense mesmo que nunca houve. As iniciativas que pretendem promover o artista nativo, como o "Meetupe", não diferem de nados-mortos.

“Vai à merda”, diria ela no fim. Assim queria Saramago

Quatro anos depois da morte de José Saramago, chegou esta terça-feira às livrarias portuguesas o romance que o Nobel deixou inacabado Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas.

Texto: Revista Ipsilon

Mesmo antes de o acabar, José Saramago sabia com que frase queria terminar aquele que seria o último romance em que trabalhou e deixou inacabado.

No dia 16 de Setembro de 2009, nas notas que ia escrevendo no seu computador, o Prémio Nobel da Literatura 1998 anotava: “Creio que poderemos vir a ter livro. O primeiro capítulo, refundido, não reescrito, saiu bem, apontando já algumas vias para a tal história ‘humana’. Os caracteres de Felícia e do marido aparecem bastante definidos. O livro terminará com um sonoro ‘Vai à merda’, proferido por ela. Um remate exemplar.”

A obra começou por se chamar Belona (nome da deusa romana da guerra), passou a ser Belona S.A., depois Produtos Belona, S.A. e, por fim, chegou esta terça-feira às livrarias portuguesas com o título Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas, que é retirado da tragicomédia Exortação da Guerra de Gil Vicente. A Porto Editora, que edita a obra, não revela a tiragem desta primeira edição.

A primeira vez que no caderno de José Saramago, que morreu em 2010, aparece a referência a este livro de que deixou escritos e terminados os três capítulos iniciais é no dia 15 de Agosto de 2009. Aí o autor explicava que eram velhas perguntas suas - “porque nunca houve uma greve numa fábrica de armamento?” ou o “que se passa para que a classe operária tão capaz de

lutas não tenha conseguido entrar nos portões duma fábrica de armas?”. Foi essa “preocupação” que “deu pé a uma ideia complementar” que, precisamente, permitiu “o tratamento ficcional do tema”.

Explicava também que “o gancho para arrancar com a história” era uma bomba que não chegou a explodir na Guerra Civil de Espanha, a que Saramago juntou a referência que André Malraux faz no seu L’Espoir a operários de Milão fuzilados por terem sabotado obuses.

Na sessão de lançamento do seu último romance Caim, em 2009, José Saramago anunciou publicamente que estava a escrever um novo livro e explicou mais. Contou que esse morteiro que não rebentou na Guerra Civil de Espanha tinha um papel escrito em português onde se lia: “Esta bomba não rebentará”. Saramago disse que poderia até ter sido um operário da Fábrica de Braço de Prata, em Lisboa, a ousar fazê-lo.

A personagem principal de Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas é Artur Paz Se medo, que trabalha há quase 20 anos nos serviços de facturação de armamento ligeiro e munições de uma histórica fábrica de armamento em Lisboa. É um homem a quem a estreia de um filme de guerra provoca “um alvoroço quase infantil” e que, se não trabalhasse numa fábrica de armamento, “o mais certo é que ainda hoje estivesse a viver, sem outras aspirações, com a sua pacifista Felícia”. (pág.16)

Pilar del Rio, na edição de Setembro da revista Blimunda da Fundação José Saramago, que pode ser descarregada gratuitamente em PDF no site da fundação e traz um dossier sobre este livro, define Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas como um romance sobre as armas e a responsabilidade cívica.

“As personagens que povoam o livro têm discursos e contradições elaborados a partir do convencimento de que não ver é mais rentável do que ver – ou de que a indiferença é mais cômoda que a ação – e da necessidade do conhecimento e da intervenção para



não ser cúmplice com o despropósito da violência. José Saramago escreveu um romance de personagens e situações que se confrontam com a realidade, tantas vezes mais obstinada que as pessoas, por isso não ver faz-se tão dramático”, defende a presidente da Fundação e viúva do escritor.

O livro onde são publicadas as 30 páginas daquele que seria o próximo romance de José Saramago e onde já estão desenhados os dois protagonistas da publicação - Artur Paz Se medo e a sua ex-mulher Felícia - traz na edição portuguesa (que segue a espanhola) ilustrações do Prémio Nobel da Literatura 1999 Günter Grass, notas do caderno de Saramago - onde o escritor ia dando conta do romance que queria escrever - e ainda dois textos, um do biógrafo espanhol de José Saramago, Fernando Gómez Aguilera, e outro do escritor e jornalista italiano Roberto Saviano.

“Na capa da edição portuguesa só aparece parte do título - a palavra ‘Alabardas’ - por questões gráficas e (...) que têm a ver com a edição espanhola”, explicou o director editorial da Porto Editora, Manuel Alberto Valente na sessão de apresentação das novidades da rentrée.

Beyoncé retoca foto de biquíni – e entorta escada



Por obsessão da cantora pela própria, a sua imagem virou piada nas redes sociais nesta quarta e levou a intérprete de ‘All the Single Ladies’, Beyoncé, a apagar a foto do seu site.

Um dos mais conhecidos programas de edição de imagens digitais, pode-se dizer que o

Photoshop tem o poder de mover montanhas. No caso de Beyoncé, o software moveu uma

escada e foi o responsável pelo desaparecimento de uma foto do site oficial da cantora. A americana, famosa pela obsessão dedicada à própria imagem, publicou nesta terça-feira uma fotografia em que descia, toda elegante, o que parecia ser a escada de um iate na Itália, onde tem estado a passar umas merecidas férias depois de enfrentar uma digressão lucrativa e uma enxurrada de boatos sobre uma eventual crise conjugal. O detalhe é que a escada, que Beyoncé desce apenas de biquíni, tem um dos degraus entortados entre as pernas da cantora. Foi só um observador mais atento perceber e apontar o erro na edição da foto para a imagem virar piada nas redes sociais, nesta quarta-feira, quando foi, enfim, detectada pela intérprete de All the Single Ladies.

Não é a primeira vez que Beyoncé faz ajustes nas suas fotos antes de as postar no Instagram e acaba por entronchar objectos ao redor. Em Agosto, os fãs da cantora acharam algo estranho numa imagem em que ela aparecia sentada num sofá, com uma taça de vinho e um telemóvel curvos demais à frente, resultado

de outra provável intervenção nas suas pernas. Recorde-se de que em Abril, a própria perna de Beyoncé foi vítima de um editor desajeitado, que comeu um pedaço da coxa da cantora numa foto.

A obsessão de Beyoncé com a imagem não se limita ao Photoshop. Nalguns casos, ela veta a presença de fotógrafos em shows para evitar fotografias que a desagradem na Imprensa, como aconteceu em São Paulo. Noutros, quando não consegue impedir os fotojornalistas de trabalhar, manda a assessoria retirar do ar as fotos que desaprova.

O facto é que de pouco adianta tanto controlo, pois as fotos menos favoráveis sempre saem – para a alegria dos usuários das redes sociais. Em Fevereiro de 2013, a cantora provocou risos ao ser clicada a fazer caretas enquanto cantava no Super Bowl, no final do campeonato de futebol americano. Em Dezembro do mesmo ano, a intérprete caiu nas graças do povo ao ser fotografada em circunstâncias paradas numa apresentação em Los Angeles.

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



A expressão "lua-de-mel" resulta do facto de que, há mais de 4 mil anos, os habitantes da Babilónia comemoravam este facto durante todo o primeiro mês de casamento. Neste período, o pai da noiva devia fornecer ao genro uma bebida alcoólica feita a partir da fermentação do mel, o hidromel. Como eles contavam a passagem do tempo por meio do calendário lunar, as comemorações ficaram conhecidas por lua-de-mel.

O volume de água do rio Amazonas é maior que o dos oito rios que se lhe seguem em tamanho, juntos, e três vezes maior que o de todos os rios dos Estados Unidos.

Tomar água com açúcar para acalmar os nervos é credice popular. Na verdade, o açúcar é metabolizado pelo organismo e transforma-se em frutose e glicose, duas importantes fontes de energia, que não possuem nenhum poder tranquilizante.

PENSAMENTOS...



- Aprende e serás mestre.
- No maior aperto, a maior destreza.
- Beijo não mata a fome, mas abre o apetite.
- A crítica é fácil, a arte é difícil.
- Árvore velha é difícil de arrancar.
- Assim com virmos faremos.
- Onde entra o beber sai o saber.
- Bens mal ganhos a ninguém enriquecem.
- O tempo faz tudo da sua cor.
- Quem tem mãe é sempre criança.
- Boi morto vaca é.
- Não se faz um buraco para tapar outro.

SAIBA QUE...

Os bebés regurgitam porque, nos primeiros meses de vida, o aparelho digestivo da criança ainda não está totalmente formado. Embora o estômago funcione perfeitamente, o esfínter gastroesofágico – uma válvula situada entre o esôfago e o estômago, que normalmente se fecharia após a

RIR É SAÚDE



O juiz:
- O réu é acusado de ter praticado o crime.

O réu:
- É falso senhor juiz.
O juiz:
- Quatro pessoas viram-no a fazê-lo.

O réu:
- E eu posso citar a V. Ex^a. mais de quatrocentas mil pessoas que não o viram.

Numa sala do Conservatório:

- Porque é que o António fecha os olhos quando canta?
- É para não os ver sofrer.

- Você é uma catástrofe, Maria, e eu tenho de procurar outra criada!
- Oh! Não sabe quanto lhe agradece, minha senhora. Aqui há trabalho para duas.

Uma menina muito tímida apresenta-se para o lugar de criada para todo o serviço. Depois de falar muito com ela, pedir informações e combinar o ordenado, a senhora concorda:

- Está bem. Eu admito-a.

Neste momento, diz o marido:

- Uma última pergunta: gosta de crianças?
- Oh! Sim! - responde a menina. . . Mas lá nisso o senhor pode estar descansado. Nunca me esqueço de tomar a pílula.

- De que vives?

- Dos meus pombos!

- Como?

- Vendo-os de manhã, e à tarde estão sempre de volta...

Um soldado, que prestava serviço fora do seu país, recebeu, certo dia, da sua mulher, a seguinte carta:

"Cultivar todo o nosso quintal é uma tarefa acima das minhas forças; esperarei, pois, pelo teu regresso".

O soldado, num bilhete postal, respondeu:

"Não mexas no quintal. Enterrei lá muito dinheiro".

No correio da região todos leram o bilhete postal, e dali por diante não houve uma única noite sem que alguém viesse, com passos de lá, cavar no quintal. A esperança de achar o tesouro punha a trabalhar, e bem depressa, até aos mais preguiçosos. Em pouco tempo, o quintal estava cavado, revolvido, pronto para qualquer cultura.

A mulher participou o caso ao marido. Este, então, escreveu-lhe:
"Muito bem. Agora semeia batatas".

NESTA SOPA DE PALAVRAS, TENTE ACHAR OS NOMES (APELIDOS) DOS PRESIDENTES DOS SEGUINTE PAÍSES:

· África do Sul · Alemanha · Argélia · Bolívia ·
Bielorrússia · Botsuana · Chade

P	T	B	Z	C	B	E	F	H	A	S	Z	U	M	A	Q	U	E	X	W	D	J	K	L	B	A	P	D	M	G	T
M	O	J	K	Y	T	D	A	G	E	O	A	B	G	P	R	E	C	I	S	A	F	G	Q	S	P	G	A	U	C	K
B	O	U	T	E	F	L	I	K	A	X	O	I	H	P	R	E	S	E	R	V	A	T	Y	R	B	R	W	K	P	P
R	U	G	Q	S	E	T	E	T	V	D	B	K	C	V	M	O	R	A	L	E	S	R	U	C	J	X	R	O	H	H
A	L	U	K	A	S	H	E	N	K	W	A	U	T	A	R	Q	U	I	A	S	T	R	S	W	T	J	E	R	D	
P	R	V	C	S	T	E	F	S	H	R	C	ON	Q	U	I	S	T	A	D	A	J	D	E	Q	K	A	M	A	A	
D	E	B	Y	Q	U	I	T	B	V	I	K	P	E	C	J	D	E	F	L	O	S	T	E	T	V	D	B	K	Y	Y



©FERNANDO REBOUÇAS

HORÓSCOPO - Previsão de 26.09 a 02.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho



leão

22 de Julho a 22 de Agosto



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro



áquario

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As situações relacionadas com dinheiro requerem uma atenção muito especial. Deverão evitar as despesas desnecessárias e, dentro do possível, criarem um "pé-de-meia".

Sentimental: É nesta área que encontrará a paz e o entendimento que tanta falta lhe fazem. Para os nativos deste signo que, tenham uma relação estável, a aproximação será forte. Aqueles que não tiverem par conterão, durante esta semana, alguém que poderá revelar-se importante.

Sentimental: Os nativos do Touro encontrarão esta semana, na área amorosa, momentos que lhes farão esquecer as situações menos agradáveis.

Sentimental: As relações amorosas, para os nativos deste signo, não poderiam ser mais agradáveis. Conhecerão pessoas do sexo oposto que os farão sonhar acordados. No entanto, recomenda-se que se controlem um pouco, que vivam na real, e não façam sofrer quem está com boas intenções.

Sentimental: As relações amorosas, para os nativos deste signo, não deverão constituir, na área financeira, motivo para grandes preocupações. A estabilidade e a tranquilidade deverão manter-se durante estes dias. Aconselhável, se possível, efetuar algumas economias como suporte para períodos, eventualmente, menos bons.

Sentimental: Os nativos femininos deste signo terão uma semana feliz, os masculinos, deverão agir de forma tolerante e aproximar-se mais do seu par.

Sentimental: Os nativos femininos deste signo sentirão no "sétimo céu". A felicidade e a aproximação dos casais serão intensas. Os que não têm compromissos poderão, durante este período, conhecer alguém muito especial.

Sentimental: Este é um período em que os nativos deste signo se sentirão no "sétimo céu". A felicidade e a aproximação dos casais serão intensas. Os que não têm compromissos poderão, durante este período, conhecer alguém muito especial.

Sentimental: Esta semana, na área sentimental, será para si muito gratificante. O diálogo e a aproximação física serão como um bálsamo para o corpo e para a alma. Quem não tem par, pode conhecer alguém muito especial e com características duradouras.

Sentimental: Esta semana, na área sentimental, será para si muito especial. O diálogo e a aproximação física serão como um bálsamo para o corpo e para a alma. Quem não tem par, pode conhecer alguém muito especial e com características duradouras.

Sentimental: Os nativos dos Peixes encontram-se, durante este período extremamente carentes. Assim, dividirão com o seu par as suas ansias e motivações.

Cidadania

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade
CIDADÃO REPORTA:

Incêndio continua consumir o mercado de Vilankulos. Bombeiros com falta de água para lutar contra as chamas. Abílio Machado, o Edil de Vilankulos assiste impotente as chamas que já queimaram pelo menos meia centena de bancas.



Celio Coelho O guebuza comprou 30 barcos, esqueceu-se de comprar um carro de bombeiros? · 22/9 às 22:56

Novais Chelengo Quem fez e quem faz??? A ... · 22/9 às 23:02

Elixa Macuàcuca Polina K lastima · 22/9 às 22:44

Rose Khuni Pobre sempre e vítima. · 22/9 às 22:41

Pedro Firmino Eu Já Estou Farto Desse Governo. Bombeiro Não Ter Água pra Apagar Fogo? Ok! É porque É Ela é que Faz e Desfaz. · Ontem às 6:42

Ragu Ibraimo Assuade Quem faz... É quem desfaz... Foi prometido... E ja esta.... · Ontem às 0:43

Osman Taib Em 40 anos de governacao nunca compraram caros de bombeiros mas cabine duplas de luxe todos eles os chefes tem lamentavel · Ontem às 0:09

Zarex Zaro Algumas pessoas nao percebem, a falta de agua, nao e falta de carros. · Ontem às 9:34

Ernesto Muleia mas carus de campanha sao muitos kkkkk vergonha · Ontem às 0:06

Helio Filemone Inguane Bombeiros do aeroporto nao podem ajudar? · 22/9 às 22:45

Edson Waka Machaieie K vergonha · 22/9 às 22:38

Osvald Feng Chin Manga K pena mew lyndo dixtrito · 22/9 às 22:37

Neves Carlos Langa Ixo so acontece em Mocambique BOMBEIROS sem agua onde ja se viu!! · há 12 horas

Enes Da Cunha Felizardo Nao ha como é a nossa realidade. · há 18 horas

Zarex Zaro Se amanha cair um predio a culpa e da Frelimo ,ou dos moradores? mais voces mocambicanos so sabem criticar, trabalhar e ajudar o proximo nao sabem fazer . · Ontem às 9:46

Socrates Vilanculo Vamox procurar solucao de ajudarmox os noxos compatriotas afectadx pelo incendio e deixemox kistoes politicas pk nap sao da noza Conta,a kntox anos tamos a reclamar mas nunca temox rexpts posetivas?vamox procurar solucao pa ajudarmx por fvr os meus sentimentos pa com os afectadx · Ontem às 9:15

Edson Naiene Que mau · Ontem às 8:39

Zefanias Paulo Comole Que penas é muito triste e lamentável · Ontem às 8:33

Carolina Carlos Valentim K desgraca? bombeiro sem agua nao es bombeiro? · Ontem às 8:23

Pedro Muana Bobo Bobo As mordomias em peso. O povo em xama! Que pena dos cegos que vao votar o contrario! · Ontem às 8:15

Carlos Helio temos k ajudar os irmaos k perderam as mercadorias · Ontem às 8:12

Mateus Francisco Navaia Bombeiros sempre chegam com agua depois do fogo ter deflagrado todas barracas! Parece que isto não é novidade para ninguém! · Ontem às 8:06

Atanasio Frank Pena dos cidadaos de vilanculos. · Ontem às 8:05

Danilo Ossumane Amade Nao sei qual dos mercados, mas os dois nao estao distantes da praia · Ontem às 7:58

Sérgio Francisco Julião Julião Pork k a bombeiros si nao ha agua? Em tdo canto do pais k ter incendio bombeiro fica sem agua serak moçambique tem falta da

Carla Abel Machava Isso parte o coracao de qualqu um, e o governo? O que faz? Esbanja valores com as campanhas e nos como sempre continuaremos apoiando esses feitos, votando nele e compactuando com a

Joao Jordao Jota Tadzer k n tem agua em Vilankulo pra Bombeiro!! Entao pk tem bombeiros ai? · Ontem às 7:25

Mozer Efraime Ubisse Este Governo... honestamente falando; precisa de reforma; o povo já está farto de fantochadas. Votemos pela MUDANÇA. · Ontem às 7:16

Narciso Moises 40 anos? Hi ja estamos em 2015. Como um burro vai reclamar pela governacao se nao conhece a historia do pais dita falsa? · Ontem às 4:56

Celestino Massingue Votem neles · Ontem às 4:45

Inocêncio Guimaraes Özil Lamentável! · 22/9 às 23:27

Ali Alaflo O corpo de salvação publicas em oportante em qualquer ponto de país,a compra de meios deve tambem fszer parte das prioridades mo orçamento g. Estado. È lamentavel · 22/9 às 23:22

Polibio Mazivele E quem que quando promete cumpre? · 22/9 às 23:21

Ema da Silva É triste... · 22/9 às 23:00

Osvald Feng Chin Manga Eh laxtima elixa · 22/9 às 22:46

Helio Filemone Inguane poxa... · 22/9 às 22:45

Rose Khuni Eu so falei k sao eles k fazem. · 22/9 às 22:40

Marido Jose lamentavel · 22/9 às 22:40

Kastel Daniel Macamo Macamo Ish. · 22/9 às 22:36

Fernando Afonso Sousa Teixeira Lembra o incêndio do Mercado de Maputo... há muitos anos! Deus proteja os pobres? · 22/9 às 23:00

Stella Coutinho Nhambe Paz a sua alma k agraca d senhor xteja konsigo · Ontem às 2:52

Taynara Idrice Saide As minhas condolências,paz a sua alma · 2/9 às 22:55

Helio Chivambo R.I.P · Ontem às 7:27

Herminia Manhica Paz a sua alma... · Ontem às 7:11

Abrão Paulo Munguambe Ahhh jesus, ja se mal em Zavala, 1o foi a Resiana e agora mais uma voz femenina q tanto marcou tambem foi se embora. Q Deus a tenha · Ontem às 5:46

Benedito Xavier Paz a sua alma · Ontem às 5:33

Pedro Baloi Sentimentos a familia

etc... Apareceriam cheio · 18/9 às 20:59

Aiasse Amimo Deus nao n lhes desampare ajude os · 20/9 às 19:23

Pheya Pheya Manhique Ki triste phá · 19/9 às 16:23

Ronildo Brifeezy Paulo Que o Senhor tenha misericordia deles. · 19/9 às 13:26

Frejule Ambus Chavane Chavane Que triste meu deus, penso a te deus pai para que apareca um empresario com coracao divino para ajudar estes ermaos desaparado. · 19/9 às 9:23

Mauricio Zaqueu Covane Onde esta o Governo? · 19/9 às 9:19

Joaquim Pombal Que pena!!!!!! · 19/9 às 9:18

Sialusa Simao Buce Que o deus ilumine-nas · 19/9 às 8:35

Pm Bero Alguem ajude os petizes · 19/9 às 8:32

Felix Alexandre Raposo Cade a famosa premiada maria da luz se ela é na verdade defensor das pessoas vulneravel sera k ainda nao sabe? · 19/9 às 6:57

Sérgio Vasco Dengo Triste isso, coitado dx meninos · 19/9 às 5:31

Stella Coutinho Nhambe Paz a sua alma k agraca d senhor xteja konsigo · Ontem às 5:28

Taynara Idrice Saide As minhas condolências,paz a sua alma · 2/9 às 22:55

Helio Chivambo R.I.P · Ontem às 7:27

Herminia Manhica Paz a sua alma... · Ontem às 7:11

Abrão Paulo Munguambe Ahhh jesus, ja se mal em Zavala, 1o foi a Resiana e agora mais uma voz femenina q tanto marcou tambem foi se embora. Q Deus a tenha · Ontem às 5:46

Benedito Xavier Paz a sua alma · Ontem às 5:33

Pedro Baloi Sentimentos a familia

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Três menores de idade, órfãos de pais, vivem desamparados no posto administrativo de Nante, distrito da Maganha da Costa, na província da Zambézia. Desde que a morte separou os petizes dos progenitores, eles encontram-se mergulhados num ambiente de incerteza e deambulam pelas artérias daquela circunscrição geográfica à procura de alimentos para sobreviverem.

<http://www.verdade.co.mz/nacional/49041>

indiferença deste perante casos do genero... · 18/9 às 22:55

Lucas Luis Andrade Langa, eles neste estado é dificil aparecerem os familiares, so se houvissem q sao douctores, governadores.

0:09
Janito Janu Trixte deus k ajude · 18/9 às 22:41

Armando Paiva Monteiro K deus abeçoe e manda anjos da guard pra as crianças · 18/9 às 22:32

José Francisco Narciso Triste · 18/9 às 22:11
Domingos Tivane Triste i doloroso ver crianças nesta situaxao sem nenhuma assistencia.k deus os tenha i lhes de chance d ter uma vida melhor. · 18/9 às 22:11

Esaura Dos Santos Matsimbe O governo tem k tomar conta deles · 18/9 às 21:46

Pedro Sumbana Sumbana muito trist · 18/9 às 20:34

Elidio Langa Mas bm trist mesm, q tal ele n tem tios, avos, primos? cad eses parentes todos. · 18/9 às 20:26

Victor Phiri Deus k dei a maõ. cinto muito por eles. pasei nesta situacaõ. mas grasa a deus k mi ajudou agora estou na RSA. · 18/9 às 20:20

Bom-Fahz Guambe Trist · 18/9 às 19:55
Archade Abechande Triste · 18/9 às 19:19

mocambicana · Ontem às 5:31
Saize London Paz a sua alma · Ontem às 5:28

Lissay Zucula R.I.P · Ontem às 5:25

Francisco Sauta K deus a tenha · Ontem às 5:17
Aderito Moiane Triste · Ontem às 5:14

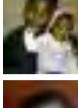
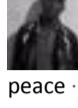
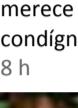
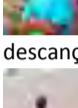
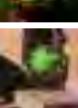
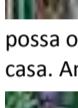
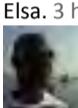
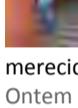
Sergio Samuel Zandamela Paz a sua alma · Ontem às 5:12

Antonio Nhamumbo Meus sentimentos... Descanse em paz... · Ontem às 5:09

Félix Acácio Dunhe paz a sua alma · Ontem às 4:57

continua Pag. 32 →

Cidadania

 Celestino Massingue Sem duvidas a voz ficou pra nós sua alma em paz. · Ontem às 4:54	 Mauro Paulo Muit trist ixxo... Mew sentimentos ha familia 7 h	 Moisés Albazino Simone Alba Que Deus a tenha e proteja. 2 h	 Armando Paiva Monteiro A sua alma descance em paz · Ontem às 10:02	 Edson Borges K a sua alma discanse em paz. · Ontem às 9:03	continuidade ao seu elementar desejo e sabedoria. Bem aja... No caminho da felicidade eterna. · Ontem às 8:27
 Constâncio Vilanculos K a sua alma discanse em paz. · Ontem às 4:53	 Julio Armindo Artur RIP 7 h	 Jossefa Madonda Paz a sua alma. Ela fez muito pela música moçambicana nesta "Pátria Amada", por isso ela merece viver no lugar condigno no reino dos Céus... 8 h	 Amide Jose Cossa Vão- se os dedos ficam os aneis...ela foi original conforme dizia numa das suas musicas... 2 h	 Guilherme Chambe Descansa em paz Elsa. 2 h	 Isilda Timoteo Cuna Descanse em paz · Ontem às 10:02
 Elias António Pururo R.I.P · Ontem às 4:49	 Carlos António Rafael Paz a sua alma · 3 h	 Lloyd Da Ancha Inacio R.i.p 1 h	 Beto Matimbe Meus sentimentos. 2 h	 Marcell Impaciente Bubezinho God rest his soul · Ontem às 9:55	 Francisco Da Paz Emilio K descance em paz, sepre xtara nas memorias e n corações dos moçambicanos. · Ontem às 8:58
 Samuel Elias Cossa Lambike Rip 3 h	 Armando Fenias Nguwenha Que alma descance em paz elsa mangue 4 h	 Alberto Ernesto Zico Paz. 8 h	 Genilson Castigo Julai Paz a sua alma que o senhor a recebe em paz. 9 h	 Paulo Jorge De Oliveira Que Deus lhe deia um eterno descânco 3 h	 Isilda Timoteo Cuna Descanse em paz · Ontem às 10:02
 Aventina Domingos Tembe Paz a sua alma k deus a tenha 5 h	 Osvaldo Amisse Nyath Jr. Paz as 1 h	 Domingos Caetano Descanse em paz. 1 h	 Arlete Victorino Macaringue Paz a sua alma 3 h	 Dito Joaquim Massuanganhe Descanse em paz. 3 h	 Marizha Madina Paz a sua alma · Ontem às 8:49
 Cezaria Viana Sozinho Sozinho K deus a tenhe 6 h	 Pedro Nhassengo Nhassengo Paz s al 2 h	 Elsa 3 h	 Justino Bacelane Guambe Tino Discanse em paz	 Heras Heras Heras Paz à sua alma 3 h	 Claudio Massique Paz sua alma...Moz chorar pelo seu desaparecimento! · Ontem às 8:41
 Pascoal Come Rip 6 h			 Manuel Mulaze Paz a sua alma 3 h	 Valter Chiziane Paz a sua alma!!! que o todo poderoso possa o receber na sua santa casa. Amém · Ontem às 9:31	 Estevao Cruz Paz á sua alma. Saibamos todos dar

Polícia de trânsito no bairro Luís Cabral

Exmos. senhores

De há alguns meses para cá está-se a passar uma situação preocupante na ex-Maquinag, na Estrada Nacional número 1 (EN1), no bairro Luís Cabral, na cidade de Maputo. A nossa Polícia de Trânsito manda parar veículos sem obedecer às mais elementares regras de trânsito. As viaturas que circulam na faixa direita são obrigadas a parar e encostar à esquerda, o que faz com que haja embaraços na fluidez de viaturas, travagens bruscas e acidentes de viação.

A nossa Polícia tem por obrigação zelar pelo fluxo do trânsito e não criar complicações na via pública. Naquela zona não existem bermas nem paragens, além de ser um local impróprio para qualquer tipo de estacionamento de viaturas. Sabemos que a Polícia tem de fazer o seu trabalho, mas que o faça em locais próprios. A 200 metros daquele sítio existe um espaço para os condutores poderem estacionar os seus carros.

Pela segurança de todos.

José Martins

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

FUTURO

A verdade em cada palavra.

 SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

 Email: averdademz@gmail.com

 WhatsApp: 84 399 8634  BBM Pin: 2ACBB9D9

 twitter: @verdadeMZ  facebook: JornalVerdade

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

Caros leitores este espaço é para a sua opinião. Escreva-nos para o endereço Nampula: Avenida 25 de Setembro 57A – Maputo: Av. Paulo Samuel Kamkhomba 83; para o email averdademz@gmail.com ou para os números de SMS 90440. Pode também enviar-nos a sua opinião para o nosso Facebook <https://www.facebook.com/JornalVerdade>.

Aceitamos que nos contactem usando pseudónimos ou sob anonimato - mediante solicitação expressa - porém, sempre indicando o nome completo do remetente, documento de identificação e o seu endereço de contacto.

A redacção reserva-se o direito de publicar ou editar as cartas, sms ou email ou mensagens recebidas.